

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

KEITH DIEGO KURASHIGE

**MARCAS DO DESEJO:
UM ESTUDO SOBRE OS CRITÉRIOS DE “RAÇA” NA SELEÇÃO DE PARCEIROS
EM RELAÇÕES HOMOERÓTICAS MASCULINAS CRIADAS ONLINE NA
CIDADE DE SÃO CARLOS**

SÃO CARLOS

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

KEITH DIEGO KURASHIGE

MARCAS DO DESEJO:

**UM ESTUDO SOBRE OS CRITÉRIOS DE “RAÇA” NA SELEÇÃO DE PARCEIROS
EM RELAÇÕES HOMOERÓTICAS MASCULINAS CRIADAS ONLINE NA
CIDADE DE SÃO CARLOS**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de mestre em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Richard Miskolci.

Financiamento: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

SÃO CARLOS

2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

K96md Kurashige, Keith Diego.
Marcas do desejo : um estudo sobre os critérios de “raça”
na seleção de parceiros em relações homoeróticas
masculinas criadas online na cidade de São Carlos / Keith
Diego Kurashige. -- São Carlos : UFSCar, 2014.
121 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2014.

1. Sociologia. 2. Relações homoeróticas. 3.
Masculinidade. 4. Mídia digital. 5. Racialização. I. Título.

CDD: 301 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

KEITH DIEGO KURASHIGE

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 10 de março de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro
Orientador(a) e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Prof^a Dra. Iara Aparecida Beleli
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
Universidade Federal de São Carlos

Para uso da CPG

Homologado na 45ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em 09/03/14

Prof^a Dra. Jacqueline Sinhoretto
Coordenadora do PPGS

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico não é feita solitariamente, mas conta com o apoio de muitas pessoas. Embora eu não possa transformar todos os meus sentimentos em palavras, menciono aqui meus profundos agradecimentos a todas as pessoas que de algum modo me ajudaram nesta empreitada.

Primeiramente agradeço ao professor Richard Miskolci pela dedicada e generosa orientação, que sem dúvidas, é quem mais contribuiu para o meu crescimento acadêmico. Fico grato pela preocupação de me instruir não só na pesquisa, mas também na minha formação acadêmica em geral.

Agradeço o apoio financeiro da FAPESP, sem a qual esta pesquisa não poderia ter sido conduzida do modo que foi, e pela contribuição inestimável de proporcionar as condições necessárias para a minha participação em eventos acadêmicos, nas quais, contribuíram para o meu crescimento como pesquisador.

Agradeço @s professorxs do PPGS que nutro profundos sentimentos de admiração, André Ricardo, Fábio Sanchez, Jorge Leite, Maria Inês e Jacqueline Sinhoretto, que de algum modo contribuíram para o meu crescimento acadêmico. Em especial, fico grato ao Valter Roberto Silvério e Gabriel de Santis Feltran, que participaram da minha banca de qualificação e trouxeram várias sugestões e críticas que contribuíram para o aprofundamento de minhas reflexões.

Agradeço a participação da professora Iara Aparecida Beleli e novamente o professor Gabriel de Santis Feltran na banca de defesa da dissertação.

Fico grato aos membros do grupo de pesquisa CIS – Corpo, Identidades e Subjetivações que faço parte, em especial a Lara Facioli, Rodrigo Melhardo, Juliana do Prado, Felipe Padilha, Fernando Baliero e Júlia Geld, pelos produtivos diálogos de pesquisa, sugestões e críticas, assim como pela amizade e apoio emocional.

Agradeço aos meus amigos do PPGS, Alexandro Arbarotti, David Esmael, Marcos Roberto Pina, Luiz Henrique, Fernando Pedrazolli, Paulo Ramos, Maria Carolina Schlittler e Glaucia Aparecida por todos esses dois anos de diálogo acadêmico e momentos felizes e tristes.

Agradeço a Carolina Ribeiro pelas suas preciosas revisões de texto;

Agradeço os meus colaboradores de pesquisa, que, embora eu não possa dizer os seus nomes para manter o anonimato, não só forneceram os dados de pesquisa, mas me acolheram e tiveram a paciência de compartilhar um pouco de suas vidas.

Devo registrar o meu agradecimento ao grupo de pesquisa que faço parte LEVS - UFMS (Laboratório de estudos da violência, gênero e Sexualidade), em especial ao professor Aparecido Francisco dos Reis, pela amizade e paciência de acompanhar os meus primeiros passos de pesquisa.

Ao Aparecido Januário, uma pessoa dedicada que admiro muito;

À Bruna Leal, Danilo Édio, Natália Urbieto, Jaine Vicência, Bruno Velasquez, Raiza Anjos, Fabiane Medina e Rafaela Arosti pela amizade que criamos na graduação, e por terem sempre torcido e dado me coragem;

Fico grato à Tamires Cristina, que evitou que eu tivesse surtos, dedicando a mim o seu carinho e estrogonofes;

À Larissa Nascimento, pela companhia em várias madrugadas, e por ter contado as mesmas histórias várias vezes;

Agradeço à “galera do penski” Carlos Xavier, Karen Midori, Thiago Okuyama, Gabriel Agarie, Thiago Machado, Bruno Shiguemoto, Cristiano Kawasoko, Nídia Yoshida e Lucas Watanabe pelos ensinamentos da vida e inestimável carinho.

Ao Shin, Youzou e Heijiro, com quem aprendi o valor da amizade.

Agradeço a Eline Valença, tia Terezinha e Elma por terem me acolhido;

Agradeço ao Felipe Valença por me fazer uma pessoa forte e feliz.

Agradeço a minha avó, que me ensinou o valor da resiliência, e a minha mãe e meu pai, que me apoiaram incondicionalmente com amor, a minha escolha deste trajeto acadêmico que busco seguir.

RESUMO

Esta dissertação apresenta reflexões sobre como novas relações homoeróticas masculinas passaram a ser criadas por meio do uso de mídias digitais, em especial, como e sob quais critérios se dá a busca de parceiros nos bate-papos da internet voltados para o público de uma cidade média do interior paulista. Mostro em especial as formas como as diferenças de “raça” são articuladas e negociadas. Além de contribuir para compreender como estas relações se dão fora dos grandes centros, nos quais historicamente se concentram as pesquisas sobre (homo)sexualidades, este trabalho busca auxiliar no delineamento das características do “armário” na sociedade brasileira contemporânea. A disseminação do uso da internet possibilitou novas formas de interação para as pessoas que buscam se relacionar homoeroticamente mantendo uma imagem heterossexual na vida pública. Dessa forma, um novo regime de visibilidade emergiu, e no contexto sancarlense ele parece ser menos rígido do que a compreensão clássica do “armário”, de que estaria regulando ferreamente o espaço público e o privado de forma a manter o primeiro associado à heterossexualidade relegando as relações homossexuais à vida íntima e, em geral, em segredo. Este trabalho faz uma articulação entre trabalho etnográfico online e também face a face, no qual acompanhei sete colaboradores de pesquisa em seus cotidianos, que compreende interações que duraram de dois a dezoito meses, – transcendendo a tarefa de observar os discursos nas textualizações dos sujeitos nos bate-papos – as corporalidades (articulação do corpo/subjetividade), da importância das mídias digitais em especial os bate-papos em seus cotidianos e como fazem o uso destas plataformas em um contexto de negociação das visibilidades, e busco apresentar como os critérios de seleção de parceiros amorosos e sexuais são marcados pelas diferenças como a de “raça”, sendo essa, indissociável de uma gramática erótica/racial nacional.

Palavras-chave: Homossexualidades, Masculinidades, Mídias Digitais, Racialização

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - A INTERFACE DE CONEXÃO DO MIRC	33
FIGURA 2 - VISUALIZAÇÃO DOS CANAIS DISPONÍVEIS	34
FIGURA 3 - IMERSO NO CANAL: AS PESSOAS INTERAGINDO	34
FIGURA 4 - INTERFACE DO ICQ	35
FIGURA 5 - INTERFACE DO MICROSOFT MESSENGER (MSN)	36
FIGURA 6 - INTERFACE DO MEU SKYPE	37
FIGURA 7 - BATE-PAPO UOL (SALAS POR CIDADE)	38
FIGURA 8 - SALAS DE BATE-PAPO (AS 4 SALAS DE SÃO CARLOS) E O NÚMERO DE PARTICIPANTES	38
FIGURA 9 - OPÇÃO DE VISUALIZAR OS PARTICIPANTES E AS CONVERSAS DA SALA ANTES DE IMERGIR	44
FIGURA 10 - TELA DE ACESSO À SALA	45
FIGURA 11 - IMERSO NA SALA DE BATE-PAPO PARA A INTERAÇÃO	46

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - EXPLICAÇÃO DE JULIANO SOBRE SEU O APELIDO QUE USA NO BATE-PAPO.	84
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 As mídias digitais, as sexualidades e racialidades.....	19
2 Como funcionam os bate-papos: compreendendo a dinâmica	31
3 Da inspiração ao campo.....	49
3.1 Metodologias incorporadas para a pesquisa e reflexões metodológicas	49
3.2 O pesquisador em campo.....	54
3.3 Os sujeitos de pesquisa: como se deram as interações	63
4 O que rege a busca: a lógica do uso dos bate-papos?.....	78
5 A desfragmentação de si em texto e agência.....	88
6 Performatividades e a busca pelo reconhecimento.....	98
7 A negociação das diferenças.....	106
Considerações finais	113
Referências Bibliográficas.....	118

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem como intuito apresentar como novas relações homoeróticas¹ masculinas passaram a ser criadas por meio do uso de mídias digitais, em especial como e sob quais critérios se dá a busca de parceiros nos bate-papos da internet voltados para o público de uma cidade média do interior paulista: São Carlos. Além de contribuir para compreender como estas relações se dão fora dos grandes centros, nos quais, historicamente se concentraram as pesquisas brasileiras sobre (homo)sexualidades, esta pesquisa também pretende auxiliar no delineamento das características do “armário”² na sociedade brasileira contemporânea.

A disseminação do uso da internet possibilitou novas formas de interação para aqueles que buscam se relacionar com pessoas do mesmo sexo mantendo uma imagem heterossexual na vida pública. Um novo “armário” emergiu regulando o espaço público e o privado de forma a manter o primeiro associado à heterossexualidade relegando as relações homossexuais à vida íntima e, em geral, em segredo. Trata-se de um novo regime de visibilidade, pois esta não é mais ancorada exclusivamente em relacionamentos feitos a partir de deslocamentos físicos e encontros pessoais – na qual o risco de ser “descoberto”, sofrer retaliações morais e agressões é iminente –, mas por meio do uso das mídias digitais possibilitando que os relacionamentos homoeróticos sejam criados com segurança, expandindo até mesmo as possibilidades quantitativa e qualitativa de se relacionar com outras pessoas do mesmo gênero. Baseada nos estudos brasileiros sobre sexualidade e na Teoria Queer a pesquisa envolve uma articulação entre trabalho etnográfico online e também face a face buscando reconstituir e compreender critérios de seleção de parceiros indissociáveis de uma gramática erótica nacional.

Os relacionamentos homoeróticos não se dão a partir do nada, como impulsos sexuais ou naturais, mas antes, eles são negociações de diferenças sociais, tais como de gênero, raça e classe, que estão alocadas em uma relação de poder hierarquizada socialmente.

-
- 1 O termo homoerótico busca evitar atribuir uma identidade fixa e/ou estigmatizada àqueles e àquelas que se relacionam amorosa e/ou sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Ele passou a ser usado como uma alternativa ao termo homossexual a partir da obra Jurandir de Freire Costa.
 - 2 A expressão “estar no armário” designa as pessoas que não revelaram sua orientação sexual em um ambiente presumidamente heterossexual, no qual a homossexualidade não é aceita ou pode vir a sofrer sanções. Já “sair do armário” designa o ato de revelar/expor a sua orientação sexual no espaço público, entre amigos e/ou na família. Obviamente, a despeito do “dentro/fora” auxiliar na descrição, o armário é um regime de visibilidade que opera por meio de um difícil exercício de manutenção de uma imagem pública segura, hetero, relegando relações homo ao segredo e à vida privada.

Não se trata de reduzir estes relacionamentos ao sistêmico, no qual as pessoas escolhem os seus parceiros racionalmente/objetivamente, mas antes, essas escolhas são efeitos subjetivos do poder, que nem de perto é coerente. As pessoas podem escolher o parceiro como é esperado socialmente, mas também, elas podem desejar o outro por meio dos efeitos produtivos do poder. Nesse sentido, as diferenças sociais não podem ser reduzidas à opressão, mas elas são paradoxalmente (in)desejáveis. O meu intento não é o de afirmar que os preconceitos e discriminações não existem, mas antes, compreender a própria ambiguidade e contradição em que se encontram as diferenças sociais, ou seja, entre o racismo/classismo/homofobia e o desejo, e como os sujeitos buscam parceiros em relações homoeróticas criadas por meio do uso das mídias digitais.

O principal objetivo desta pesquisa é o de delimitar e apresentar os critérios de seleção de parceiros amorosos ou sexuais do mesmo sexo a partir das interações iniciadas online nas salas de bate-papos voltadas para o público da cidade de São Carlos. Especial atenção foi dada às negociações das diferenças de “cor/raça/etnia” devido à centralidade dos corpos nestas interações, as quais se voltam para a materialização off-line.

As bibliografias levantadas sobre sexualidade, racialidade, articulação das diferenças e interseccionalidades foram contrastadas com os dados empíricos, que foram coletadas por meio de uma etnografia iniciada nos bate-papos por meio de observação e de entrevistas online e posteriormente feitas face-a-face com as pessoas que usam estas mídias. Foram feitas leituras das bibliografias que se aproximam do tema desta pesquisa, e algumas delas incorporadas, e não aplicadas ao campo como uma análise dedutiva. Estas leituras auxiliaram nas formas como a investigação etnográfica é encaminhada, inspirado em estudos similares sobre os afetos criados pelo uso das mídias digitais como a de Richard Miskolci (2012a), Iara Beleli (2012), Larissa Pelúcio (2012), Luiz Felipe Zago (2009), (2013) entre outros.

Leituras como a de Laura Moutinho (2004), Lilia Moritz Swarcz (2012), Ricardo Ribeira (2011), Néstor Perlongher (2005), foram também importantes para uma reflexão sobre como os desejos, em especial os racializados são negociados e forjados historicamente. Para compreender como estes desejos são remodelados por meio do uso das mídias digitais, articulei a bibliografia sobre este tema (na qual a maioria destas reflexões é feita pelos estudos sobre gênero e sexualidade), e adaptei dialogando com os estudos sobre as relações raciais, em especial, o que os meus colaboradores de pesquisa mostram.

Entendo a sexualidade como um dispositivo histórico, em que a “estimulação dos corpos, a intensificação dos saberes, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas

grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1993, p.100). Neste mesmo sentido entendo a racialidade também como um dispositivo forjado historicamente, e que por sua vez, não podem ser pensadas de forma separada à sexualidade em contextos sociais, nas quais foram aferradas pelo poder colonial. Embora as elaborações sobre as sexualidades, como mostrou Michel Foucault (1993), no contexto europeu, estivessem preocupadas com a coerência da reprodução da família burguesa, no contexto como o brasileiro:

a preocupação coletiva com a sexualidade emergiria na intersecção de discursos políticos, científicos e literários sobre a nação brasileira que seguiam objetivos como o de branqueamento/civilização de nosso povo por práticas claramente discriminatórias ou formas sutis de rejeição, disciplinamento e controle das relações íntimas, particularmente as afetivas e sexuais, conformadas ao ideal reprodutivo (portanto heterossexual), branco e viril (MISKOLCI, 2012b, p. 42).

Os mecanismos de regulação e controle sobre as sexualidades e as racialidades surtiram efeitos: vivências das sexualidades além daquelas destinadas à reprodução foram naturalizadas como impuras e ilícitas e as pessoas racializadas passaram a ser vistas como o lócus da violência e da decadência do desenvolvimento da nação. Não houve uma ruptura radical, e nem sequer os mecanismos de regulação sexo/racial desapareceram com o aprimoramento da democratização. Por consequência do desejo colonial, esta relação articulada continua a ser reproduzida e repetida, não apenas como uma violência explícita, mas também por meios subjetivos complexos, como na esfera da negociação dos desejos.

Robert Young (2005), em “O colonialismo e a máquina desejanter”, mostra que o real trabalho da disseminação colonial foi por meio de um “incontrolável gasto de uma ‘economia espermática’ [e] fechado na máquina do desejo” (p.220). Segundo o autor, “encerrado dentro das dissertações científicas sobre a raça, um pressuposto central (e fantasia paranoica) foi incessantemente repetido: o incontrolável vigor das raças não-brancas e sua ilimitada fertilidade.” (p.220). O que parecia surpreendente segundo o pensador pós-colonial, não era o poder da outra sexualidade como “promíscua”, “devassa” e primitiva, mas antes de uma visão extraordinária de uma ilimitada “fecundidade deliciosa”, que

somente adquire sentido através de seu quadro voyeurístico de relação sexual arrebatada, interminável, de união, fusão, mistura *entre raças*. No seu cerne, essa teoria racial projetou uma fantasmagoria da máquina de desejo como uma fábrica de pessoas. (YOUNG, 2005, p.221).

As teorias raciais do século XIX, segundo Young (2005), “não consistem apenas em diferenciações absolutas entre o eu e o outro: elas também estavam fascinadas com pessoas

fazendo sexo – sexo infundável, adúltero, ilícito, inter-racial.” (p.221). Para o autor, como consequência dos modos de troca econômica que constituíram as bases coloniais a troca econômica e a troca sexual foram intimamente ligadas. Portanto,

foi inteiramente adequado que a troca sexual (e seu produto miscigenado), que capta as relações de poder violentas, antagônicas da difusão sexual e cultural, viesse a se tornar o paradigma dominante por meio do qual o apaixonado comércio econômico e político do colonialismo foram concebidos. Talvez isso comece a explicar por que nossas próprias formas de racismo permanecem tão intimamente ligadas a sexualidade e o desejo. (YOUNG, 2005, p.222)

Compreendo raça não como um atributo natural ou essencial, mas antes, a partir da ideia de racialização. Valter Silvério (2013), mostra que a

ideia contemporânea de “racialização” ou “formação de raça” se baseia no argumento de que a raça é uma construção social e categoria não universal ou essencial da biologia. Raças não existem fora da representação. Em vez disso, elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político. O conceito de racialização refere-se aos casos em que as relações sociais entre as pessoas foram estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas (SILVÉRIO, 2013, p.34).

Por meio de uma perspectiva similar, considero que o sexo não é inerente aos corpos. Gayle Rubin (s/d) sistematizou e teorizou de forma bastante promissora sobre a culturalização do sexo. Rubin fez uma reflexão sobre o sistema sexo/gênero que é “uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas.” (RUBIN, s/d, p.3). A autora mostra que existe um sexo e que a cultura cria valores sobre o sexo de forma desigual.

Judith Butler (2010), que leu de modo bastante crítico a obra de Rubin (s/d), aprofunda as reflexões desestabilizando a matriz de significado onde não há nada de natural nem no sexo nem no gênero – de modo diferente de Rubin (s/d) que dizia que existia um sexo e que a sociedade dava a ele valores. Desse modo, Butler desconstrói as fábulas de gênero. Primeiramente desconstrói a ideia de que o sexo é biológico e o gênero é social, noção esta, que está baseada em grande peso na história da teoria feminista. Para Butler é justamente o gênero que deve ser desconstruído, pois é concebido como essência das categorias que existem somente dentro da metafísica, problematizando deste modo, o gênero que acaba se tornando um destino. Para fugirmos dos essencialismos que fixam as regras de comportamento e de desejo, é interessante pensar, segundo a autora, em performatividade de

gênero, onde o sexo é “materializado” reinscrevendo as fronteiras do corpo” (BUTLER, 2010, p.190). O gênero não é um atributo flutuante, pois o seu “efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero.” (p.48). Portanto, conclui-se que o gênero é performativamente construído e não simplesmente apresentado de forma dada. Deste modo, simplesmente afirmar que uma pessoa se constrói mulher ou homem, é um equívoco, pois ao nascer, a pessoa é “obrigada” socialmente a ter o gênero de acordo com seu sexo biológico, ou seja, a mulher/feminino e o homem/masculino. Deste modo, conforme Butler indica, levo em consideração que em nossa sociedade a heterossexualidade é compulsória, – que é um sistema de regulação das sexualidades limitando as fronteiras do comportamento das sexualidades consideradas abjetas e limitado pelo seu binarismo homem/mulher – pois performativamente espera-se que todos se comportem de acordo com seu gênero.

Butler (2010) se atenta nas ordens dos discursos guiados pela heterossexualidade compulsória, e elucida que, para que a heterossexualidade “permaneça intacta como forma social distinta, ela exige uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível.” (p.116). Nessa análise, a autora mostra que o poder pode excluir ou incluir o que seja compreensível nos termos culturais dominantes, portanto é um efeito do discurso. Para Butler, estar fora

do Simbólico e servir como lócus de subversão, é, na verdade, uma construção nos termos deste discurso constitutivo, a construção de um “fora”, que todavia está completamente “dentro”, não de uma possibilidade além da cultura, mas de uma possibilidade cultural concreta que é recusada e redescrita como impossível. (BUTLER, 2010, p. 116).

Nesse sentido compreendo a homofobia, não como um termo que designa de modo naturalizado a aversão, preconceito, fobia e violência contra as pessoas homo-orientandas, mas antes

a partir de reflexões sobre as relações de poder e os processos de produção de diferenças culturais, em que se examinam e se assinalam os *indissociáveis* vínculos entre homofobia e processos de construção de padrões relacionais, preconceitos e mecanismos discriminatórios relativos a questões de gênero e à dominação masculina. Afinal, demonstram, a matriz a partir da qual se constroem preconceitos e se desencadeiam discriminações homofóbicas é a mesma em que se estrutura o campo de disputas nas quais se definem socialmente o masculino (e as masculinidades), o feminino (e a feminilidades), como também o neutro, o ambíguo, o fronteiro ou o semovente. (JUNQUEIRA, 2007, p.7)

É na íntima relação entre homofobia e as normas de gênero que “se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, quanto em atitudes, edificação de hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios” (JUNQUEIRA, 2007, p.8). Conclui o autor que deste modo,

a noção de homofobia pode ser estendida para se referir a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas (homossexuais ou não) cujas *performances* e ou *expressões* de gênero (gostos, estilos, comportamentos etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas. (JUNQUEIRA, 2007, p.8-9)

A partir destas noções, considerando que a sexualidade, assim como a racialidade, são contingentes em suas formas e articulações, esta pesquisa tem como intuito fazer compreender a partir de uma analítica do poder as questões que tangem estas categorias sociais no campo off-line, as quais refletem-se nas formas de interação on-line. Compreendendo a agência como a forma como os sujeitos agem e reagem aos contextos sociais em que se inserem, é do interesse desta pesquisa apresentar um estudo sobre o paradoxo em que se encontram os corpos racializados, ou seja, entre o racismo e o desejo, e descobrir como estes agenciam ou não a racialidade. A pesquisa de campo busca prover descrições e análises sobre as formas como são feitas as negociações desses marcadores sociais da diferença quando o objetivo for o de arranjar parceiros sexuais/amorosos na internet. Esta pesquisa se insere, portanto, na investigação dos eixos de desigualdade social, que delimitam ou até impedem a concretização de relacionamentos amorosos/sexuais.

Não busco compreender as essencialidades, muito menos as identidades, mas antes, tento compreender como em uma relação de poder, as corporalidades são forjadas e negociadas. Não existe uma identidade fixa e imutável. A identidade é uma

sedimentação através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sedimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Elas [as identidades sociais] são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). (HALL, 1997, p.8)

Nesse sentido, Stuart Hall mostra que as nossas subjetividades são produzidas de forma discursiva e dialógica, e a compreensão que temos desse processo teve que ser totalmente reconstruída quando o foco passa ser a cultura. O modo tradicional de distinguir o

“interior” e o “exterior”, entre o psíquico e o social se torna, deste modo, cada vez mais difícil de separar quando a cultura intervém.

O sociólogo mostra que as nossas concepções sobre cultura vêm mudando ao longo das últimas décadas. Elas não são mais centralizadas apenas em questões econômicas, mas antes, passam a ser vistas como uma condição constitutiva da vida social, o que provoca mudanças de paradigmas nas ciências humanas e sociais. A própria esfera da linguagem e dos significados começa a ser trabalhada como relações discursivas. Essa “virada cultural” pós-década de 1960, pela qual a cultura toma a centralidade, não se trata de uma ruptura total, mas antes, “reconfigurações de elementos, alguns dos quais sempre estiveram presentes na análise sociológica, agora associada a novos elementos” (HALL, 1997, p.11) de modo substantivo, e não mais como elemento de integração ao restante do sistema social.

Embora seja questionável datar, é a partir da “virada cultural” (com os *novos movimentos sociais*³ que emergem a partir da década de 1960) que se denuncia, pela chave das diferenças, uma ordem cultural que classifica e hierarquiza as pessoas. O racismo, a homofobia e o sexismo – entre outros – passam a ser questionados não mais somente pela chave liberalista, mas desta vez, como diferenças.

As teorias sociais englobavam as realidades sociais em categorias universais – a de um homem branco, burguês e europeu –, mas após a década de 1960⁴, por meio de novas perspectivas atentas a relações de poder, puderam ser sublinhadas na realidade social as questões das diferenças, que antes ficavam aprisionadas sob algumas lentes sociológicas. As diferenças sempre existiram, é claro, mas com a aceleração das trocas de significados culturais nas últimas décadas, foi possível que novas formas de subjetividades se fortalecessem, e, assim, pensar a partir das diferenças sociais em uma relação de poder e articulação, não somente econômicas, passou a por em cheque os discursos hegemônicos.

São colocados em questão, portanto, uma

série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise de identidade nas sociedades contemporâneas. A discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo nos levou a

3 Stuart Hall considerou que estes movimentos sociais eram novos a partir de suas observações a partir do contexto britânico e datou que aconteceram em 1960, fato questionável por deixar de considerar outros movimentos sociais que já vinham ganhando força pós segunda Guerra Mundial no contexto norte-americano antes mesmo de 1960.

4 Se na esfera pública, desde a década de 1960, há uma luta contra as desigualdades engendradas por diferenças, a esfera da intimidade continua refratária às mudanças reproduzindo mais do que mudando essas relações.

uma análise da importância da diferença e das oposições na construção de posições de identidade. (WOODWARD, 2008, p.67).

Com a ascensão da globalização, as diferenças sociais que não tinham poder de contestar as identidades hegemônicas ganham visibilidade, que segundo Stuart Hall (2011), junto com a tendência homogeneizante, existe a “proliferação subalterna da diferença” (p.57). Para o autor “o ‘eixo’ vertical do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças ‘locais’ as quais o ‘global-vertical’ é obrigado a considerar.” (p.57).

O sociólogo Sérgio Costa (2006) mostra que “em contraposição às construções identitárias homogeneizadoras que buscam aprisionar e localizar a cultura, coloca-se a ideia de diferença, articulada, contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais” (p.92). As diferenças não têm, segundo o autor, “o sentido de herança biológica ou cultural, nem de reprodução de uma pertença simbólica conferida pelo local de nascimento, de moradia ou pela inserção social, cultural, etc.” (p.92). A diferença é “construída no processo mesmo de sua manifestação [...] é um fluxo de representações, articuladas ad hoc, nas entrelinhas das identidades externas totalizantes e essencialistas – a nação, a classe operária, os negros, os migrantes, etc.” (p.92). A diferença nesse sentido

Remete ao excedente de sentido que não foi, nem pode ser significado e representado nas diferenciações binárias. Isso não deve sugerir um novo binarismo entre, de um lado, uma realidade completa anterior, como o ser anterior pré-linguístico e, de outro, sua representação linguística, parcial, reduzida. Não há uma realidade anterior ao discurso, a realidade social é construída pela linguagem e, nesse sentido, a *différance* só pode se constituir na órbita do discurso. [...] A diferença é, aqui, uma “categoria enunciativa” (COSTA, 2006, p.98-99).

Costa (2006) mostra que os discursos produzem um “lugar para o sujeito” e, na medida em que nos posicionamos, os discursos ganham sentido, e, desta forma, “nos tornamos sujeitos, frente ao regime de verdade que uma determinada formação discursiva estabelece” (p.103). No entanto, o sociólogo mostra que esse posicionamento não se confunde com a autonomia e intenção do sujeito; ainda assim, “permite, conforme Hall, identificar um momento no processo de produção do *self*, marcado pela autoconstituição, pela *subjectification*.” (p.103).

Conforme sugere a proposta pós-colonial de Costa, busco compreender analiticamente a “relação entre sujeito e discurso e identificar o espaço de criatividade do sujeito” (p.109) no âmbito da minha pesquisa, que tenta compreender as diferenças locais no contexto do uso das mídias digitais na cidade de São Carlos. Deste modo, concretizar essa

proposta pode ajudar a delinear como, em uma relação de poder, são construídas as múltiplas corporalidades (corporeidades + subjetividades), por consequências drásticas da colonização que está articulada, como vimos, com a regulação e controle da sexualidade, e pensar como as subjetividades estão sendo forjadas pelo uso das mídias digitais, em especial, nas relações homoeróticas masculinas criadas por meio do uso dos bate-papos no contexto do interior paulista.

Para a minha pesquisa, que estudou os critérios de “cor/raça/etnia” na seleção de parceiros homoeróticos masculinos desenvolvidos on-line, em especial nos bate-papos voltados para o público de São Carlos, fiz longas imersões etnográficas em plataformas de bate-papo pelo menos três vezes por semana durante os dois anos de realização da pesquisa, assim como pesquisei off-line, onde acompanhei o dia a dia dos meus sete colaboradores de pesquisa que conheci na interação nos bate-papos. Resumidamente, - já que irei apresentá-los um por um mais adiante - interagi com dois desses sujeitos de pesquisa que se consideram “morenos” durante dezoito meses, um “negro” durante dois meses, um “japa” durante cinco meses e os outros três “brancos” durante dois meses. De modo geral, apenas dois desses sujeitos tem mais de 29 anos de idade, e o restante tem entre 21 e 25 anos de idade. Os colaboradores que se declararam “brancos” e “japa” são universitários e não se preocupam com a situação financeira, ou porque recebem o apoio da família ou porque tem uma poupança no banco e recebem bolsas de pós-graduação. Os outros não são universitários, moram com a família e trabalham, um no comércio de roupas e o outro em serviços de hotelaria, com exceção do colaborador que tem 35 anos de idade que tem o ensino superior completo e é funcionário público.

Observei em minhas intensas interações off-line em seus cotidianos – transcendendo a tarefa de observar os discursos nas textualizações dos sujeitos nos bate-papos – as corporalidades (articulação do corpo/subjetividade), a importância das mídias digitais em especial os bate-papos em seus cotidianos e o modo como fazem o uso destas plataformas. A forma como documentei os dados colhidos on-line foram em sua maioria no meu diário de campo, de forma que as minhas impressões e o contexto foram anotados em minhas observações e interações.

Distanciando-me de pesquisas, na qual o pesquisador costumava se posicionar como um investigador, na qual este pergunta e os entrevistados respondem sistematicamente, percebi que este método não funcionava em meu campo. Foi necessário fazer trocas intersubjetivas com meus colaboradores para ganhar sua confiança e conseguir dialogar com eles. No contexto de homens que vivenciam sua homossexualidade predominantemente em

segredo ou, ao menos, de forma discreta, não seria possível adentrar sob uma postura tradicional de “pesquisador”. Mesmo porque não apenas pesquisei esse contexto, mas nele também fui “lido” ou observado por meus próprios colaboradores. Afirmo isso porque ficou claro para mim como eles estão habituados à vigilância construída historicamente para o controle das homossexualidades em um contexto social heterossexista e homofóbico. É o papel desconfortável de tornar público os desejos criados em segredo que o pesquisador assume. Para não me posicionar ao lado do poder, para não criar saberes infectados em tornar público os desejos pessoais dos participantes, me distancio da posição de quem investiga buscando ser aquele que participa e fala por meio deles.

Um dos primeiros aspectos que a investigação corroborou é o fato já apontado por quase todos/as os/as pesquisadores de mídias digitais como Miskolci (2013), Beleli (2013), Lara Facioli (2013), de que o on/off-line não pode ser pensado de forma separada. Elas não são esferas autônomas, mas antes interdependentes. Procurei, como forma de equilibrar essa relação, ir além de uma etnografia de bate-papo, a qual correria risco de essencializar as relações em uma leitura simplista de que as relações ali constituídas seriam “virtuais”, distintas e/ou distanciadas do efetivamente vivido. Assim, uni à etnografia online uma off-line para captar as forças sociais que permeiam os sujeitos que fazem o uso desta plataforma.

Pelo diálogo crítico entre as teorias sociais e o campo é que pretendo criar uma análise sociológica, que não tem a pretensão de acatar inteiramente as teorias sociais forjadas em outros contextos, nem tomar por dado definitivo as minhas etnografias. Neste sentido, tento criar um “meio-termo”, evitando análises dedutivas a partir de conceitos, o que “achataria” e colonizaria as explicações contextualizadas, ofuscando uma miríade de diferenças sociais que o campo mostra, assim como não me restrinjo a criar explicações etnográficas sobre as relações sociais que estão se dando, já que elas correspondem a esferas sociais mais amplas.

Apresentarei no primeiro capítulo um panorama geral sobre as mídias digitais e a articulação com as sexualidades e racialidades, na qual justificarei de modo sucinto como os relacionamentos homoeróticos que buscavam ser feitos em segredo a partir de espaços físicos de sociabilidade encontram nas mídias digitais uma forma de buscar outros homens como forma de evitar retaliações morais. Essas buscas não se dão a partir do nada, mas antes são pautadas em diferenças sociais como a racial, que está intimamente articulada à sexualidade.

No segundo capítulo “Como funcionam os bate-papos: compreendendo a dinâmica” busco apresentar de modo geral, como as interações estão se dando por meio do uso dos bate-papos no contexto sancarlense, mostrando as suas dinâmicas e o funcionamento dessas

mídias. Este capítulo foi necessário como uma forma de contextualizar sob qual pano de fundo os meus colaboradores de pesquisa se relacionam.

O terceiro capítulo, metodológico, está separado em três sub-tópicos. Em “Metodologias incorporadas para a pesquisa e reflexões metodológicas” faço uma breve contextualização de algumas metodologias existentes que julguei ter afinidade com o tema da minha pesquisa, o que de certo modo tomei como ponto de partida para as próximas reflexões que são feitas mais detidamente. Exponho também, as minhas reflexões que levo como um “guia flexível” para a minha pesquisa de campo. Em “O pesquisador em campo”, levanto uma discussão necessária sobre o uso da corporalidade e das experiências pessoais do pesquisador. Por fim, em “Os sujeitos de pesquisa: como se deram as interações” apresento os meus colaboradores de pesquisa Juliano, Rafael, Gustavo, Miguel, Guilherme, Jorge e Ricardo mostrando os passos que percorri para firmarmos as interações de modo que eu pudesse fazer trocas intersubjetivas com os sujeitos da pesquisa.

No capítulo seguinte, intitulado “O que rege a busca: a lógica do uso dos bate-papos”, busco discutir se existe ou não uma lógica mercadológica, e compreender quais critérios pautados em diferenças sociais regem as buscas desejantes a partir da fala de dois colaboradores de pesquisa.

Em “A desfragmentação de si em texto e agência” busco apontar que os sujeitos não estão ferreamente presos em hierarquias sociais, mas eles agenciam as suas marcas das diferenças. Conto, para isso, com o auxílio de três colaboradores de pesquisa para fazer uma reflexão teórica e delinear como se dão os agenciamentos.

Afirmar que os sujeitos agenciam por agenciar não faz sentido se não compreendermos essa agência como uma busca por algo. Em “Performatividade e a busca pelo reconhecimento” discutirei como os discursos criam também corporalidades, e as formas de agenciamento que se dão partir dos repertórios culturais de dois dos meus colaboradores de pesquisa que buscam ser reconhecidos socialmente.

Em a “A negociação das diferenças”, farei uma discussão sobre como a desigualdade nas relações sociais levam as pessoas a reconstruírem suas formas de subjetivar, já que elas são dinâmicas, capazes de mudar, reagir e de se transformar, mas mostro também que elas podem até mesmo destruir subjetividades. Não se trata de um capítulo em que farei apontamentos vitimizadores, mas mostrarei como, em contraste a alguns colaboradores que podem ter a “branquitude”, os outros colaboradores de minha pesquisa que são racializados socialmente se agenciam e estão entre a ambivalência do (in)desejável.

E por fim, em “Considerações finais” faço alguns apontamentos conclusivos sobre as formas como estão se dando os relacionamentos a partir do uso das mídias digitais, em especial os bate-papos voltados ao público da cidade de São Carlos.

1 AS MÍDIAS DIGITAIS, AS SEXUALIDADES E RACIALIDADES

As mídias digitais trouxeram consigo uma vasta gama de possibilidades de interações entre as pessoas, e neste contexto, as relações homoeróticas também são redesenhadas. O armário, que exerce uma forma de controle e regulação entre o binômio heterossexual (público) e homossexual (privado), ampliou as suas portas na internet inaugurando um novo meio de sociabilidade homoerótica. Neste sentido Miskolci mostra que

a internet ampliou o armário duplamente: por ter introduzido nele muitos que jamais explicitaram desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem graças ao anonimato – e também porque a maioria das relações forjadas online já surge secretamente. [...] O armário ainda parece ser o mecanismo de controle de suas vidas, no fundo, solitárias, já que vividas em um limbo comprimido entre a socialmente aceita e a secreta, em que tentam alocar seus desejos, prazeres e sonhos. (MISKOLCI, 2009, p.188).

As interações homoeróticas que eram possíveis basicamente em espaços físicos como bares, cafés, saunas e banheiros públicos, ganham novos meios de interações com as mídias digitais. A mídia digital “não só expandiu o closet, mas também tende a transformá-lo ao oferecer oportunidades e alternativas de socialização impensáveis para gerações anteriores” (MISKOLCI, 2009, p. 188).

Nos sites de relacionamento e nas plataformas de busca de parceiros amorosos e sexuais, homens podem interagir de forma anônima driblando julgamentos morais de familiares e amigos. Segundo Illouz (2011), as mídias digitais podem colocar as pessoas que buscam se relacionar com outras pessoas em um mercado erótico⁵. Requisitadas a textualizar seus atributos corporais e psicológicos, as pessoas fazem uma intensa autorreflexão sobre si mesmas e isto possibilita identificar-se de forma positiva com categorias que melhorariam a sua imagem para estar em vantagem neste mercado erótico. Isto se dá por causa de uma comodificação do corpo que está em aparente sensação de competição com outros corpos desejantes, pois segundo a autora, nessas plataformas é possível que as pessoas que estão buscando relacionamentos estejam visíveis, o que é diferente do contexto off-line, na qual as pessoas se sentem como únicas ao se relacionar.

5 Como veremos mais adiante, discordo parcialmente da afirmação de Illouz, que aponta existir um “mercado erótico”. A dinâmica do uso dos bate-papos aponta que os relacionamentos estão se dando por meio de uma economia de escassez, fato que também parece apontar o estudo do mestrando Felipe Padilha, membro do CIS e orientado pelo prof. Richard Miskolci – PPGS UFSCar, que busca compreender as negociações do “segredo” nos relacionamentos homoeróticos que estão se dando por meio de aplicativos de celular com geolocalizadores, tais como Grindr, Scruff e Hornet no contexto da cidade de São Carlos.

Até recentemente, fazer um estudo com o uso de mídias digitais tendia a ser algo desvalorizado academicamente, visto que as pesquisas sociológicas e antropológicas tinham como núcleo análises baseadas em experiências que hoje chamamos de off-line. A metodologia de separar sujeito e objeto se torna ainda mais tensionada, já que para se fazer uma interação on-line o pesquisador é forçado a fazer trocas intersubjetivas com o pesquisado que, em outros contextos, dificilmente seriam possíveis. Refiro-me aqui ao fato de que a pesquisa já começa a partir do íntimo dos colaboradores, de seus desejos e relacionamentos mais pessoais, frequentemente secretos até.

Os meios de comunicação se desenvolveram ao longo dos tempos possibilitando diversas formas de interação entre as pessoas. A rede interligada de computadores, mais conhecida como internet, foi um dos adventos mais relevantes de nossa sociedade contemporânea, que segundo Richard Miskolci (2013, p.43) teve seu uso comercial expandido no Brasil a partir de 1997, sendo assim, um fenômeno recente.

Segundo o sociólogo (p.43), os computadores pessoais entraram em cena na década de 1980, e somadas às novas invenções tecnológicas possibilitaram que elas fossem conectadas por meio de telefones pessoais, que possibilitaram o uso comercial da internet na década de 1990. No Brasil, isto ocorreu um pouco mais tarde, pois, ao contrário dos países considerados “centrais”, onde os telefones residenciais se tornaram comuns a partir da década de 1950, no Brasil os telefones residenciais mantiveram-se caros, e eram encontrados apenas nas casas das classes mais altas até os anos de 1980. A privatização dos meios de comunicação na década de 1990 proporcionou um expressivo aumento de acesso a linhas telefônicas, aumentando os serviços de internet comercial que foram se acentuando a partir de 1997.

O autor afirma que o ano de 1997 também é um ano crucial para a compreensão deste novo cenário no contexto das homossexualidades brasileiras, pois é um ano marcado por vários eventos significativos, como o surgimento comercial da internet, a distribuição gratuita de medicamentos para o tratamento do HIV, e também por se tratar do ano em que a parada do Orgulho Gay de São Paulo ganhou um destaque mundial. Estes fatos são associados a uma virada histórica, na forma como a sociedade brasileira compreende o universo das homossexualidades. A internet tornou possível a criação de redes relacionais de pessoas que viviam seus desejos predominantemente em segredo, e, além disso, o tratamento com medicamentos de AIDS começou, pouco a pouco, a diminuir o pânico sexual que tinha surgido em torno da epidemia, o que trouxe uma nova forma de ver a doença, não mais como fatal, mas como crônica e que podia ser tratada.

O ano de 1997 foi, portanto, o ano em que as pessoas passaram a experimentar “formas mais positivas da visibilidade política e da mídia, e aqueles que nasceram e foram criados dentro deste novo cenário” (MISKOLCI, 2013, p. 44).

Desde o seu surgimento, as mídias digitais continuam sendo desenvolvidas e disseminadas pelo mundo e elas podem ser usadas, adaptadas e criadas de diversos modos. As pessoas podem hoje criar diários virtuais, participar de fóruns de discussão, criar “comunidades” e até desenvolver páginas pessoais. Nestes novos tempos da internet os novos “sujeitos” estão sendo redesenhados. Segundo Paula Sibilia (2008): “A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades” (p.27). Essas novas formas de comunicação deslocaram as formas como nos relacionamos e sentimos. Scherry Turkle (2011) mostra que as gerações que cresceram usando as novas mídias, aprenderam até mesmo a sentir por meio dela, ou melhor, “é onde os sentimentos nascem” (p.197).

É claro que a realidade brasileira, onde a difusão da internet aconteceu recentemente, é muito distinta em relação ao contexto norte-americano estudado por Turkle. No caso brasileiro, onde a desigualdade econômica ainda é grande, nem todos podem acessar a internet e experimentar de modo intenso as novas formas de se emocionar como mostrou Turkle. Embora as mídias digitais sejam consideradas pelo meu campo de pesquisa como um meio que “facilita” e “ajuda” as pessoas se relacionarem homoeroticamente, nem todas tem condições sociais para usa-la como uma ferramenta para buscar parceiros, o que os deixa em uma relativa desvantagem.

A sexualidade não pode ser compreendida de forma isolada e a-histórica. A forma que ela toma é contingente e influenciada pelos contextos sociais e históricos específicos. Para se pensar a sexualidade, portanto, é necessário levar em consideração as formas específicas de sua construção, o que, no presente, envolve atentar para a forma como ela se articula com a disseminação das mídias digitais. O uso das mídias digitais transformou o modo de se relacionar entre as pessoas. Na esfera das homossexualidades, ela incorporou e disseminou um fenômeno que funcionava por outras mídias a exemplo dos “anúncios publicados em jornais há pelo menos 30 anos [os quais] evidenciam que a busca de parceiros/as não se dá somente nas interações face-a-face” (BELELI, 2012, p.1-2).

Richard Miskolci (2012a, p.4) afirma que seu uso possibilitou a formação de uma nova forma de sociabilidade em rede, a qual, além de ser instantânea e em tempo real, permite conectar pessoas a partir de interesses eróticos ainda não reconhecidos ou permitidos na maior

parte da esfera pública. Neste sentido, segundo o sociólogo, a internet permitiu a formação de novas redes desejanças cujas características ainda precisamos reconstituir e compreender.

No caso desta pesquisa, que tem como foco as relações homoeróticas, pretendo contribuir para desfazer a crença de que as relações por meio das mídias digitais seriam descorporificadas.

Eva Illouz (2011) mostra que diferentemente do discurso de que existe uma ausência do corpo online, o que permitiria que as emoções surgissem de um “eu” mais autêntico, descorporificado, na verdade, a internet é um meio em que as emoções, em especial as amorosas, estão fortemente ancoradas no corpo, o qual protagoniza as interações criadas nas mídias digitais: “as palmas das mãos suadas, o coração disparado, [...] as lágrimas, a gagueira, tudo isso são apenas alguns exemplos dos modos pelos quais o corpo está profundamente envolvido na experiência dos afetos, e do amor em particular” (ILLOUZ, 2011, p. 109).

Tratando melhor sobre a questão da corporalidade, Miskolci mostra a partir de seu estudo no contexto paulista que

on-line, as pessoas lidam com seus contatos de uma maneira um pouco despersonalizada. Acima de tudo, a avaliação de outra pessoa segue padrões e exigências mais elevadas, e mais difíceis de cumprir os rígidos padrões corporais do que em cenários off-line. Assim, em vez de constituir uma média “descorporificação”, as mídias digitais revelam-se como altamente focadas na corporalidade. (MISKOLCI, 2013, p.50).

Miskolci (2009) mostra que “historicamente alijadas da maior parte do espaço público, sexualidades marginalizadas tenderam a se restringir à locais de encontros e espaços reduzidos das grandes cidades” (p.175). As mídias digitais possibilitaram que muitos destes sujeitos se relacionassem sem se deslocar geograficamente, abrindo espaço para a negociação de suas sexualidades on-line para um possível encontro face-a-face que mantivesse seguro seu status heterossexual na vida pública, no trabalho e na vida familiar.

Não se pode, no entanto, considerar que as expressões das (homo)sexualidades apenas mudaram de “lugar”. A própria sexualidade se transforma a todo instante pela sua interação com a internet. Uma melhor compreensão das plataformas de internet que os usuários reconhecem e chamam de “locais” (*sites* em inglês) exige uma reflexão sobre o “armário”.

A teórica queer Eve Kosofsky Sedgwick (2007), em sua análise sobre o “armário”, reflete sobre como este dispositivo regula as sexualidades hetero e homo desde o final do século XIX. O “armário”, segundo a autora, é um regime regulador da separação binária entre a heterossexualidade e a homossexualidade, sendo a primeira a esperada e aceita na esfera

pública e a segunda restrita e incentivada apenas em segredo e, portanto, relegada à esfera privada. Não podemos reduzir o armário como algo concernente apenas a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, relegando sua vida amorosa/sexual ao segredo e à esfera privada, pois o armário diz respeito também às pessoas que podem viver sua (hetero)sexualidade abertamente. Em outras palavras, o armário regula o que a sociedade considera respeitável e lícito garantindo-lhe visibilidade enquanto relega as relações “ilícitas”, ou não respeitadas, à vivência em segredo, o que, no caso das relações entre pessoas do mesmo sexo, equivale a vivê-las no “armário”. O privado e o público estão sempre relacionados e o armário é um de seus eixos na esfera amorosa e afetiva contemporânea.

Sedgwick (2007) constata também que o armário é um “espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente” (p.35), não se podendo estar dentro ou fora dele somente por decisão individual. Segundo a autora, o armário não pode ser visto como somente repressor, pois ele opera em termos de disciplina e controle. Esta ideia de disciplina e controle foi inspirada pela obra do filósofo Michel Foucault denominada *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Foucault (1993) mostrou que o poder, na sociedade contemporânea, é, sobretudo “positivo”, criador e incentivador de certos comportamentos em detrimento de outros. Ou seja, somos disciplinados e regulados por este regime de visibilidade, o armário, o qual teóricos queer mostram depender da regulação binária da hetero/homossexualidade.

Richard Miskolci (2007) afirma que Sedgwick atentava para a necessidade de adaptar a sua metodologia de análise a outros contextos sociais e históricos. Para Miskolci, não podemos pensar o armário nos termos “norte-americanos” se formos fazer uma análise no Brasil. Devemos partir da ideia de que cada sociedade tem suas peculiaridades e formas diversas de se compreender a sexualidade, os gêneros e o erotismo. Miskolci (2007) continua a sua reflexão sobre o contexto brasileiro, dizendo que a “vida dupla” aqui segue uma lógica própria desde os tempos de colonização. Partindo desta concepção, o sociólogo elucida que “essa forma de regular a sexualidade (assim como as relações inter-raciais) marca a vida de todos, mas têm consequências incomparáveis para pessoas homo-orientandas” (p. 60). Neste contexto é compreensível para o autor que uma pessoa busque proteção cindindo a sua vida em duas, dividindo o que é socialmente aceitável, e pode ser mostrado em público, dos seus desejos individuais que, quando em contradição com a demanda de heterossexualidade, tendem a ser experienciados em segredo.

Miskolci aponta que as dicotomias internas da sexualidade no Brasil são muito particulares, pois as diferenciações econômicas, sexuais e raciais se articulam, produzindo novas formas de viver e compreender a sexualidade. Partindo disso, esta dissertação de

mestrado tem como objetivo investigar estas interações articuladas/interseccionalizadas em sites de “bate-papo” voltados para o público de São Carlos. Nas salas de bate-papo, por suas próprias características de interação instantânea e dialógica, características corporais e subjetivas são negociadas na busca pela constituição de relações amorosas e sexuais. Reconstituir e compreender como estas características são apresentadas, procuradas e até mesmo recusadas auxiliará a compreender como a gramática (homo)erótica se delineia a partir de valores e convenções culturais próprios à realidade brasileira contemporânea, os quais ainda esperam por ser melhor explicitados e compreendidos.

Minhas observações nos chats (bate-papos) da cidade de São Carlos, interior de São Paulo, mostram que aqui as interações homoeróticas masculinas se dão prioritariamente em segredo. Uma das mais pertinentes e criteriosas perguntas “você é afeminado? do meio gay? assumido?”, ou afirmações “Não curto afeminados e não faço parte do meio gay” demonstram que a masculinidade e o sigilo são altamente valorizados nesta cidade de pouco mais de 220 mil habitantes. Um homem que diz não ser do meio, que não é assumido, é valorizado, pois esta condição aparentemente faz com que a pessoa guarde a interação, ou até mesmo um relacionamento, em segredo.

Em uma reflexão mais precisa sobre os segredos e mentiras nas interações homoeróticas, o sociólogo Richard Miskolci (2012a) constata que no contexto paulistano

Ainda que não seja possível precisar, é visível a predominância dos que se apresentam nas diversas plataformas com a demanda de constituir relações em segredo ou que, ao menos, declaram-se “discretos” e/ou demandam parceiros sem sinais que os identifiquem como gays. [...] o sigilo aparece como o principal atrativo dessas mídias [...], eles permitem que neles expressem seus anseios, sintam-se desejados, compartilhem experiências de forma a travar relações homossexuais que, esperam, os mantenham a salvo das amplamente conhecidas consequências negativas no espaço público e na vida cotidiana. (MISKOLCI, 2012a, p.16-17).

As relações homoeróticas são criadas e mantidas predominantemente em segredo, no entanto, não podemos pensar o “armário” como algo universal. Antes, devemos pensar o regime visibilidade como contextual e levar em consideração que os sujeitos têm agência e vivem em uma constante negociação sobre o que querem mostrar ou esconder. As dinâmicas de como as relações homoeróticas são experienciadas diferem de acordo com o contexto onde estão inseridas. Diferente dos grandes centros metropolitanos, onde há um grande número de pessoas e espaços de sociabilidade homoerótica, São Carlos, uma cidade média do interior paulista, oferece menos opções, tanto de parceiros amorosos quanto de locais para interação social.

Embora pareça que as mídias digitais democratizaram os relacionamentos amorosos/sexuais e que as racialidades estariam sendo apagadas nessas relações, o que meu campo desenvolvido em São Carlos nos últimos dois anos mostra é que, muito pelo contrário, o que se passa é diferente, talvez mesmo o oposto. Como demonstrarei por meio da minha pesquisa de campo mais adiante, as mídias digitais radicalizaram os critérios de seleção pautados nas diferenças sociais, pois, diferente do que acontece off-line, o conhecimento que se tem sobre uma pessoa, precede a atração (ILLOUZ, 2011, p. 113), e os atributos corporais são antes imaginados com base nos estereótipos e fantasias, já que a corporalidade encontram-se desfragmentadas e facilmente são descontextualizadas do todo subjetivo e corporal. Não nego que as mídias digitais proporcionaram a criação de plataformas políticas pelas quais o racismo vem sendo contestado. As plataformas que analiso, contudo, são as de relacionamento, em especial os bate-papos, que vem sendo usados especialmente para a busca de parceiros em relações homoeróticas no contexto sancarlense.

A escolha pelo eixo racial para compreender como a racialidade é articulada nas buscas desejantes não foi aleatória. O interesse surgiu pelas minhas próprias experiências de sexo-racialização, o que me instigou a compreender como esses eixos de desigualdade social são articulados e negociados. É compreensível que, por consequência de uma recente tradição dos estudos sobre o uso das mídias digitais para os relacionamentos, as análises dessas relações estejam concentradas exclusivamente em torno da sexualidade e gênero, mas têm apontado para algumas articulações como a de classe, regionalidade, etc. Tenho a proposta de aprofundar desta forma, não ignorando as outras articulações, a reflexão sobre como a racialidade – forjada historicamente –, é experienciados nos relacionamentos homoeróticos por meio das mídias digitais em uma cidade média do interior de São Paulo, São Carlos.

O conceito de raça data, segundo a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2012), do século XVI, mas foi no século XIX que “teóricos do darwinismo racial fizeram dos atributos externos e fenotípicos elementos essenciais, definidores de moralidades e do devir dos povos” (p.20) e o Brasil surgiu representando um “laboratório racial”. A raça no Brasil, para a autora, jamais foi um termo neutro, e na vertente mais negativa de finais do século XIX, a mestiçagem parecia atestar a própria falência da nação. Discutir raça no Brasil pode ser até mesmo considerado como tabu, e essa situação “aparece de forma estabilizada e naturalizada, como se as posições sociais desiguais fossem quase um desígnio da natureza, a atitudes racistas, minoritárias e excepcionais” (p.30), e segundo a autora, afirma-se de modo genérico que existe uma harmonia racial e, assim, os conflitos são jogados para o plano pessoal.

Schwarcz (2012) aponta que é importante demonstrar as limitações do biológico e desconstruir o seu significado histórico, mas que isso não leva a abrir mão de implicações sociais, ou seja, a “raça persiste como representação poderosa, como um marcador social de diferença – ao lado de categorias como gênero, classe, região e idade, que se relacionam e se retroalimentam – a construir hierarquias e delimitar discriminações” (p.34). Tais categorias, segundo a antropóloga, são “articuladas em sistemas classificatórios, reguladas por convenções e normas e materializadas em corpos e coletividades, não adquirem seu sentido e eficácia isoladamente.” (p.34).

Pode-se, além do mais, localizar a produção moderna das categorias como raça e sexo dentro de um “projeto mais amplo de naturalização de diferenças promovido pelos saberes ocidentais desde o século XIX” (SCHWARCZ, 2012, p.34). Schwarcz mostra que “as crenças em atributos distintivos e fundamentais ligados às raças ou ao dimorfismo sexual persistem como mitos sociais e como base para a construção de tipos de diferenças entre as pessoas” (p.34). Conceber as diferenças como categorias articuladas implica, segundo a autora, um esforço para desnaturalizá-las e contextualizá-las, recusando correlações “rígidas e fixas entre características físicas, de um lado, e atributos morais e intelectuais, de outro” (p.34).

De um lado, o racismo persiste segundo a autora, como um fenômeno social, pautado ou não em fenômenos biológicos, e, por outro, no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo à brasileira, que percebe antes as “colorações do que as raças, que admite a discriminação apenas na esfera privada e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista no plano da cultura” (SCHWARCZ, 2012, p.36). Nesse sentido, para Schwarcz, é por isso mesmo que no Brasil, seguem-se muito mais as marcas de aparência física, que, por sua vez, integram status e condição social, do que as regras físicas ou delimitações geracionais, e também por esse motivo a cidadania é defendida com base na garantia de direitos formais, mas são ignoradas as limitações dadas pela pobreza, violência, distinções sociais e econômicas. A autora aponta que dessa forma, “assim como não existem bons ou maus racismos – todo tipo de racismo é igualmente ruim –, é preciso pensar nas especificidades dessa história brasileira que fez da desigualdade uma etiqueta internalizada e da discriminação um espaço não formalizado” (p.36).

Compreendo assim como sugere Anne McKlintok (2010), que “nenhuma categoria social existe por isolamento privilegiado; cada uma existe numa relação social com outras categorias, ainda que de modos desiguais e contraditórios” (p.26). No entanto, o poder,

segundo a autora, é “raramente atribuído por igual – diferentes situações sociais são sobredeterminadas pela raça, pelo gênero, pela classe, ou por cada uma dessas categorias por sua vez.” (p.26).

Avtar Brah (2006), em seu artigo *Diferença, diversidade, diferenciação*, mostra que não existimos como uma única categoria, mas sugere que nas relações sociais existimos como categorias diferenciadas, ou seja, “vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões” (p. 341). A autora mostra deste modo que as “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como “variáveis independentes” porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (p.351). O conceito de articulação “sugere relações de conexão e eficácia através das quais, como diz Hall ‘as coisas são relacionadas tanto por suas diferenças como por suas semelhanças’. [...] Melhor, é um movimento transformador de configurações relacionais” (p.352-353). Deste modo, a autora finaliza o argumento mostrando que estas relações são “historicamente contingentes e específicas a determinado contexto” (p. 353).

É inegável que existiram vários racismos, e que ele ainda continue a se desdobrar cada vez mais de forma velada e camuflada/articulada. O racismo se articula, por exemplo, com a sexualidade, o que remodela as formas como se dão os relacionamentos afetivos/amorosos/sexuais, mas não se dão de forma homogênea, já que as pessoas são atingidas de formas diferentes por ocuparem contextos diferentes na sociedade.

Miskolci em “O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX” (2012b), mostra que o racismo no Brasil surge colado à sexualidade como parte de uma espécie de projeto biopolítico. A noção de reprodução começa a ser pensada como uma possibilidade de degeneração (empecilho para o progresso) ou de embranquecimento da nação (potencial civilizador), idealizada pela elite brasileira nos fins do século XIX e começo do XX. Miskolci aponta que estudos como o de Moutinho (2004), trouxeram importantes contribuições para compreendermos a singularidade da construção da sexualidade brasileira. Segundo Miskolci, a autora sublinha a ausência do homem negro no nosso imaginário nacional, pois a miscigenação “branqueadora” fora idealizada em um relacionamento heterossexual sendo composta por um homem branco e uma mulher mulata, e que, paradoxalmente, o homem negro acabou sendo sexualizado. Embora Moutinho tenha trazido ricas contribuições, Miskolci aponta para a necessidade de investigações sobre relações entre pessoas do mesmo sexo já que temos uma “carência de estudos históricos que busquem reconstruir as formas culturais de imposição do modelo heterossexual-reprodutivo em nosso país e sua articulação com as sexualidades dissidentes” (MISKOLCI, 2012b, p.49).

Embora não tenham reconstituídos historicamente, existem, alguns estudos que abordaram brevemente a questão racial em relações homoeróticas em contextos localizados. Perlongher (2008) em seu livro *O negócio do michê* mostra em sua pesquisa feita no contexto paulistano na década de 1980 que “como no resto da sociedade, ser negro é um fator de inferiorização no gueto gay paulistano” (p.151) e essa “discriminação por cor perpassa todas as outras classificações e divisões, e funciona tanto entre michês como entre clientes e ‘entendidos’ em geral” (p.150). O autor mostra que embora exista uma rejeição muito forte como no caso dos clientes negros, que segundo o autor, são sistematicamente discriminados, “os michês negros se gabam de encontros especiais. Esse encanto pode provir da associação entre negritude e animalidade, herança da escravidão que negava a humanidade do africano e o destinava exclusivamente ao trabalho braçal” (p.152). Segundo um de seus informantes

existe um folclore segundo o qual os negros são mais viris, mais potentes, dão mais “couro”; é o mito do negro forte, machão, violento e que possui o pênis com proporções gigantescas, que se cultiva muito, também entre os homossexuais. É muito comum a gente ouvir homossexuais dizerem que transaram com um “negão”, ou “um nego do pau deste tamanho”. (PERLONGHER, 2008, p.152).

Embora exista uma clientela considerável, mas que não é a maioria, Perlongher (2008) mostra que “machos negros podem se prostituir com entendidos brancos, mas se recusando a se relacionar sexualmente com outros negros” (p.152). Já os michês loiros, mostra o autor, “são altamente valorizados na praça, especialmente pelos clientes de classe média alta”, e um de seus colaboradores conta que não transa com negros nem com japoneses.

Don Kulick (2013) em seu livro *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, mostra de modo bastante breve, que no contexto da cidade de Salvador na década de 1990, existiu um forte preconceito contra negros. Uma de suas colaboradoras, afirma que “não gosto de negros para serem meus vícios. [...] Eu só faço sexo com negros na rua por dinheiro. [...] Eu nem sei onde estava com a cabeça quando resolvi namorar o Negão” (p.143). Embora Kulick não tenha elaborado uma reflexão sobre este fato, fica subentendido que negros são pouco valorizados socialmente.

Mais recentemente e de modo mais denso, Júlio Simões, Isadora Lins França e Marcio Macedo (2010), propõe pensar no artigo *Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo*, os

modos como marcadores de diferença referidos a cor/raça, classe, gênero e sexualidade operam não apenas para classificar os frequentadores desses lugares, numa lógica de produção de sujeitos desejáveis (ou não) e de

preferências de parcerias afetivo-sexuais; mas também para ordenar padrões de interação e evidenciar campos de possibilidades e de ações (SIMÕES et. al., 2010, p.39).

Xs autorxs partem da visão de que “categorias associadas a cor/raça, gênero e sexualidade são produções culturais e históricas, articuladas em sistemas classificatórios” (SIMÕES et. al., 2010, p.40). Nesse sentido, “a diferença é um componente-chave de qualquer sistema classificatório” (p.40), que é o processo pelo qual indivíduos tornam-se sujeitos e atores sociais, apropriando-se de – ou sendo levados a se reconhecer em – determinadas identidades; o que, por sua vez, lhes abre determinados cursos de ação.

Sugerem, assim, como concretizam em sua pesquisa, que

investigar a relação entre os atores sociais e os sistemas classificatórios referentes a cor/raça, gênero e sexualidade, no campo dos relacionamentos eróticos e afetivos, pode contribuir também para iluminar deslocamentos e mudanças nos sistemas classificatórios (SIMÕES et. al., 2010, p.41).

Sob esse aspecto, para xs autorxs, “é possível delinear movimentos constantes que se verificam nas taxonomias de sexualidade e de cor/raça operantes no Brasil contemporâneo” (p.41).

Preocupado em refletir sobre a classificação social, Aníbal Quijano (2000), em seu texto *Colonialidad del Poder y Clasificación Social* mostra que a “distribuição das pessoas nas relações de poder tem, em consequência, o caráter de processos de classificação, desclassificação e reclassificação social” (p.369). O autor mostra que a distribuição do poder não tem a ver com a natureza, mas é a “naturalização das categorias sociais que dão lugar a esses elementos no poder” (p.373), ou seja, é um produto histórico-social.

Como vimos, a sexualidade e a racialidade estão intimamente coladas e não estabilizam necessariamente, os sujeitos em posições sociais hierárquicas, o que demanda pensarmos nas formas de atuação desses sujeitos. Não é possível, tampouco, pensarmos as racialidades de forma autônoma, mas antes, elas são articuladas com a sexualidade. As relações homoeróticas que são feitas em segredo a partir do uso das mídias digitais não inventam novos racismos, mas antes elas reproduzem de forma inovadora os estereótipos raciais, aprofundando ainda mais a foice que vem fazendo cortes dos desejos.

Busco, portanto, como sugeriram Simões et. al. (2010), compreender a partir dos atores sociais – neste caso os meus colaboradores de pesquisa –, os deslocamentos de categorias frente às formas de (des)identificação com as classificações sociais. Deste modo busco compreender as formas como os sujeitos vêm se agenciando no contexto das mídias

digitais, em especial, nos relacionamentos homoeróticos criados por meio do uso dos bate-papos voltados ao público da cidade de São Carlos.

2 COMO FUNCIONAM OS BATE-PAPOS: COMPREENDENDO A DINÂMICA

Os bate-papos nem sempre foram populares. Como vimos no capítulo anterior, somente aqueles que tinham condições financeiras teriam os recursos mínimos para acessar a internet, que era cara. Somado a esse fato, existe um aspecto geracional – que veremos mais adiante –, ou seja, as mídias digitais são usadas principalmente por pessoas que atingiram a adolescência e a fase adulta depois da popularização da internet, em 1997 no Brasil, e os bate-papos passaram a ser mais populares.

Não foi possível delinear o que se passou ao certo no começo da popularização da internet por falta de materiais bibliográficos que mostrem os dados históricos e sociológicos referente ao uso das mídias digitais para fins de relacionamento. Pesquisei em grandes banco de dados científicos como a Scielo e CAPES mas não encontrei nenhum estudo que ajudasse a reconstituir como essas mídias eram.

Também não foi possível reconstituir por intermédio de meus colaboradores de pesquisa, que assim como eu – por falta de recursos financeiros e pelo fator etário –, não chegaram a nem sequer fazer o uso das mídias de relacionamento como mIRC e ICQ, que eram bastante populares à época. Para reconstituir esse momento histórico anterior ao uso dos bate-papos, busquei interagir, para este fim, com pessoas que viveram essa época e que fizeram o uso dessas mídias. Nos bate-papos fiz uma pergunta geral: “*o que existia antes do bate-papo?*” e, como era de se esperar por conta da questão geracional, dois sujeitos que tinham mais de 30 anos de idade me ajudaram a compreender melhor o momento histórico. Atento para o fato de que busco reconstituir “o que”, e “como” eram usadas essas mídias por meio das experiências de dois sujeitos, ou seja, a partir de duas perspectivas contingentes.

Adolfo tem atualmente 35 anos, mas tinha 21 anos no ano de 2000, e era graduando em engenharia na época em uma universidade pública da cidade de São Paulo, e afirma que, o que existia na época anterior ao uso popularizado dos bate-papos era a “*pré-história*”. Já Sérgio, 36 anos, 22 anos na época, que também cursava graduação na área em engenharia em uma universidade pública no estado de São Paulo, afirmou sistematicamente que “*antes do bate-papo era o mIRC, e antes do falecido MSN era o ICQ*”, e também afirmou que essas mídias eram “*pré-históricas*”. Inimaginável para mim, que nunca vi a interface dessas mídias, busquei saber instalando em meu computador o mIRC, que não existe da mesma forma como era na época em que era popular. Não instalei o ICQ, pois diferente do mIRC, não é possível

visualizar, e nem fazer as interações com outras pessoas se não tiver o “número” daquelas que utilizam esse programa, os quais não encontrei nenhum.⁶ A forma como ilustro as interfaces, ora do mIRC ou do ICQ, não são fidedignas de como era no passado, pois as imagens que coletei são contingentes, já que esses programas passaram por “atualizações”. Embora não sejam autênticas em relação a como era no passado, tento fazer ao máximo uma aproximação ilustrativa a partir das imagens/dados que pude coletar, para que o leitor(x) visualize minimamente esses programas e compreenda a fala dos sujeitos de pesquisa.

Adolfo e Sérgio afirmam que essas plataformas eram “feias”, complicadas de usar.

A gente tinha que instalar no computador lerdo pra caramba e ainda por cima, no mIRC tinha uns códigos que a gente tinha que decorar. Por exemplo, para a gente procurar um “canal”, era chamado assim, tinha um código seguido de barra (/). Tinha um montão, mais de vinte que eu me lembro. O ICQ era mais bonitinho, mas era bem podrezinho porque a gente tinha que cadastrar, pegar o número e passar para os amigos quando a gente os encontrasse. Aí na casa a gente passava a conversar. – Adolfo.

Já o Sérgio conta que:

era bem ruim de usar, mas eu gostava. Bem diferente de como é hoje, era mais emocionante porque a gente entrava em qualquer canal e não dava para saber quem era a pessoa que a gente tava conversando no mIRC. Hoje em dia dá pra mandar foto e abrir a cam pelo bate-papo. Quebrou a magia geral. [...] Já o ICQ não tinha graça porque todos que eu tinha lá era pessoal conhecido ou que conhecia no mIRC. Eu lembro dessa época mais ou menos, que eu já usava o bate-papo, que não era como é hoje, era bem feia também. Eu preferia usar o mIRC, mas hoje em dia, ele perdeu pela praticidade, não evoluiu como o bate-papo. [...] O ICQ também, já era porque não foi bom como MSN foi. Me lembro até hoje da borboletinha que era símbolo do MSN. Não dava nada para o MSN, mas ele evoluiu. – Sérgio

⁶ Esses dois programas foram atualizados/aperfeiçoados inúmeras vezes. Apesar de não apresentar a mesma interface de como era no passado, segundo os sujeitos de pesquisa, eles ainda se parecem. Busquei ilustrar o mIRC instalando-o no meu computador, e a imagem do ICQ coletei na internet. Aponto que existe a necessidade que sejam feitos estudos histórico/sociológico aprofundado sobre as mídias que foram usadas no começo da disseminação da internet no Brasil, o que contribuiria para uma melhor compreensão ao que se passa atualmente.

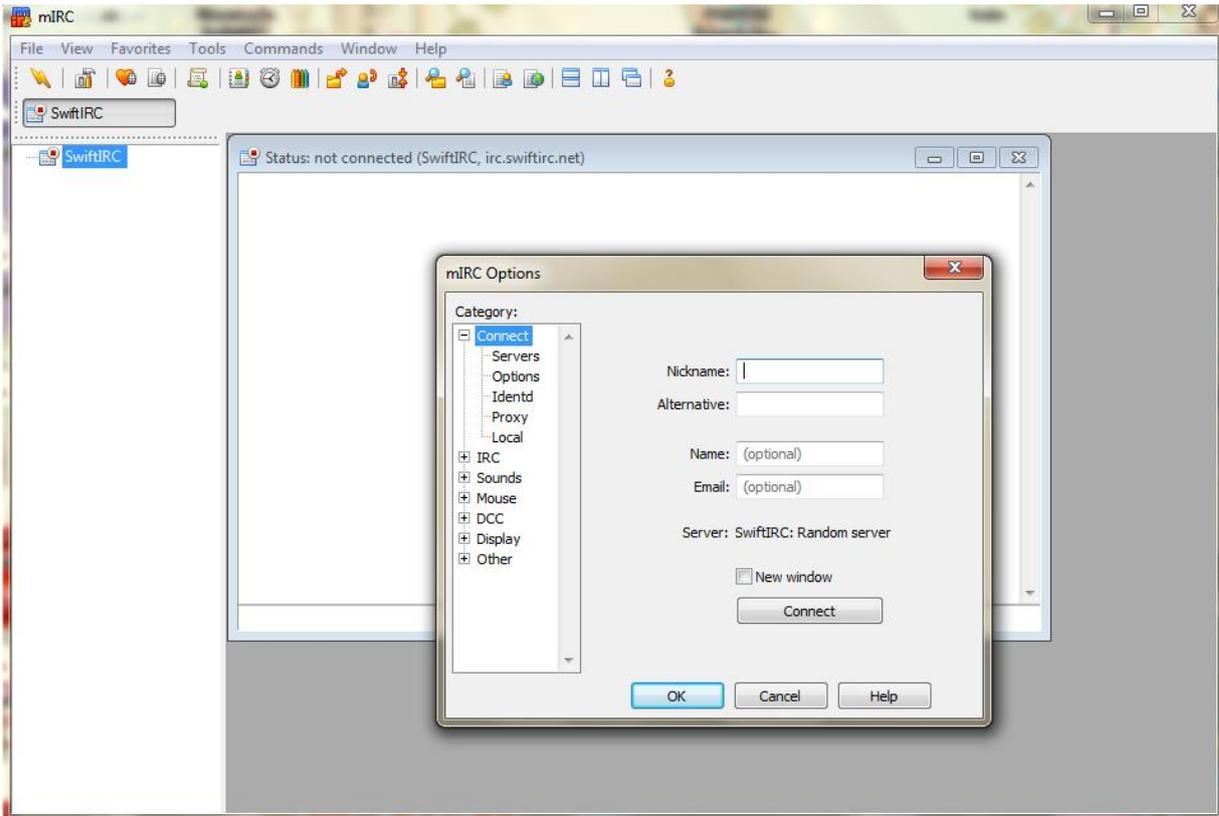


FIGURA 1 - A INTERFACE DE CONEXÃO DO MIRC
FONTE: O autor (2014).

Instalei o mIRC no meu computador, e, constatei que existem atualmente 96 canais com mais de 20 pessoas participando em cada um deles. Os usuários podem criar canais próprios ou entrar nos existentes, mas para interagir com seus amigos era necessário que antes, combinem pelo off-line ou pelo telefone o nome da sala, para que depois, possam se conectar no canal “/join (canal)”.

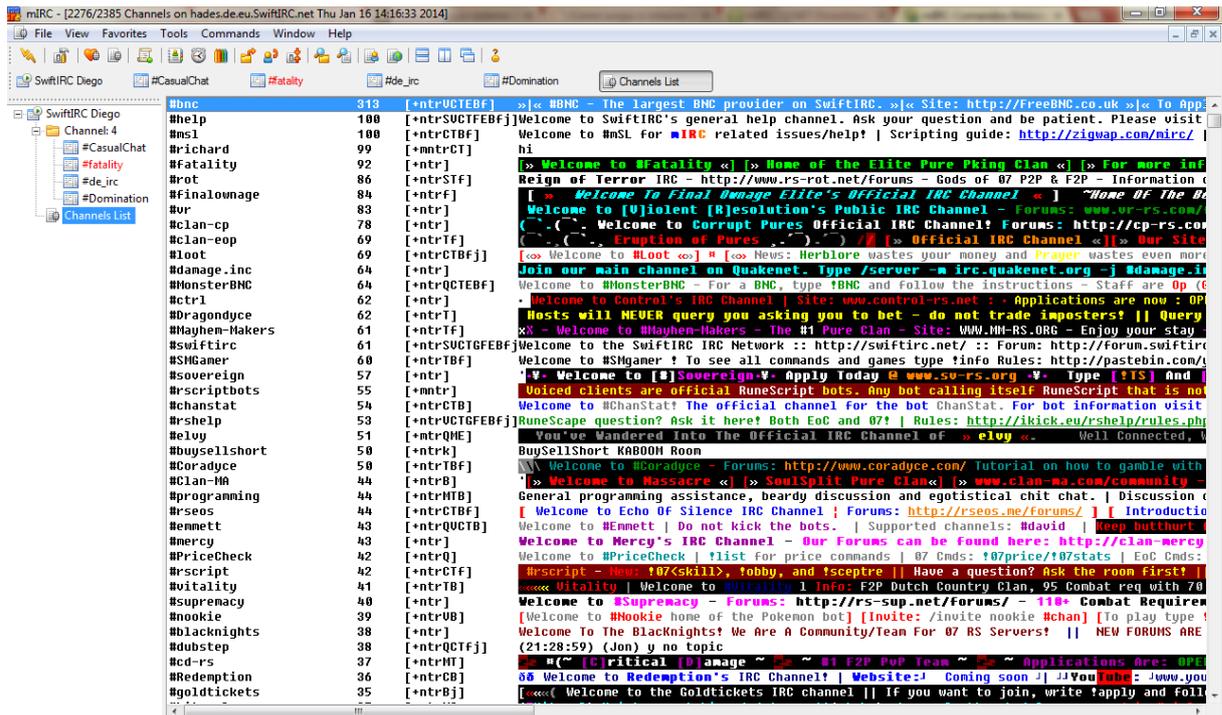


FIGURA 2 - VISUALIZAÇÃO DOS CANAIS DISPONÍVEIS

FONTE: O autor (2014).

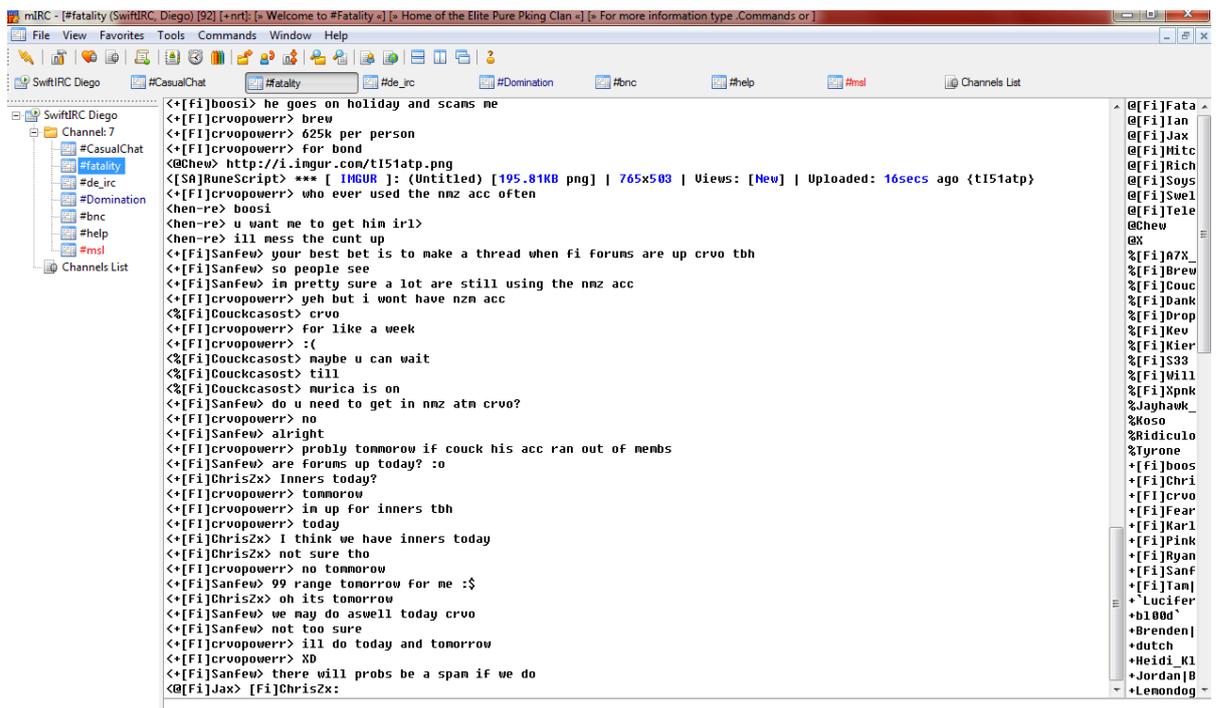


FIGURA 3 - IMERSO NO CANAL: AS PESSOAS INTERAGINDO

FONTE: O autor (2014).

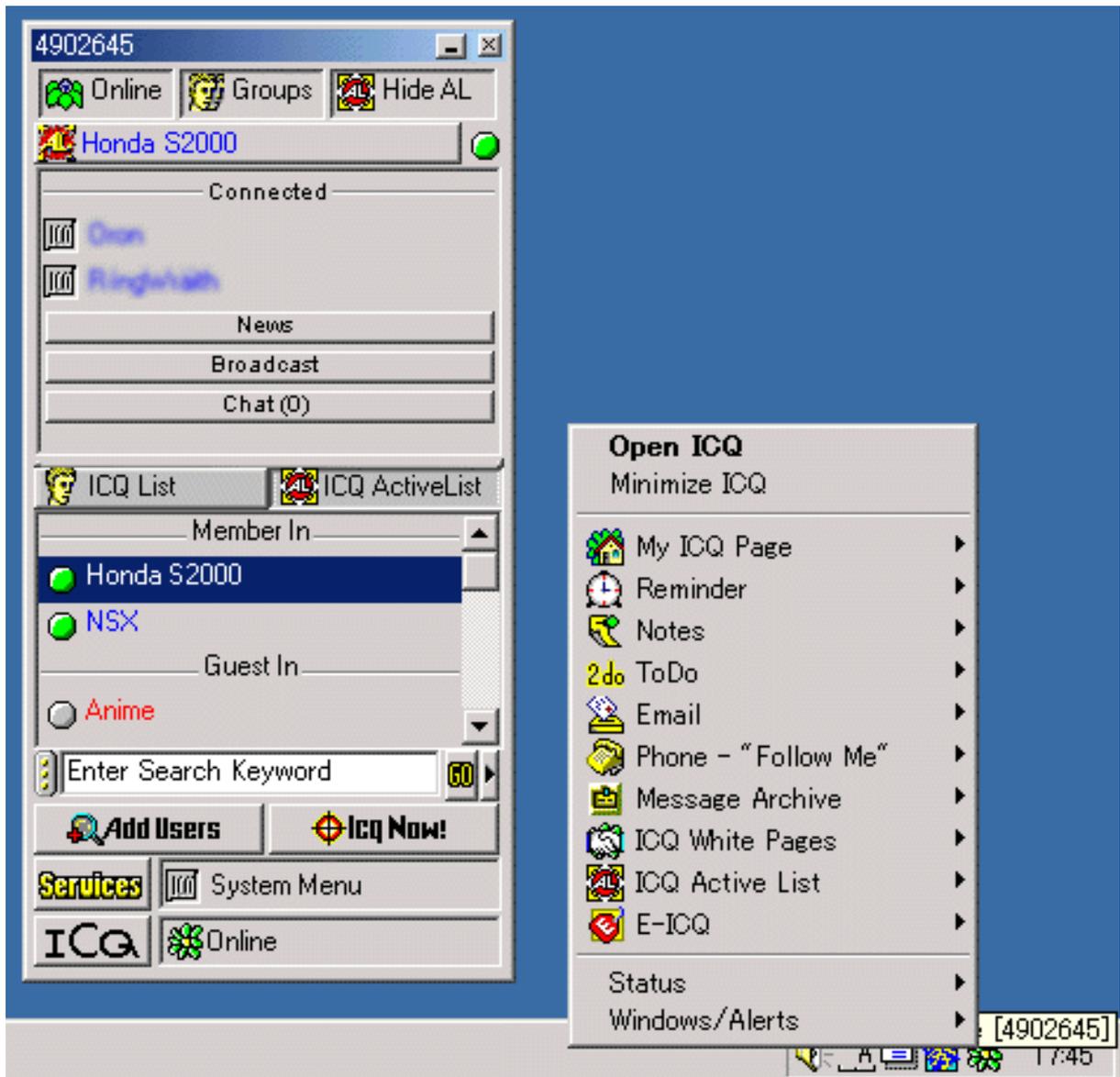


FIGURA 4 - INTERFACE DO ICQ

FONTE: <http://dnaldren.blogspot.com.br>. Acesso em 17/01/2014

O ICQ e o mIRC, foram aos poucos sendo menos usados, e as plataformas que tinham interfaces mais elegantes e com ferramentas inovadoras e fáceis de serem usadas passaram a ter mais popularidade. O ICQ parece ter sido “substituído” especialmente pelo Windows Messenger, mais conhecido como MSN, que passou a disponibilizar os recursos de áudio e imagem por meio de webcams, e que, no ano de 2013, por meio da compra do Skype pela Microsoft, o Messenger foi substituído pelo Skype, que por sua vez, disponibiliza de modo mais elegante ainda todos os recursos, inclusive o adicional de ligações telefônicas por meio de Voip.



FIGURA 5 - INTERFACE DO MICROSOFT MESSENGER (MSN)
FONTE: <http://www.baixarmsn.com.br>. Acesso em 17/01/2014

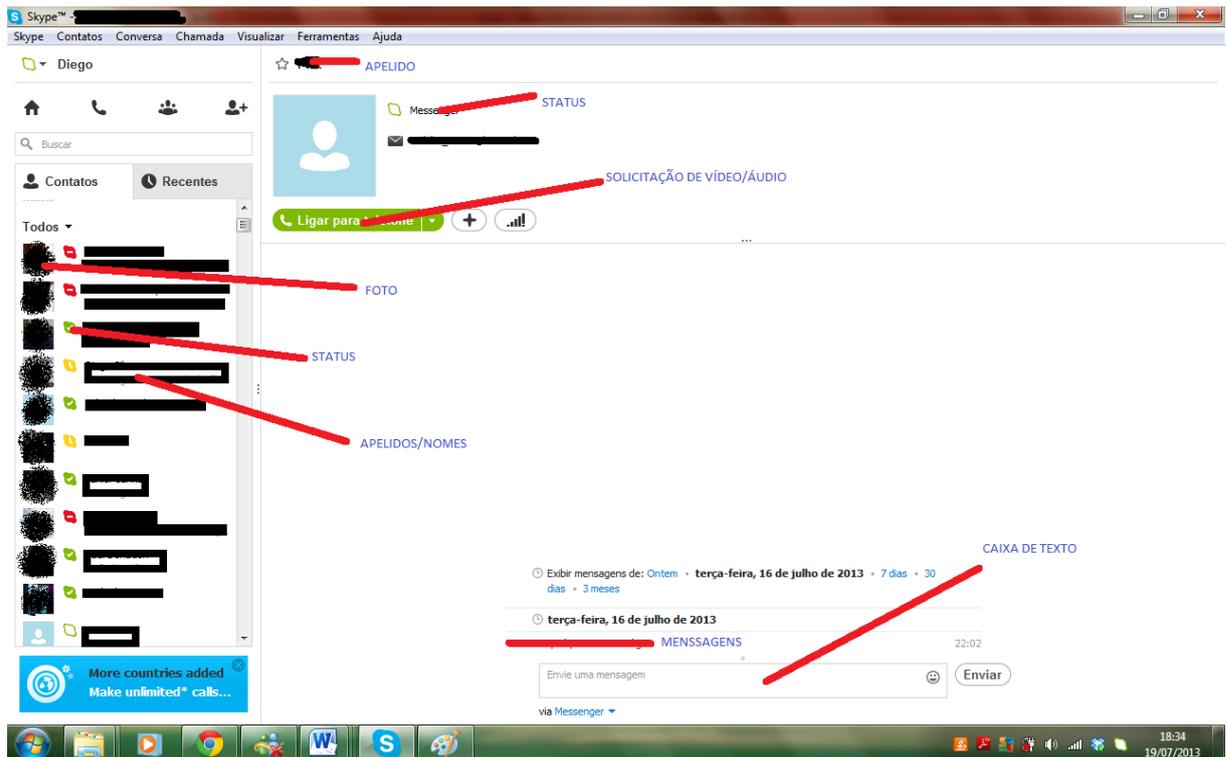


FIGURA 6 - INTERFACE DO MEU SKYPE

FONTE: O autor (2013).

Já o mIRC, parece ter sido “substituído” pelos bate-papos, que são também plataformas de relacionamento digital. De modo similar eles são divididos em salas que estão organizadas pelos interesses de interação, sejam elas de gostos musicais ou até da cidade onde mora, no entanto, apresenta desta vez uma interface mais moderna. No portal UOL (Universo Online), o mais popular no interior paulista, existem inúmeras salas, e quatro delas são destinadas ao público geral de São Carlos. Estas salas tem a capacidade de 30 participantes.

Letra S - Bate-papo UOL

batepapo.uol.com.br/bytheme.html?nodeid=488593

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail BOL Notícias Esporte Entretenimento Mulher Rádio TV UOL Shopping

USE SUA WEBCAM! Você pode conversar com áudio e vídeo reservadamente

Assinantes +

Cidades e Regiões

Acre

Alagoas

Amapá

Amazonas

Bahia

Ceará

Distrito Federal

Idades +

Outros temas +

Todas as salas

51.897

Personas Salas BUSCAR

todas as salas | denúncia | segurança | regras de uso | ajuda | faça do Bate-papo a sua home page

São Paulo - SP Grande SP Mais cidades de SP SP por idade

SALA	ENTRAR	ESPIAR	OCUPANTES
Salto (1)			26
Salto (2)			0
Santa Bárbara D Oeste (1)			0
Santa Bárbara D Oeste (2)			0
Santa Cruz do Rio Pardo (1)			0
Santa Cruz do Rio Pardo (2)			0
Santo Anastácio (1)			0
Santo Anastácio (2)			0
Santos (1)			35
Santos (2)			27
Santos (3)			29
Santos (4)			31
Santos (5)			2

Relógios

Diversos modelos, a partir de 3x de R\$ 17,97

Climatizador de Ar

Aproveite! A partir de 6x de R\$ 38,00

Notebook | Tv LCD

Produtos UOL

Antivirus

Backup

Assistência

Aguardando www.facebook.com...

17:20 10/01/2014

FIGURA 7 - BATE-PAPO UOL (SALAS POR CIDADE)
 FONTE: O autor (2014).

Letra S - Bate-papo UOL

batepapo.uol.com.br/bytheme.html?nodeid=488593

COMPARE PREÇOS SHOPPINGUOL

Compara e acha o menor preço!

- Câmeras Digitais
- Notebooks
- TV LCD
- GPS
- Auto MP3

Quer entrar em uma sala de bate-papo divertida?

ENTRAR

COSMOPAX o mundo pertence a você

TWITTER

Siga o Bate-papo UOL pelo Twitter para saber de tudo o que está acontecendo

FACEBOOK

Curta nossa página no Facebook e fique antenado nas novidades do chat

Santos (17)			29
Santos (18)			28
São Carlos (1)			32
São Carlos (2)			30
São Carlos (3)			30
São Carlos (4)			30
São João da Boa Vista (1)			21
São João da Boa Vista (2)			29
São João da Boa Vista (3)			5
São Joaquim da Barra (1)			30
São Joaquim da Barra (2)			18
São Joaquim da Barra (3)			0
São José do Rio Pardo (1)			28
São José do Rio Pardo (2)			1
São José do Rio Preto (1)			31
São José do Rio Preto (2)			31
São José do Rio Preto (3)			28
São José do Rio Preto (4)			28
São José do Rio Preto (5)			29
São José do Rio Preto (6)			31
São José do Rio Preto (7)			30
São José do Rio Preto (8)			22
São José do Rio Preto (9)			17
São José dos Campos (1)			30
São José dos Campos (2)			27

Mauricio Meirelles

repórter do "COC"

REVEJA

Manu Gavassi fala de papel em novela: "Fui atrás de testes"

BP NO CELULAR

Digite m.uol.com.br no navegador do aparelho para continuar o papo

Aponte seu celular com leitor de códigos de barras para ir direto ao Bate-papo. O bate-papo é grátis, mas sua operadora pode cobrar taxas pelo acesso

Aguardando www.facebook.com...

17:20 10/01/2014

FIGURA 8 - SALAS DE BATE-PAPO (AS 4 SALAS DE SÃO CARLOS) E O NÚMERO DE PARTICIPANTES
 FONTE: O autor (2014).

Diferentemente das salas disponibilizadas para o público das cidades metropolitanas, as quais algumas estão destinadas a pessoas que querem se relacionar homoeroticamente, para a cidade de São Carlos, uma cidade de médio porte do interior paulista, estão disponíveis apenas quatro salas que, em tese, seriam para quaisquer relações, mas em que predominam homens em busca de outros homens. Tenho como hipótese que essa predominância visível da busca de relações entre pessoas do mesmo sexo nas salas se relaciona diretamente com a falta de espaços off-line e/ou condições –segurança⁷ - para a paquera homossexual em São Carlos.

A cidade tem apenas um bar, considerado pelas pessoas que frequentam como “do babado”, ou seja, um espaço frequentado por homossexuais. Teve também uma boate voltada para o público homoerótico masculino, inaugurada em maio de 2013, mas que faliu em novembro do mesmo ano por falta de público, e que era frequentada como uma falta de opção, quando não teriam condições para ir a outras festas em outras cidades. Por ser uma cidade localizada geograficamente perto de outras cidades médias, é comum ver aqueles que tem mobilidade se organizarem para ir às festas de cidades vizinhas, em especial Araraquara e Ribeirão Preto. Alguns sujeitos frequentam uma rua de São Carlos conhecido como “rua larga” para se relacionarem, mas é majoritariamente voltado para a prostituição.

A existência de poucos espaços comerciais de sociabilização homoerótica em São Carlos não significa que, por consequência, estes poucos locais são altamente frequentados. Pelo contrário, muitos se afastam deles para se distanciar de identificações homoeróticas, evitando se relacionar em público com outras pessoas do mesmo sexo. É como se a discriminação sobre a homossexualidade lhes conferisse uma masculinidade insuspeita que não colocaria em risco sua aceitação em seus círculos sociais como família, trabalho e escola.

A escassez de pessoas que frequentam os meios de sociabilidades homoeróticas em São Carlos se dá também por causa da discriminação subjetiva, consequência da homogeneização forçada das diferenças de classe, raça e masculinidades. A falta de espaços de sociabilidade não distribui as pessoas em locais de acordo com os gostos sociais ou distinções de classe que parecem operar de forma mais forte na segmentação comercial heterossexual, antes, ela força interações entre homens que não necessariamente partilham dos mesmos gostos musicais, interesses e atividades. Em suma, no incipiente meio homossexual local homens de classe alta e média são levados a interagir com outros de classes populares, o que é motivo de comentários e reclamações constantes entre meus colaboradores.

⁷ A segurança no contexto sancarlense não se trata do risco iminente de ser agredido. Pelo contrário, é o de manter inabalado os laços sociais familiares e de amizade por meio da invisibilização do homoerotismo.

Posso afirmar que o mesmo acontece nos bate-papos, onde é comum reclamações de que não há, segundo os usuários, “gente que preste”. Não se trata de pensar que nos chats as pessoas buscam se relacionar sem critérios, mas elas são modeladas segundo a expectativa de encontrar alguém que esteja em conformidade ao que é socialmente desejável. Não existe no contexto dos bate-papos sancarlense a abundância de parceiros, não me refiro aqui ao quantitativo, mas aqueles que se encaixam no ideal de beleza, renda, raça, masculinidade, e etc., o que explica, de certo modo, o motivo pelo qual muitos dos participantes passam horas a fio⁸, sendo selecionados e selecionando um parceiro ideal. Além disso, é comum que os encontros não se concretizem, pois, somados aos rigorosos critérios que pautam as escolhas, o desejo pode ser “satisfeito” na seleção, já que o ato de buscar é ela própria excitante. O Gustavo, por exemplo, que é um dos meus colaboradores que apresentarei mais adiante, conta que inúmeras vezes, depois de marcar o encontro com um “boy” não vai. Ele resolve, segundo ele “com as próprias mãos” –masturbando– justamente porque o ato de conquistar um parceiro é excitante, o que tem a ver, é claro, com a sua masculinidade. Não quer dizer que ele faz isto porque seus desejos são puramente sexuais e sem motivos. É muito mais excitante para o Gustavo quando ao invés de, segundo ele “gastar energia fazendo sexo à toa” com apenas uma pessoa, conquistar várias de uma vez: “Você prefere dar para um sem amor ou pegar vários? Já que a moda é pegar por pegar, eu pego um monte”. Gustavo foi construído socialmente como um homem, e o fato dele expressar desejos homoeróticos não o exime de se comportar conforme ao ideal da masculinidade. A excitabilidade, que é subjetivo, exercita a sua masculinidade no ato de “pegar” outros sujeitos, o que certamente ajuda a manter a sua virilidade.

Já o Henrique, um sujeito com quem interagi uma única vez nos bate-papos, também explica que chega a marcar encontros, mas não vai ao encontro, pois pare ele que se considera “feio”, o outro é “muita areia para o caminhão” e prefere não sair da casa. O sujeito aponta também para o fato de que não chega a se relacionar pessoalmente, pois “*cara, sou discreto, não posso me expor tanto como você acha*”. Observo que nesse caso, as fronteiras subjetivas pautadas em diferenças sociais se fazem presentes, impedindo que o relacionamento se concretize.

É interessante mencionar que os aspectos geracionais influenciam nos (des)encontros amorosos e sexuais. Constatei, por meio da interação com o campo, que aqueles que são mais

8 Cronometrei o tempo de participação de alguns usuários, e constatei que é comum estarem conectados **ativamente** por algumas horas, e em alguns casos, ultrapassam 8 horas.

novos (adolescentes e rapazes de até 25 anos de idade) por falta de experiências amorosas/sexuais, recursos financeiros, moradia e condições de deslocamento, acabam não se encontrando com o outro. Apesar de serem “jovens” e terem os seus corpos altamente desejados, a falta de condições materiais e subjetivas para concretizar esses relacionamentos parece marcar essa geração. De diferente modo, aqueles que são considerados mais “velhos”, geralmente, não desfrutam da possibilidade de serem altamente cobiçados, mas estão mais dispostos a se encontrar por terem recursos, em especial financeiros, mas ao mesmo tempo esses “maduros”, nos termos do campo, estão “enroscados”⁹ em compromissos profissionais e familiares. De qualquer forma, são poucas as pessoas que concretizam os encontros marcados pelos bate-papos.

Além dos aspectos financeiros e etários, Miskolci (2013) mostra que em face da condenação moral do “meio gay”, vista como um espaço de imoralidade e promiscuidade, o negócio lucrativo que os sites de busca e relacionamentos desfrutam, é o de oferecer um espaço que é supostamente limpo e que permite a seleção. Os mecanismos de buscas “atuam como filtros que permitem aos sujeitos que os utilizam, obter acesso a uma esfera moral respeitável, onde o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro podem ser distinguidos” (p.57). Em suma, o sociólogo mostra que a purificação é a marca da seleção de parceiros em relações homoeróticas, e as mídias digitais trouxeram consigo, as possibilidades de escolher, o que dá a sensação subjetiva de “limpar” a posição social legada socialmente como impura. Servem também, como vejo no meu campo, para que além de tentar se afastar da imagem da imoralidade homoerótica, as buscas se deem no intento de “apagar” as diferenças sociais vistas negativamente, tais como as raciais e de classe, ao buscar o que é reconhecido socialmente como desejável.

Quanto aos bate-papos, nota-se a diferença da quantidade de participantes variar de acordo com a dinâmica do cotidiano, que diz muito a respeito de como e quando estas salas são acessadas. No período de férias dos estudantes das duas universidades públicas instaladas na cidade, a USP e a UFSCar, o número de participantes diminui e são encontradas mais pessoas que residem na cidade. Os universitários somam quase 10% da população da cidade que tem aproximadamente 220 mil habitantes segundo os dados do IBGE de 2010. Em termos étnico-raciais, a mesma fonte mostra que 72,3% da população são caucasianos, 5,28% negros,

9 Existe uma quantidade significativa de pessoas com idade acima de 35 anos que entram na sala com o nickname dizendo ser “casado” e “noivo” e que buscam relacionamentos sigilosos por estarem “enroscados”.

21,56% pardos e 0,74% asiáticos, e tais números influenciam de modo perceptível as diferenças entre os participantes dos bate-papos.

Segundo minhas observações, considero que estudantes homens, a maioria vindos de outras cidades para estudar em São Carlos, tendem a desenvolver relações homoeróticas preferencialmente na localidade em que estudam mantendo uma imagem heterossexual em suas cidades de origem. Além disso, a forte presença estudantil nos bate-papos também se relaciona ao fato de serem jovens, portanto mais afeitos ao uso das mídias digitais. Analisando os perfis existentes em um site de busca de parceiros do mesmo sexo, o Manhunt, foi constatado pelo pesquisador Rodrigo Melhardo¹⁰ que há uma grande predominância de perfis de até 29 anos de idade e há uma grande redução no número de perfis com mais de 35 anos. Assim como observou Miskolci (2013) no contexto paulistano, pessoas que alcançaram a adolescência a partir da disseminação comercial da internet no Brasil, por volta de 1997, formam a larga maioria dos que usam meios digitais para encontrar parceiros amorosos e sexuais (p. 42).

Além disso, o que acontece na cidade, como uma simples rotina de trabalho, por exemplo, influencia nas oscilações do número de participantes. Antes do horário comercial de almoço e do fim do expediente o número de participantes atingem facilmente o máximo do número de participantes permitidos, e torna a diminuir depois desses horários gradativamente. Após o horário de jantar, quando as pessoas estão em suas casas, após o trabalho ou os estudos, os números tornam a aumentar, e a partir da madrugada gradativamente vão diminuindo.

Estas dinâmicas quantitativas são a prova de que o modo como as plataformas estão sendo usadas diz muito a respeito do que acontece no cotidiano da cidade. Em minhas interações com os participantes nos períodos em que descrevi as oscilações, não pude precisá-las com dados numéricos, já que os acessos não são fixos e variam a cada segundo. De qualquer maneira, tais dados não são os mais relevantes para essa pesquisa, a qual tem foco qualitativo e prioriza os dados dessa natureza e que podem ser recolhidos por meio da observação etnográfica. Assim, minhas anotações em caderno de campo permitem afirmar uma relação direta entre o cotidiano off-line e o uso (online) dos bate-papos de forma que seus horários de pico refletem os períodos em que a maioria não está no trabalho ou em aula.

10 Se trata da pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Vitrine do Desejo* que é financiada pela FAPESP e desenvolvida pelo Rodrigo Melhardo e orientada pelo professor Dr. Richard Miskolci. Esta pesquisa busca compreender o perfil dos usuários da plataforma de busca de parceiros em relações homoeróticas Manhunt, em especial, por meio de dados quantitativos.

Geralmente os acessos ao bate-papo são feitos pelos participantes em suas residências, universidades e também nos locais de trabalho que permitam o acesso à internet. Os locais de acesso formam um mosaico diverso em que cada uma de suas partes tem as suas próprias dinâmicas. Em minhas imersões no bate-papo um pouco antes do horário comercial de almoço ou do fim do expediente, observei e encontrei muitos participantes que estão apenas batendo um papo, assim como aquelas pessoas que buscam parceiros para fazer sexo no horário de almoço ou antes de ir para a casa, o que descrevem no vocabulário corrente como “fast-foda” em uma alusão ao *fast food*, refeição rápida entre as atividades do dia a dia.

Os usuários destes horários costumam ter perfis diferentes das pessoas que acessam no horário noturno. Percebi nas minhas interações que, no período diurno, encontram-se residentes da cidade, casados e com filhos. Isso nos faz pensar que estas interações homoeróticas devem se dar fora de alguns circuitos como o familiar, no qual devem evitar a qualquer custo que descubram seus desejos, o que lhes causaria transtornos por conta de barreiras sociais, conjugais e/ou homofóbicas. De qualquer forma, é exatamente a partir desses espaços e contextos que os homens sancarlenses fazem uso das plataformas de bate-papos abrindo neles, por meio da tecnologia, uma espécie de brecha em que podem driblar constrangimentos e vivenciar online o prazer de paquerar outros homens e quiçá até mesmo conseguir transformar o flerte online em um encontro face a face.

No período noturno, é comum que uma expressiva parte dos usuários sejam universitários. Grande parte deles vindos de fora da cidade para os estudos na USP ou na UFSCar, portanto que não moram com a família em São Carlos. Residem principalmente em bairros próximos às universidades, os quais são centrais, e moram sozinhos ou com mais uma ou várias pessoas em casas ou apartamentos que chamam de “repúblicas” ou, em termos êmicos atualmente correntes, apenas “rep”.

Os participantes que buscam relacionamentos afetivos amorosos e ou sexuais entram geralmente com *nicknames* (apelidos) sexualizados como “GatoSarado”, “Macho quer Macho”, “Pintudo”, “Moreno Dotado”, entre outros. Neste ponto eu poderia explorar os variados apelidos que são usados para as interações, mas me detenho em explorar somente as interações amorosas e ou sexuais sob os critérios de cor/raça/etnia. São comuns apelidos racialmente sexualizados como “NEGÃO bom”, “MorenoCorDoPecado”, “Negro Dotado”, “JapaQuerNamoro”, entre outros. Ao interagir com alguns participantes, o argumento usado para usarem estes apelidos são de que, ao mesmo tempo em que já se descrevem, com eles também facilitam que os outros participantes venham falar com eles sabendo como é a pessoa com quem se pretende falar. Vale ressaltar que os apelidos que revelam a “raça/cor” são os

que trazem às palavras marcas sociais em relação ao branco, por exemplo, um homem branco não descreve sua cor/raça no apelido, a não ser que queira reforçar a sua branquitude para, assim, lhe proporcionar um maior reconhecimento erótico/social.

Bate-papo UOL - Cidades: x
 bp8.batepapo.uol.com.br/room.html

BATE-PAPO UOL Entrar na sala
 01 São Carlos Escolher outra sala

Publicidade
 decolar.com Passagem para Santiago USD 359 COMPRE AGORA 6X
 Não incluem impostos, encargos e taxas de serviço.

Quem está na sala:

- \$ x bqt
- \$\$ 20CM \$\$
- Alex
- Bruno h
- Eng ker M
- Exctvmulato
- Expert 41
- Gostosa 31
- H casa de boa
- H curte porra/mijo
- Jhony
- Luiz curt
- inversão
- Machocam
- Marina
- Militar Gato
- Passivo afirm
- Rayane
- SAROMBO
- Sarah
- SutilMente
- TesãoHH
- chase
- engenheiro
- gato28
- h sigiloo
- kaddu
- leandro
- luis
- mulke.quer.ativo
- mulher faz _oral\$\$
- pago
- pika g

O que está rolando:

(05:37:37) **chase** fala para **Todos**: algum hetero pensando ser passivo ????

(05:37:37) **18 cm xh** fala para **Todos**: alguem afirm de tc?

(05:37:45) **Gostosa 31** fala para **Todos**: Faco show na cam, mas somente pra quem me ligar aqui no meu fone 091 17 7878-2425 Depois me add no skype

(05:37:50) **Gostosa 31** fala para **Todos**: me liga tá...rsrs.. Meu fone é: (091) 17 7878-2425 e depois me add no skype

17:37 10/01/2014

FIGURA 9 - OPÇÃO DE VISUALIZAR OS PARTICIPANTES E AS CONVERSAS DA SALA ANTES DE IMERGIR

FONTE: O autor (2014).

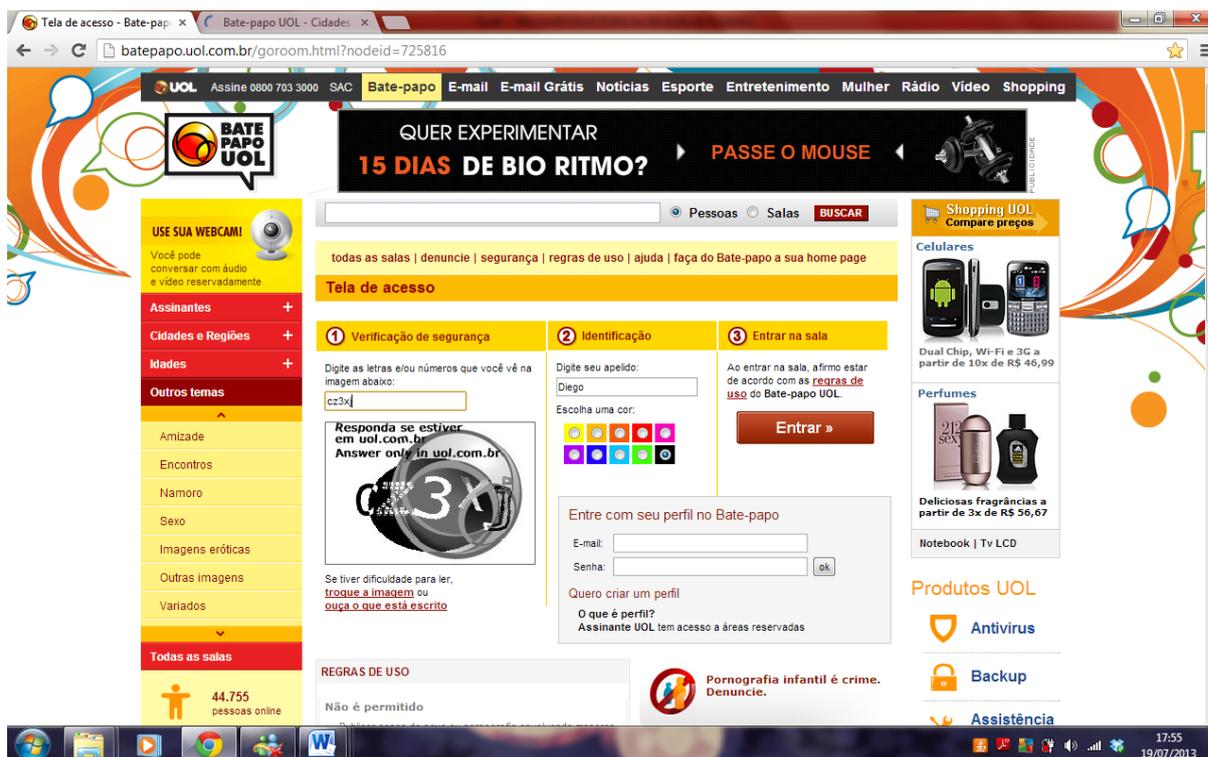


FIGURA 10 - TELA DE ACESSO À SALA

FONTE: O autor (2013).

Percebe-se como as “marcas” raciais são frequentemente verbalizadas de forma a se tornarem atributos eróticos. Alguns optam por descrever as suas características associadas às suas preferências amorosas ou sexuais. Como afirma Eva Illouz (2011), essas interações moldam as formas como estes apelidos estão desfragmentados. São “fitas métricas” (MISKOLCI, 2012a, p.5) que definem os sujeitos como fragmentos descontextualizados da totalidade da corporalidade, especialmente, no caso, voltadas para atributos como altura, peso e tamanho do órgão genital¹¹.

11 Luiz Felipe Zago (2009), em sua dissertação de mestrado mostra uma certo protagonismo do pênis nos perfis e fotos dos usuários do site de busca de parceiros homoeróticos do sexo masculino “Disponível”. Mostra que muitas vezes o pênis é colocado em evidência ao invés do rosto para dar uma certo sentido às masculinidades e às sexualidades narradas em seus perfis.

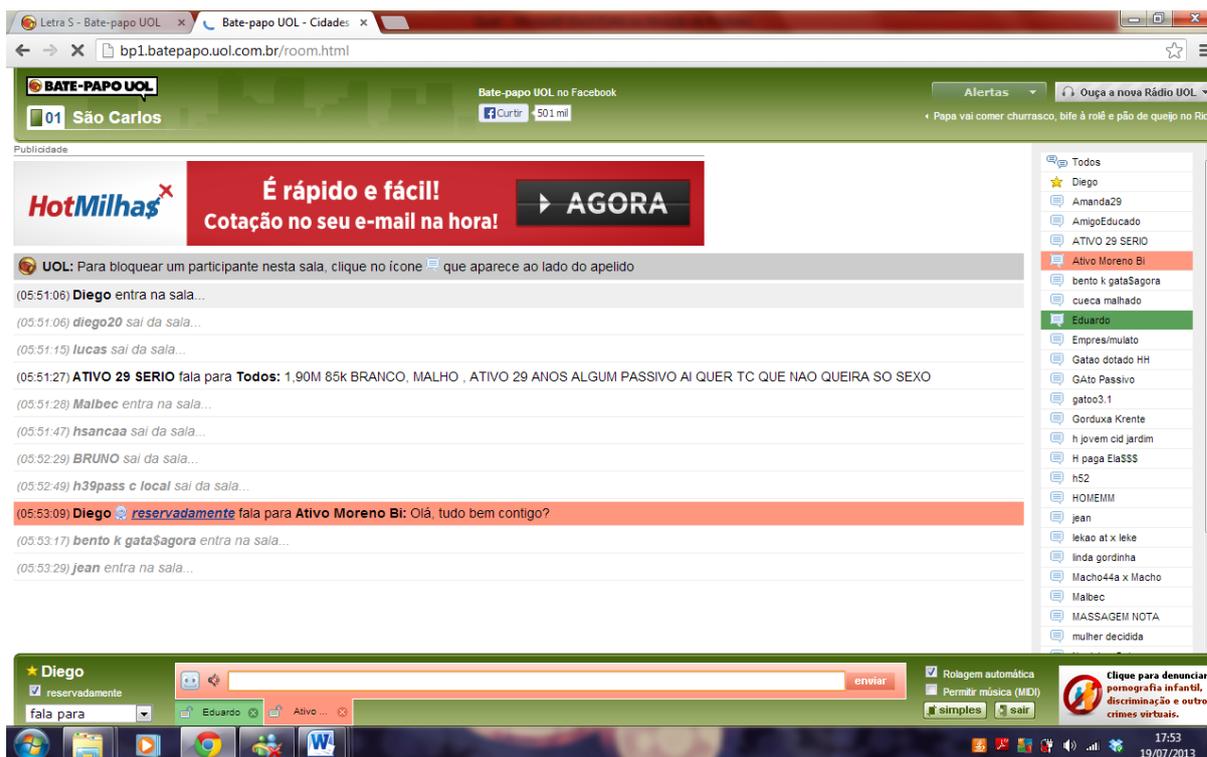


FIGURA 11 - IMERSO NA SALA DE BATE-PAPO PARA A INTERAÇÃO
 FONTE: O autor (2013).

As conversas que são travadas nos bate-papos, com raras exceções, seguem um questionário subjetivo que é pré-definido a partir de demandas ou expectativas que envolvem a possibilidade de estender o contato online para o face a face ou off-line. Primeiramente se cumprimentam com um “blz?” ou “oi”¹², e em seguida é perguntado a idade, localidade de onde a pessoa fala (“de onde você fala?”), a descrição física (“como você é?”), quais as preferências sexuais (“o que curte?”), e o que a pessoa busca (“o que procura?”). As respostas são roteirizadas: idade, bairro, cor/raça/etnia, altura, peso, cor dos olhos, cor dos cabelos, tamanho do pênis, grau de discricção da performatividade de gênero (se é “discreto” ou “afeminado”), se é “ativo” (aquele que penetra), “passivo” (aquele que é penetrado) ou “versátil”, “flex” ou “tudo” (aquele que gosta penetrar e ser penetrado), e a descrição do que a pessoa procura no bate-papo, o que é respondido muitas vezes com “o que rolar” ou “só vendo o que acontece...”. Geralmente a pessoa com quem conversa, na medida em que responde as perguntas, devolve a pergunta “e você?”.

Isto acontece de forma roteirizada e repetida nas inúmeras interações que são travadas cada vez que se conecta ao bate-papo. Se uma destas perguntas não é respondida, a

12 “Blz”, que significa beleza, normalmente é falado por aqueles que é ou tenta parecer mais brother/mano. O “oi” por sua vez, soa feminino. Não são intercambiáveis, pois são ligados a tipos diferentes de homens com interesses diversos e busca de parceiros muito particulares.

interação normalmente acaba, causa indignação da pessoa que pergunta, ou é perguntada duas, três vezes a mesma coisa até que a outra responda para passar à próxima pergunta.

Acabada a “interação-entrevista”, se as características descritas despertarem interesse de um ao outro, segue-se uma interação em que normalmente são abertas as Webcams para a conversa (conversas com as imagens em tempo real). Outras vezes, à entrevista inicial se segue uma espécie de investigação do grau de proximidade de cada um com o círculo social do outro, pois a maioria busca um parceiro que não seja vizinho, colega de trabalho ou alguma outra coisa que implicaria em encontros e interações off-line constrangedoras. Quando um estudante da USP descobre que o outro é da UFSCar, por exemplo, especialmente de cursos bem diferentes e não moram próximo, então passam a negociar onde e quando podem se encontrar pessoalmente.

Nota-se que o “armário”, ou melhor, que a busca de relações que mantenham a homossexualidade em segredo, é o que rege toda a interação online e, inclusive, define o sucesso do encontro face a face. Geralmente são trocados Messenger/Skype (aplicativos de comunicação entre as pessoas que estão reciprocamente adicionados um ao outro em suas contas pessoais), pelo qual são travadas conversas fora do bate-papo. Em suma, quem chega a compor os contatos nessas plataformas, e ainda mais se há troca de telefones, passou por um processo de “filtragem” muito exigente e demorado até poder conhecer o outro pessoalmente como um potencial parceiro sexual e/ou amoroso.

Em outras palavras, a dinâmica do bate-papo é criada em meio a sua articulação com o que acontece na esfera off-line, a qual define como as relações são forjadas on-line. A esfera online, portanto, não se trata de um outro espaço, com regras próprias de sociabilidade que independeriam das cotidianas, ela é, antes, um espaço tão criado socialmente, e definido pela cultura, quanto as relações cotidianas face a face.

Algo, no entanto, parece moldar ainda mais os contatos online do que as relações cotidianas. Trata-se da desfragmentação da corporalidade que molda as relações amorosas e sexuais mediadas digitalmente. Se no cotidiano alguém sem uma beleza padrão ou medidas modelares pode se revelar atraente, online predominam avaliações padronizadas pautadas em textos, pelas quais as pessoas se apresentam umas às outras de modo fragmentado e por medidas corporais, o que permite que as suas corporalidades sejam borradas ou alçadas de modo a tornarem-se desejáveis.

Se as medidas corporais já observadas por Miskolci (2013, p.5) como “critério da fita métrica” marcam a escolha de parceiros, considero que ainda mais – e inicialmente – entra em jogo o critério “cor/raça”. Mesmo porque os corpos racializados já se descrevem assim desde

os apelidos, antes mesmo da apresentação dos dados corporais secundários (altura, peso, etc.). Vale lembrar que, no caso das plataformas de bate-papo, marcadas pela textualização dos corpos/subjetividades, os imaginários construídos em torno da racialidade em articulação com a sexualidade montam uma gramática erótica, dando contornos à maneira como as diferenças são vistas ou imaginadas. Sabemos que historicamente houve a marcação das diferenças em categorizações racializantes, que são acompanhadas de uma vasta gama de adjetivações descontextualizadoras. Todas elas cristalizam e marcam, ao mesmo tempo, como estes corpos desejam e são desejados. São desejos construídos pela racialização em articulação com a sexualização.

Constatei preliminarmente que as imagens sociais correntes, e/ou os estereótipos étnico-raciais, definem de antemão o possível sucesso, ou relativo fracasso, nas interações no ambiente do bate-papo. Em outras palavras, a negritude tende a masculinizar e gerar expectativas de uma performatividade viril e até hiperviril enquanto a origem japonesa tende a associar o usuário a um tipo corporal e de performance desvalorizados. Claro que há a interação e as formas acionadas pelos sujeitos para modificar os termos como um negro enfatizando que não é dotado ou um “japonês” dizendo-se alto, malhado e viril, mas os estereótipos correntes off-line marcam e até definem o quanto as interações online podem ser benéficas aos seus respectivos interesses de encontrar parceiros.

As relações não são criadas a partir do nada nos bate-papos. Como vimos, as forças sociais atravessam os sujeitos. São muitas as esferas sociais que devemos nos esforçar para compreender para que se torne mais nítido como e para que os bate-papos estão sendo usados na cidade de São Carlos. Para compreender os sujeitos que usam os bate-papos, fiz uma etnografia off-line em seus cotidianos para entender melhor os usos que fazem desse meio. Serão usados nomes fictícios para os meus colaboradores de pesquisa. Não irei precisar alguns dados para não expor a vida pessoal deles, de modo que não prejudique em hipótese nenhuma os meus colaboradores. Esta pesquisa toca em pontos sensíveis da vida pessoal, que está cercada socialmente pela homofobia e inclusive pelo racismo. Portanto, é um dever ético manter o anonimato dos colaboradores desta pesquisa.

3 DA INSPIRAÇÃO AO CAMPO

3.1 METODOLOGIAS INCORPORADAS PARA A PESQUISA E REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Com o objetivo de desenvolver uma pesquisa social de cunho qualitativo sobre interações homoeróticas criadas on-line optei por uma abordagem etnográfica. Existem várias formas de se fazer uma etnografia. Fazer uma etnografia on-line, a princípio, nos remete à falsa ideia de falta de seriedade e de autenticidade, já que “a etnografia tem como núcleo sólido a observação participante off-line” (LEWGOY, 2009, p. 189). O uso das mídias digitais é um campo de pesquisa novo, já que, como vimos, foi comercialmente difundida somente nos fins da década de 1990. Os estudos sobre a etnografia online suscitaram “novas questões epistemológicas e ontológicas para a Antropologia” (p. 189). As relações mediadas pelas mídias digitais criam “novas condições virtuais da existência material, moral e simbólica” (p. 192). Portanto, seguindo o raciocínio do autor em referência, “é etnograficamente relevante reconhecer que a corporeidade e os modelos de subjetividade exercidos na internet, expressam as formas particulares de agência dos informantes no mundo virtual” (p. 192).

De modo análogo, Parreiras (2008), nos explica que a “etnografia virtual” se defronta com as metodologias canônicas da antropologia. Surgiu com o advento da internet uma necessidade de redefinição da etnografia já que as relações mediadas pelas mídias digitais “se configurou como uma realidade na qual todos nós vivemos, estabelecemos algum tipo de relação e criamos representações de nós mesmos e dos outros” (p. 36). Em outras palavras, ainda que a vida online seja expressa por meios visuais e/ou textuais, pesquisá-la não comporta uma relação entre sujeito-objeto, antes entre sujeito-sujeito. Portanto, como em todo empreendimento etnográfico, exige o rompimento do papel do pesquisador como autoridade, cabendo intercambiar experiências e subjetividades. Do mesmo modo que leio o sujeito de pesquisa, sou, na mesma medida, interpretado. Levo em consideração, assim como Parreiras (2008), a dimensão dialógica e intersubjetiva da etnografia, não a restringindo a uma simples leitura de textos, mesmo que tenha partido de interações textuais em bate-papos. Em suma, essas interações textuais são para mim, por princípio, relações sociais. Embora a discussão suscitada pela Parreiras seja extremamente relevante, compreendo que o que mudou do “off-line” para o “on-line” é que os métodos de investigação não foram forçados a se reinventar ao extremo. Primeiro porque não é possível pensar a esfera on-line separada da off-line, pois elas

são interdependentes. O segundo argumento que posso elencar é a de que as investigações correntes passaram apenas a ser mediado pelas mídias digitais.

Segundo Parreiras, os fatores que poderiam pesar negativamente na pesquisa envolvendo a internet seriam a ausência do face a face, que remete à ideia de falta de autenticidade e que pode colocar a pesquisa em risco diante dos cânones metodológicos consagrados, que afirmam que se o pesquisador não recorrer ao face a face teria uma maior dificuldade em distinguir o que é autêntico ou inventado. Ainda segundo a autora, estes questionamentos estariam diretamente ligados ao processo de construção identitária e que “não necessariamente há uma relação de continuidade ou similaridade entre uma identidade off-line e uma on-line.” (p.37). Para Parreiras,

O papel do pesquisador é manter sempre em mente que se tratam de performances identitárias, em que a parte internauta é apenas um momento da performance. O problema de autenticidade não é, de modo algum, um problema colocado apenas pelo virtual, mas é um dos pontos chave nos quais uma pesquisa – seja ela em um blog, um programa de relacionamentos, em chats (bate-papos) ou listas de discussão - deve se concentrar. Nota-se, assim, que não estabelecer um contato face a face, além de colocar novos pontos analíticos para o pesquisador, permite um aprofundamento em campo diferenciado daquele em que a presença física está envolvida. (PARREIRAS, 2008, p.37).

Mais recentemente, Lara Facioli (2013) usa o termo “etnografia mediada por mídias digitais” que é “aquela que está atenta à utilização de diversas mídias para o acesso a internet, mas também para o acesso aos meios pelos quais é possível estabelecer qualquer tipo de interação” (p.64).

De modo similar a Parreiras (2008), Facioli destaca que a

característica básica desta etnografia é a necessidade do pesquisador compreender que na rede também existem performances subjetivas na interação entre sujeito pesquisado e sujeito pesquisador, também se pressupõe o desenvolvimento de uma relação de confiança, o que implica um processo constante de negociação, assim como nas etnografias face a face (FACIOLI, 2013, p.64).

Além disso, o corpo e a corporalidade são aspectos fundamentais nas interações por mídias digitais e, em especial, nesta pesquisa. A socióloga Eva Illouz (2011) em seu livro “O amor nos tempos de capitalismo”, captou de forma muito eficiente as diferenças, mas também as continuidades de um corpo na internet e fora dela. Para ela, pensar em um corpo na internet não é diferente de pensar fora dela considerando que o off-line está fortemente marcado no online. Illouz (2011) nos mostra que nas plataformas de relacionamentos da internet, o

“conhecimento precede a atração, ou pelo menos, a presença física e a corporalização das interações românticas” (p.113), podendo gerar futuras decepções nas posteriores interações off-line.

A ideia comum de um indivíduo centrado em um único corpo e identidade se dissolve por meio de uma “virtualização do ambiente como um corpo coletivo e da segmentação do self em múltiplas subjetividades conformes à situação interacional em pauta.” (LEWGOY, 2009, p. 192). Não é de se estranhar que exista uma pluralidade de adjetivos explícitos e subjetivos articulados nas negociações dos corpos a fim de suscitar algum tipo de desejo ou atração. A partir de uma autorreflexão sobre sua corporalidade, as pessoas se identificam com categorias que melhorariam a sua imagem para estarem em vantagem em suas buscas, no processo de comodificarem suas características físicas e psicológicas em textos a fim de serem desejados.

Estas formas de identificação, e um melhoramento do agenciamento de si, foram possíveis principalmente a partir do uso das mídias digitais. Não é, como parece, que as pessoas se agenciem e melhorem a sua “posição” a fim de suscitar desejos de outras pessoas sem limites para isso. Nas mídias digitais, assim como na vida cotidiana off-line, as diferenças estão fortemente marcadas por adjetivações, negativas ou positivas, que nossa cultura atribui a corpos por serem brancos, negros, mestiços. O que as mídias digitais permite e/ou exige é uma manipulação reflexiva de como se apresentar ao seu público alvo, já que a aparência de uma pessoa se subsume a um texto, a uma descrição por extenso nas primeiras interações em um bate-papo. A imagem costuma vir depois, para a checagem visual do interesse que foi despertado por uma autodescrição.

Nessa pesquisa de campo feita nos bate-papos voltados para o público da cidade de São Carlos, percebo como se dão interações homoeróticas entre homens que buscam erotizar seus atributos corporais, suas performances de gênero e inclusive sua capacidade de se passar por heterossexual em um contexto interiorano, em que a heterossexualidade é presumida, e até mesmo uma condição, para as interações em ambientes familiares, no trabalho e na escola. As interações estão marcadas pelas diferenças sociais forjadas historicamente, desde classe social passando pelos critérios de seleção envolvendo cor/raça/etnia. Percebi isso principalmente pelo convívio com meus sete colaboradores de pesquisa com quem interagi intimamente entre dois meses a dois anos, que conheci nos bate-papos e com os quais passei a ter contato off-line.

Neste período, criei laços de afinidade com meus colaboradores, e, como se trata de uma etnografia mediada por mídias digitais, estive sempre conectado a eles por meio do

telefone celular ou computadores, podendo ser solicitado a interagir quando bem quisessem. Dessa forma, assim como constatou Facioli (2013) em seu campo, no qual também esteve conectada por meio das mídias digitais, “pareceu impossível, na rede, o distanciamento do campo e dos sujeitos, durante a pesquisa.” (p.67).

Não se trata de uma etnografia que o pesquisador volta para a casa quando se cansa, mas, até mesmo quando o pesquisador está dormindo, é solicitado a interagir, oportunidade única para captar na espontaneidade da interação os dados de campo valiosos.

A sociologia também ajudou a clarear muitas questões que não consegui compreender somente a partir da etnografia, como, por exemplo, as formas subjetivas com que os meus colaboradores compreendem a racialização, que é uma consequência do poder colonial, que de modo polimorfo, vem sendo reproduzidas de diferentes modos. No entanto, me equivoquei algumas vezes ao tentar explicar o meu campo unicamente a partir de teorias sociológicas, o que acabou “achatando o campo”. Lembro-me que muitas vezes, quando concluía um argumento, meus colaboradores diziam que eu estava redondamente enganado sobre a situação. Juliano e Rafael, que são meus colaboradores de pesquisa, chegaram a me repreender severamente ao tê-los analisado unicamente na chave da categoria racial. Primeiro porque discordavam que a vida deles em São Carlos teria qualquer coisa a ver com o que mostrava a literatura, no termo deles, “exagerada” sobre o racismo, e, segundo, porque eu deveria abrir os olhos e pensar que outras questões, não só a raça, estariam fazendo parte do dia-a-dia deles.

Tive a oportunidade de poder aprender com os meus colaboradores, já que, quem me ensinou como investigar as suas vidas foram eles próprios, indicando as perguntas que lhes ofendem, que são inconvenientes, e mostrando como me aproximar de informações mais confidenciais das pessoas. Tudo isso foi possível porque estivemos intimamente ligados pelo laço de confiança, o que lhes dava a liberdade de falar o quê, e como quisessem comigo.

Também fui forçado pelo meu campo a me desvencilhar de meus discursos, da minha formação acadêmica na área de homofobia, e da militância na qual estava acostumado. Segundo o Juliano, um de meus colaboradores de pesquisa, eu estava “paranoico” ao achar que tudo era por consequência da homofobia, e fui forçado a compreender que diferentes esferas da vida das pessoas poderiam também ser relevantes. A homofobia, neste sentido, não é por via de regra o “fardo” mais pesado na vida de um homo-orientando, e essas ideias pré-concebidas poderiam acabar de alguma forma manipulando o meu campo, fazendo com que as pessoas falassem sobre as suas experiências de homofobia como se isto fosse a coisa mais terrível do mundo. Não é possível compreender as múltiplas diferenças articuladas, e as suas

formas de agência, se comprarmos o discurso vitimizador ou militante. Ir para o campo com ideias pré-concebidas como esta, pode ofuscar outras categorias da formação social que são igualmente importantes e estão articuladas umas com as outras.

Embora seja uma ferramenta que auxilia na pesquisa, utilizei o gravador uma única vez, mas que foi uma tentativa frustrada, já que percebi que o colaborador de pesquisa sentiu-se acuado em responder muitas questões frente a um gravador que está em posse do pesquisador. Compreendi que pelo fato do gravador estar “trabalhando” para o pesquisador e não para a pessoa pesquisada, pode representar até mesmo uma violência simbólica. Não utilizei o termo de consentimento primeiro porque estudo relações sociais e não comportamentos, e embora essa ferramenta pudesse protegê-los de sanções sociais nos casos em que acidentalmente eu pudesse trazer ao público os seus nomes por exemplo, mesmo esta proteção, é uma relação de poder desigual, já que o fato de proteger alguém reitera a ideia de que a pessoa protegida tem que ser tutelada. Não utilizo essas duas ferramentas (gravador e o termo de consentimento) por ser totalmente inviável em meu campo, primeiro porque a pesquisa expõe os sujeitos (em casos como relatos de pessoas homo-orientadas não “assumidas” em uma sociedade com normas sexuais rígidas), e como se já não bastasse gravar, a pessoa teria ainda que assinar o termo de consentimento.

Acredito que para ser feita uma pesquisa não unilateral, é necessário amenizar o máximo possível as violências simbólicas. O pesquisador deve se ajustar aos critérios dos sujeitos de pesquisa, deixando-os à vontade para falar onde e como quiserem. Uma pesquisa se faz com trocas intersubjetivas com o colaborador, borrando a hipócrita “autoridade” de inquiridor conferida ao pesquisador e as violências simbólicas.

O campo de pesquisa não é sempre receptivo. Uma pesquisa que não deu certo por causa das implicações do campo é um dado de pesquisa valioso. A própria pesquisa em si, representa algo para o campo, e a sua própria existência pode abrir ou fechar o campo: “*Vai tomar no seu cú, cai fora daqui*” me diziam os sujeitos de pesquisa que vivenciam relações homoeróticas em segredo, o que mostra que uma pesquisa com difícil acesso deve ser feita a partir de negociações.

Se o campo se recusa a falar não significa que a pesquisa foi mal sucedida. O pesquisador deve buscar refletir criticamente o motivo pela qual o campo não quis colaborar com a pesquisa. No meu caso, fui severamente repreendido por xingamentos por algumas pessoas do campo quando os informei sobre a possibilidade de pesquisa. É necessário, portanto, refletir e situar a sua própria pesquisa em uma relação de poder com o seu campo, e o resultado desta análise crítica, contribuirá muito para a pesquisa que pode ser

complementadas com as fontes alternativas e servir como um aprendizado para a próxima tentativa de interação. Quando o campo fala, ou não, o pesquisador deve perceber o jogo de poder em que a sua própria pesquisa está envolvida.

Existem várias formas de se fazer uma pesquisa. Embora existam orientações de como se fazer uma pesquisa, não é possível segui-las à risca, já que o campo não é o mesmo em todos os lugares e tempos. O campo tem várias especificidades e como pesquisá-lo depende muito de como e o que se quer compreender.

Por consequência do fato de que a etnografia mediada por mídias digitais não me permitia estar desconectado por nenhum período, aproximo-me, inevitavelmente, nos termos de María Elvira Díaz-Benitez (2008), de uma participação observante, na qual, ao invés de observar de perto e interagir a fim de compreender os fatos que ali estão se dando, busco entender como as relações estão se desenrolando, levando em consideração que são também consequências da minha interação, e que a minha própria experiência em campo é também um dado de pesquisa, ou seja, eu participo e observo. Existem semanas em que não consigo nem sequer um dado do campo, mas é por meio da minha paciente interação que surgem espontaneamente dados fantásticos.

Não é possível se aprender a fazer uma pesquisa de campo como uma “receita de bolo”, já que ela é criada contextualmente. Cada pesquisador, segundo Peirano (1992), tem suas leituras e inclinações pessoais, que elegem um elenco de autores inserindo-se em uma perspectiva. A pesquisa é individual e não pode ser ensinada. Para a autora,

a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. (PEIRANO, 1992. p.9)

O modo como se faz uma pesquisa, diz a autora, não necessita de uma fôrma, – embora ela ajude para um “estranhamento” do campo, já que ela pressupõe a existência de certa “normalidade” que é incompatível –, mas sim de uma análise crítica das relações sociais, ou melhor, nas palavras de Foucault (1993): uma analítica.

3.2 O PESQUISADOR EM CAMPO

Aos 13 anos, no ano de 2003, ganhei o meu primeiro celular e computador com acesso à internet. Em uma das “fugas” na minha pré-adolescência encontrei na internet um

jeito de expressar meus desejos em segurança e continuar mantendo uma imagem heterossexual no meu cotidiano. Foi especificamente nas plataformas de bate-papos que encontrei pessoas que expressavam os mesmos desejos que eu, entre as quais fiz amigos, namorados e até a minha primeira relação sexual on-line.

Apreendi a sentir, desejar e me expressar em segredo com o uso desta mídia, por meio da qual vivenciei as minhas aventuras amorosas e sexuais por um grande período de tempo. Portanto, carrego em minhas próprias experiências os termos pelos quais se dão as negociações de parceiros homoeróticos nesta plataforma, o que de certo modo me ajudou – não determinante - nas interações com os meus colaboradores de pesquisa.

Por sugestão do meu orientador que já vinha desenvolvendo pesquisas sobre os relacionamentos homoeróticos amorosos e sexuais mediados pelas mídias digitais, delimito o objeto da minha pesquisa com a plataforma da internet com a qual eu já tinha familiaridade. Portanto, estudar os critérios de cor/raça/etnia na seleção de parceiros homoeróticos a partir dos bate-papos voltados para o público da cidade de São Carlos não foi uma escolha aleatória, mas uma oportunidade de articular as minhas próprias experiências em campo, o que facilitaria as minhas interações e o meu trânsito on-line. O foco dado na pesquisa sobre critérios de raça também não foi aleatório, já que questões como a (des)sexualização da raça já vinham instigando meu interesse como objeto de pesquisa, por também ter marcado as minhas experiências sexo-racializadas.

Por ser descendente de imigrantes japoneses e carregar na minha própria corporalidade as experiências forjadas pelo processo de racialização, me instigou o fato de que a gramática erótica também é ordenada por meio de classificações racializadas. O fato de eu ser considerado “japa” por vezes limita, mas também expande, as possibilidades de interação para a pesquisa com os sujeitos de pesquisa, por conta dos estereótipos que me são colados.

Tenho consciência de que a minha corporalidade também deve ser tomada como um dado de campo. O fato de eu ser “japa”, e expressar desejos homoeróticos me abriram as portas para uma investigação por meio das interações que tive em campo. No contexto brasileiro, ou mais especificamente no interior de São Paulo, ser “japa” é bastante desvalorizado eroticamente, o que muitas vezes afasta alguns sujeitos de pesquisa, mas isto ajuda de certa forma a me dessexualizar em campo. No geral, pelo que contam alguns dos meus colaboradores, sempre que alguém se diz “japa”, logo imaginam alguém esquisito, sério, chato, de óculos, baixinho, e com o pênis pequeno. Ao mesmo tempo, é perceptível que

vigora uma associação entre japonesidade, classe e dedicação aos estudos, características que agregam valor positivo à minha corporalidade em campo.

Conectar-se aos bate-papos exige que a pessoa escolha um nome ou apelido para entrar na sala. Como pesquisador, fiz a imersão nas salas usando meu segundo nome de registro “Diego”. Evitei, portanto, algum apelido que poderia me sexualizar em campo ou qualquer adendo identificatório que pudesse criar efeito similar, como “Japa”, por exemplo. A escolha de nome próprio foi para criar uma identificação menos “neutra” e/ou impositiva como a de “pesquisador” ou “sociólogo”. Tomei essa decisão em acordo com meu orientador, o qual descreve ter feito uso de nomes próprios nos bate-papos paulistanos depois de muitas tentativas malsucedidas de conseguir interagir simetricamente com seus colaboradores se identificando como investigador já no próprio nome.

A estratégia foi bem sucedida para ele e também para mim, pois consegui dialogar sem que meu nome despertasse uma imagem específica minha, tampouco escondendo minha condição de pesquisador. Interagi como um participante entre outros e, aos poucos, quando perguntavam sobre minha profissão ia contando sobre ser mestrando em Sociologia e pesquisar mídias digitais. Essa aproximação mantém o compromisso ético de pesquisa sem o peso de se apresentar como pesquisador desde o apelido em um contexto de relações que se forjam em segredo, em um espaço de busca de fuga de preconceitos e julgamentos sociais.

Após a abordagem inicial, alguns sujeitos de pesquisa concordaram em continuar conversando comigo depois me revelar como pesquisador. Alguns motivos são de que simplesmente querem ajudar, conversar com aquele que tem experiências sociais parecidas, e até mesmo com intuito de criar relações afetivas-sexuais, o que mostra que não sou neutro nem invisível. Não existe a possibilidade de omitir as informações requisitadas pelos pesquisados. Sem trocas de informações a interação acaba se estagnando, já que a própria dinâmica nos bate-papos exige que eu faça trocas intersubjetivas com os sujeitos. Nas interações on-line, assim como na etnografia face-a-face, “expor a própria vida faz parte dos processos de criação de laços de afinidade e até mesmo cumplicidade, geradores da confiança, o selo do acordo etnográfico” (FACIOLI, 2013, p.68).

É comum que depois que eu pergunte sobre as suas experiências de vida os sujeitos de pesquisa se voltem a mim: “Você pergunta demais! Agora é a minha vez. Você começou a usar os bate-papos quando?”. Já experimentei em algumas das várias interações que tive nos bate-papos, não responder as perguntas que se referiam à minha vida pessoal pelo receio de interferir nos dados de campo e até mesmo como uma medida de não ser sexualizado, mas isto gerou muitas revoltas. Um dos sujeitos que nesta ocasião me respondeu em vários e

longos xingamentos, algo como “Vai toma no seu cú seu pesquisador de merda. Tá achando que é polícia?”. Este argumento me forçou a pensar: quem sou eu? Como pesquisar mantendo o compromisso ético? Como usar as minhas experiências? Como pensar a minha corporalidade em campo?

Camilo Albuquerque Braz (2009), em sua reflexão sobre a corporalidade do pesquisador em campo, sugere que

a experiência corporal (porque sobretudo perceptiva) não só dos sujeitos estudados, mas também do/a antropólogo/a, pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento, nem de “virar nativo”. Mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada não só nos sujeitos da pesquisa, mas também no/a próprio/a pesquisador/a. (BRAZ, 2009, p.91).

Neste sentido, assim como Braz (2009), considero que a minha própria corporalidade importa, pois sou citado e interpretado pelos sujeitos de pesquisa. Não é incomum que no meu campo digam coisas como: “Não sei por que você vem me perguntar sobre essas coisas. Você é japa e viado, tem olho puxado e sabe que as pessoas taxam você como exótico. Por que não escreve sobre você mesmo?”. O antropólogo sugere que, uma maneira de perceber a materialização corporal dos sujeitos é a de entender a partir de quais parâmetros o próprio corpo do pesquisador se tornou, neles, inteligível.

Nos primeiros contatos depois que lhes informo que sou pesquisador muitos sujeitos de pesquisa mudam radicalmente de conversa. Alguns me xingam e ignoram, e outros começam a me tratar de forma diferente, o que geralmente deixa a conversa menos fluida. Alguns, receosos pelo jeito com que falam comigo, chegam até a se desculpar pelos erros de português, uso de gírias e até mesmo pela falta de dados concretos para que pudessem estar provando o que dizem. Fica evidente que o pesquisador é colocado em um jogo de poder, sendo tratado pelos sujeitos de pesquisa como alguém que assume uma posição de “autoridade”, no entanto, tento neutralizar essa posição a mim conferida para que a conversa fique mais fluida conversando sobre as minhas próprias experiências quando solicitado, ofuscando assim a posição de pesquisador “autoridade” e me colocando como pesquisador “confidente”.

Vi que reproduzir a posição de “autoridade” (quem pergunta) usada irrefletidamente em muitos estudos sociológicos não me ajudaria a compreender a dinâmica como os sujeitos de pesquisa se relacionam. Tive de repensar a forma como conduziria a investigação inspirado em outros estudos que vem questionando e reinventando os métodos de pesquisa que envolvem a corporalidade.

No artigo de Santos e Zago (2011) intitulado “Corpo, gênero e sexualidades gay na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet” são apresentadas reflexões sobre o lugar do pesquisador no processo de pesquisa e as suas implicações ético-metodológicas, por meio das quais os autores sugerem a possibilidade de um método “consensual”, onde a ética pode ser convertida em instrumento de pesquisa e o corpo dos/as pesquisadores colocados como objeto de análise.

Seguindo o raciocínio do filósofo francês Michel Foucault, Santos e Zago (2011) afirmam que

toda pesquisa sobre sexualidades é ela própria uma produção discursiva sobre sexualidade; portanto, o conhecimento produzido por ela deve estar em constante revisão crítica, e ética, já que é parte de um complexo de relações de saber-poder que produzem o objeto do qual fala. [...] tais relações de saber-poder são vetores de subjetivação, o que significa que qualquer inferência ou conclusão feita a partir de dados produzidos dentro do processo de pesquisa de sexualidades não são apenas descrições passivas ou neutras, mas são criações políticas que têm o poder de instituir como realidade o que está sendo dito e escrito sobre sexualidade. (SANTOS e ZAGO, 2011, p.44).

Neste sentido os autores sugerem que quando se trata de corpo, gênero e sexualidade, todos os participantes da pesquisa, se encontram capturados pelo dispositivo de sexualidade. Esclarecem que:

quando ‘ele’ ou ‘ela’ realizam pesquisas para investigar tópicos sobre gênero e sexualidade junto de outros ‘homens’ e ‘mulheres’, todos/as os/as participantes de pesquisa já foram previamente identificados/as como ‘homens’ ou ‘mulheres’ – são, portanto, sujeitos viáveis com uma existência inteligível que possibilita a eles/as (ou que impõe a eles/as) serem chamados/as de ‘ele’ ou ‘ela’. Já que os/as participantes são, eles/as próprios/as, ontologicamente inteligíveis em corpos apropriadamente sexuados, sendo seus sexos, gêneros e sexualidades produzidos pelo mesmo dispositivo de sexualidade que está sendo analisado, a coexistência dos/as participantes no processo de pesquisa produz implicações. (SANTOS e ZAGO, 2011, p.44-45).

Santos e Zago afirmam terem sido “obrigados” a evidenciar as suas “identidades” para terem acesso às informações. Para eles, o que importa não é o anonimato dos pesquisados e nem a veracidade das informações, mas antes a relação consensual recíproca ligada à sexualidade entre todas as pessoas que estão envolvidas na pesquisa. Os autores assinalam que é interessante pensar no corpo sexuado, generificado e sexualizado dos pesquisadores, que podem ser solicitados pelos pesquisados e que por sua vez podem servir como um “passaporte” ou “visto de entrada” para a pesquisa.

A pergunta ética derivada dessas reflexões é a de que “se é possível que o/a pesquisador/a se valha de seu corpo, em que medida e com quais implicações, para implementar a pesquisa a que se propôs.” (SANTOS e ZAGO, 2011, p.46). Os autores sugerem que a “saída ética para esse ponto é colocar o corpo do/a pesquisador/a como categoria de análise metodológica no processo de pesquisa.” (p.46). Neste sentido os autores sugerem que a relação entre o pesquisador e o pesquisado pode ser “balizada” pelo que intitulam de “método de consenso”,

isto é, que o/a pesquisado/a possa ‘consentir livre e esclarecidamente’ a participar da pesquisa ou a deixá-la em qualquer momento; que negocie com o/a pesquisador/a as perguntas feitas e as respostas dadas; que o pesquisado/a possa também fazer perguntas ao pesquisador/a e, talvez, pedir informações sobre a perspectiva teórica adotada na análise dos dados. Sobretudo, o método do consenso, no âmbito das pesquisas que vimos realizando, é um método em que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a é construída principalmente em referência ao contexto no qual se desenvolve a pesquisa (seu objeto, os dados produzidos, a abordagem teórica das análises), e não somente em relação estrita a um conjunto de normas e regras prévia, externa e burocraticamente imposto, que enrijece e cristaliza os lugares, direitos e deveres tanto do/a pesquisado/a quanto do/a pesquisador/a. (SANTOS e ZAGO, 2011, p.46).

Por essa razão, os autores afirmam que a ética metodológica nesse tipo de pesquisa deve privilegiar a flexibilidade e a construção consensual de limites entre o pesquisador/a e o pesquisado/a. Nesse sentido, o “método consensual” é estabelecido em uma relação de poder em que, para Santos e Zago (2011), se por um lado o/a pesquisador/a está em um polo maior de exercício de poder, por outro está o/a pesquisado/a que pode a qualquer momento se desconectar. Este método não se dá apenas quando o/a pesquisado/a diz “sim” ao convite explícito para participar da pesquisa, mas, antes, em uma negociação possibilitada pelo jogo de poder de perguntas e respostas do/a pesquisador/a para o/a pesquisado/a e do/a pesquisado/a para o/a pesquisador/a. Por conta desta segunda relação (pesquisado/a para pesquisador/a), em especial com a interrogação do lugar e dos corpos – dos pesquisadores, Santos e Zago afirmam terem sido levados a alçar este lugar e os seus próprios corpos como categoria de análise dentro do percurso metodológico de produção de dados sobre corpo, gênero e sexualidade no contexto de suas pesquisas que envolvem o uso de mídias digitais. Nesse sentido, o corpo do/a pesquisador/a é um dado de campo, e a fixação de identidade sexual, pode ser, para os autores, uma fonte de confiança por parte dos demais participantes. “Quem está conduzindo esta pesquisa e investigando a minha sexualidade?” é, para os

autores, uma maneira dos/as pesquisados/as interrogarem a posição de quem está os/as investigando.

Por fim, Santos e Zago afirmam que o “método de consenso” é produtivo para analisar a implicação dos/as pesquisados/as, pois ele permite “a construção de uma ética de pesquisa baseada em uma noção de limite que não é a da interdição ou da proibição, mas sim [...] que supõe o esgotamento das possibilidades dos indivíduos envolvidos” (p.53). Para os autores esta ética é produzida na relação entre pesquisadores/as e pesquisados/as, cujo limite não é imposto pela exterioridade, mas “que é produzido e negociado como experiência por aqueles que dela fazem parte.” (p. 53). O “método de consenso”, é portanto uma

alternativa ao padrão normativo e burocrático instituído através da importação do modelo de ética biomédica. Essa alternativa transforma a própria relação entre pesquisador/a e pesquisados/as em campo fértil de produção de dados, e procura não sacralizar o lugar do/a pesquisador/ a no processo de desenvolvimento da pesquisa. O ‘método de consenso’ reconhece a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a como uma relação de poder; contudo, vale-se dessa própria relação de poder para alçá-la a objeto de análise para a pesquisa, sem querer purificar o lugar (e o corpo) do/a pesquisador/a nem cristalizar o lugar (e o corpo) dos/as pesquisados/as. (SANTOS e ZAGO, 2011, p.53).

Embora os autores foquem mais sobre a questão do corpo em campo, complemento as reflexões de Braz (2009) e Santos e Zago (2011), afirmando que as experiências do pesquisador também devem ser levadas em consideração. Se para Santos e Zago (2011) o corpo serve como um “passaporte” ou “visto de entrada”, e, segundo Braz (2009), devemos estar atentos a como o pesquisador se torna inteligível e materializado em campo e torná-lo também um dado de pesquisa, realço o fato de que além do corpo, a experiência do pesquisador pode ajudar a criar laços de confiança, o que o torna também um valioso dado de campo.

Levo em consideração que os sujeitos “são constituídos discursivamente [...], mas não] são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim, sujeitos cuja atuação é construída através de situações e status que lhes é conferido” (SCOTT, 1998, p.319-320). A experiência para Scott, portanto, é um acontecimento linguístico que não está fora dos significados estabelecidos, mas não está confinado a uma ordem fixa de significados.

Segundo a historiadora, devemos dar a devida atenção ao campo da linguagem, já que esta é o campo pela qual a história se constitui, e a experiência é a história de um sujeito. Não se trata de captar somente o aparente, já que quem vê também tem experiências submersas ao campo da linguagem. Trata-se de desvendar a forma como os sujeitos foram

construídos já que “não são indivíduos que tem a experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência” (p.304). Scott atenta que tomemos cuidado para não naturalizarmos e tomarmos como algo dado nem a experiência, nem a subjetividade, nem o corpo.

O fato de eu ter percorrido em minha vida caminhos semelhantes aos de muitos sujeitos de pesquisa, por conta da regulação e controle social sobre a sexualidade, facilitou¹³ a minha imersão no campo, por ter familiaridade com os códigos pelos quais estão se dando as interações nos bate-papos. Tornou, também, mais fácil manter vínculos pelas similaridades de experiências. Dessa forma, além de pesquisador, os sujeitos me tornam um confidente de suas experiências de vida, amorosa e sexual por saberem que eu passei por experiências sociais parecidas com a deles como o conflito com a família e a de racialização. Dentre muitas outras formas, me chamaram carinhosamente de “bee”, “bixa asiática”, “bilu” e “japonesa”, o que mostra que a minha interação foi firmada a partir de leituras que fizeram da minha corporalidade e, em especial, confiada por conta da minha experiência, como aquele que não é um “estranho completo”. Com alguns colaboradores de pesquisa que venho acompanhando a mais de um ano e meio, são os estreitamentos de vínculos que tornam possíveis as trocas intersubjetivas, que, por sua vez, são apoiadas em experiências de vida de ambas as partes, o que permitiu obter dados de campo interessantes que não seriam possíveis pelos métodos em que é preciso um distanciamento. As nossas experiências também devem ser pensadas para estabelecermos o “limite” das negociações, já que ambas as partes – o pesquisador e o colaborador – tem limites subjetivos que devem ser respeitados, já que violar essas regras significa estar em uma situação mais de violência do que de pesquisa.

Em uma tarde de domingo, fui acompanhar o Rafael, que é meu colaborador de pesquisa a mais de um ano, em uma de suas caminhadas com os seus filhos. Já no caminho de um parque, mudamos o local para caminhar devido a nossa conversa:

Eu: Onde as pessoas que não usam internet fazem sexo aqui em São Carlos?

Rafael: Ah, sei lá.

Eu: Na minha cidade já fiz em um parque.

Rafael: Sério bee? (risos). Você é rodada então?

Eu: Talvez. agora eu namoro e estou comportado. Vou não, quero não, posso não, meu amor não deixa não (cantando).

Rafael: Entendo. Para você matar a saudade, vamos lá caminhar na Pista de Saúde. Fica do lado da federal. Eu não acredito que você nunca foi lá ainda!

¹³ Facilitou, o que não quer dizer que foi a condição para que a pesquisa pudesse ser feita.

(risos). Faz tempo que não vou lá, mas sei que rola uma pegação nervosa geralmente no fim da tarde, quase escurecendo.

Eu: Que babado. Vamos lá dar uma olhada.

(Já na Pista de Saúde)

Eu: Nossa, mas esse negocio está um deserto. Cadê os caras se pegando?

Rafael: Olha lá bee, um boy bonitinho correndo!

Eu: Ui. (risos)

Rafael: Já peguei. E conheci no bate-papo.

Eu: Nossa, de você não escapa um. Por que se tem tanto “boy magia” aqui, não vem mais gente se pegar? Deve ser porque quem pega mais aqui é o pernilongo. (neste momento, vários pernilongos me picavam). Essas “chupadas” da Pista, como coçam! (risos)

Rafael: Vem sim, só que mais tarde. Ainda tá cedo. Só que vem mais gente velha que não sabe usar computador. Aí não tem jeito né, tem que vir até aqui. Aparece aí mais tarde, você vai gostar. Tem todos os gostos. Você que é novo e japa, pode escolher: tem velhos, negões, barrigudos, ruivos e até duendes. Os caras que vem aqui estão desesperados para fazer sexo. Tem que se cuidar porque se não vai coçar seu bilau de verdade. Tem uma vez que eu estava andando e um cara tirou o pau dele para fora e começou a se masturbar. Você teria coragem bee?

Eu: Que babado. Mas Rafael, você tá achando que eu sou cara de pau assim?

Eu não faria nada porque tem gente e guardinhas vendo. Medo.

Rafael: Não bee, só você dar aquele olhar e seguir o cara que vai te levar para o meio do mato.

Eu: Ai que medo. Eu nem sei como olhar.

Rafael: Hoje em dia gente nova é “desligada” mesmo. Ainda bem que você já namora e não precisa caçar, porque nem falo nada para você. Só te trouxe para você conhecer mesmo. Seu negócio é pesquisar em bate-papos mesmo, já que é medroso. (risos)

É evidente que o meu corpo e as minhas experiências são interpretadas em campo. Eu não teria mínimas chances de que o Rafael me apresentasse a Pista de Saúde se não soubesse que eu já me relacionei com outros homens em espaços similares a este em outra cidade. Rafael só passou a se abrir e falar espontaneamente comigo sobre os seus gostos e experiências a partir do momento em que me parou de chamar pelo nome e passou a me chamar de “bee”, que é um jeito de chamar o outro mais próximo e amigável do que “bixa”, que é ofensivo. Às vezes Rafael torna a minha racialidade uma entidade psicológica me chamando de “japa”. De qualquer forma, percebi que tínhamos aprofundado os laços de confiança, muito ligados à minha experiência, racialidade e sexualidade. Uma conversa é um jogo de poder, pela qual os risos, pausas, suspiros, ironia, gírias e tom de voz, são usados para se comunicar. Muitos destes elementos são forjados em meio a contextos específicos, que neste caso, os utilizados por mim e Rafael são produzidos pelo dispositivo da sexualidade, e essa similaridade da forma de sentir e falar gera certo conforto para que o colaborador se expresse despreocupado com a linguagem que usa, e confiante de que eu compreenda o que

diz respeito às minhas experiências. O estreitamento de vínculo serve para criar uma relação confortável de fala. O pesquisador deve estar atento para o fato de que o seu interesse é a pesquisa e deve criar relações a partir desse eixo, com o cuidado de não transformar a pesquisa em dependência emocional.

3.3 OS SUJEITOS DE PESQUISA: COMO SE DERAM AS INTERAÇÕES

Por meio de uma etnografia participante, acompanhei sete colaboradores de pesquisa, quatro deles durante dois meses, um por cinco meses e os dois restantes durante dezoito meses. Por se tratar de uma etnografia na qual as mídias digitais estão colocadas na relação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa, pude acompanhar o dia a dia dos mesmos – além das interações off-line – conectado por meio das plataformas de relacionamento online como Facebook e Skype como também por meio do uso do aparelho celular.

Levo em consideração a proposta foucaultiana de não fazer um estudo sobre os sujeitos, na qual inevitavelmente estaria corroborando na empreitada de colonização destes por meio dos saberes interessados que categorizam, organizam e hierarquizam as pessoas nas relações de poder. Neste sentido, me interesso por criar saberes que não digam quem são os sujeitos, mas antes, procuro falar a partir de sujeitos construídos em relações de poder.

Tenho consciência de que, como um sujeito posicionado como pesquisador em um curso de mestrado em sociologia, é conferida a mim a licença de criar saberes considerados “científicos”, a qual dá aos meus escritos a hipócrita aura de legitimidade. No entanto, esta pesquisa contém – além da minha percepção sobre as relações sociais em um contexto localizado – as vozes dos sujeitos que muitas vezes não são escutados. Tento concretizar a proposta de Spivak (2010) em “Pode o subalterno falar?” de criar espaços onde os sujeitos possam falar, ser escutados e compreendidos. As suas falas são analisadas sociologicamente por mim, não porque sejam incapazes de pensar sobre o que fazem, mas antes porque esta pesquisa busca utilizar-se de ferramentas sociológicas para compreender as forças sociais que atravessam os sujeitos.

Neste tópico apresentarei cada um dos sujeitos, a minha aproximação com eles e os modos pelos quais mantive vínculos que me permitiram ser acolhido pelo campo. Já que, por questões éticas, não é possível utilizar seus nomes próprios, utilizo nomes fictícios escolhidos por eles mesmos. Apresento então, em ordem cronológica dos meus contatos iniciais: Rafael, Gustavo, Miguel, Juliano, Ricardo, Jorge e Guilherme.

Após longas imersões em salas de bate-papo, nas quais observei inicialmente a dinâmica de seu uso, pude compreender de modo geral, como estão se dando os relacionamentos homoeróticos. A interação propriamente dita se deu em um segundo momento, quando comecei a abordar os participantes da sala, e muitas das minhas primeiras abordagens foram fracassadas. Como já discuti no capítulo de reflexões metodológicas, a minha identificação como pesquisador logo no primeiro contato assustou, e até mesmo causou revoltas por parte dos participantes, pela presença de um pesquisador na sala de bate-papo. Usar o apelido “pesquisador” para interagir não foi bem sucedido, o que é compreensível, visto que dessa forma eu estava assumindo uma posição de poder como um investigador das interações que desejavam ser ali realizadas em segredo.

Como já observei, Diego, meu segundo nome, foi o apelido que usei em minhas incursões etnográficas, de modo que não conotasse interesses afetivos e sexuais, mas apenas a posição de uma pessoa do gênero masculino, como o nome é “naturalmente” associado.

Rafael

Conheci o Rafael em uma das minhas incursões etnográficas, quando eu estava temeroso de que a interação pudesse ser frustrada novamente. Desta vez, ao invés de começar a interação dizendo “Olá, sou pesquisador...”, o abordei de outra forma. Sem esperança de que a interação pudesse se desenvolver conversei normalmente como um usuário da sala de bate-papo, segundo os códigos de interação com os quais eu já estava habituado por conta das minhas próprias experiências pessoais – eu estava frustrado e queria somente conversar. Depois de longas horas de conversa Rafael já estava ciente de que eu era um pesquisador frustrado, trocamos o contato do Skype, e ele caridosamente caçou de mim quase todos os dias em que eu ficava on-line.

Já era tarde da noite, quando após um mês de interação online, recebi o convite de irmos ao bar para conversarmos. Recusei a carona por motivos de segurança e me encontrei com ele no bar, onde já estava sentado na cadeira do estabelecimento em uma mesa na esquina. Estava mexendo no celular, e por vias de dúvida enviei uma mensagem “é você?” para saber se era ele mesmo, já que não parecia muito com a sua foto do Skype. De cabelos curtos, pele escura, ele usava camiseta branca e calça jeans coladas ao corpo, tênis de atleta e

pelas minhas contas, cerca de dez pulseiras de silicone e de borracha¹⁴. Não sabendo sobre o que falar, puxei o assunto para falar sobre a minha pesquisa, mas que foi interrompido imediatamente: “*que papo chato Diego! Já sei que está pesquisando*”.

Para não parecer uma pessoa pedante pedi para que ele, portanto, falasse. Perguntei ao Rafael sobre a sua vida, e ele se apresentou discursando sobre o seu estilo de vida, a sua maturidade como uma pessoa de 35¹⁵ anos de idade, curso universitário completo, funcionário público e principalmente sobre os seus dois filhos recém-adotados. Não falei quase nada, mas resolvi escutar mais Rafael, que parecia querer compartilhar a sua alegria de ter agora dois filhos, e o assunto enchia os olhos de Rafael de lágrimas de emoção.

Depois do nosso terceiro encontro face-a-face, fui percebendo a posição ao qual Rafael me havia relegado, que se queixava sobre a solidão e pela falta de pessoas “interessantes” na cidade para conversar, quando fui interpelado a ocupar a posição, segundo ele, de “parceiro”. O fato de eu estar interessado em suas falas e ser um universitário que veio de outra cidade, tornou-me, para ele, uma pessoa interessante de se conversar. Assim como ele, tenho um curso universitário completo e seria um bom confidente de suas falas, por ele presumir que não participo do “meio gay” da cidade. Nesse sentido, criar vínculos não foi algo aleatório, mas antes, foi o resultado dos interesses e afinidades pessoais. Na esfera das relações homoeróticas esses vínculos costumam ser avaliados e desejados, levando em conta uma espécie de cálculo sobre o quanto eles podem expor a pessoa a comentários sobre sua sexualidade. No caso, o fato de eu ser “de fora” era algo positivo, pois me colocava também de fora dos círculos de convivência cotidiana de Rafael. Minha japonesidade, no contexto de São Carlos, também pode ser lida como marca de classe ou, ao menos, de pertencimento ao universo acadêmico, dois atributos também valorizados e que agregam interesse ao contato.

Encontrei dificuldades no excesso de afinidades e expectativas que Rafael passou a criar sobre mim. O vínculo de “parceiro” passou a se tornar demasiadamente afetivo e sexualizado, e de certa forma, essa “parceria” tornou-se para ele, uma oportunidade de se relacionar afetivamente com uma pessoa com certo grau de similaridade social. Justifiquei a inviabilidade desse tipo de relação, mas pela relutância por parte dele, me afastei radicalmente, ignorando toda e qualquer forma de reaproximação.

14 Me parece que as pulseiras servem como uma forma de agregar significados ao seu corpo. Estas pulseiras que o Rafael usa, são aquelas magnetizadas e usadas por atletas, verde-amarela na qual parece demonstrar a sua identificação nacional, e algumas mais finas de cor preta que ele próprio comprou.

15 Rafael “mudou” de idade para mim três vezes, o que demonstra que a idade é um atributo a ser negociado. Na nossa primeira interação afirmou ter 28 anos, depois de 8 meses 33, e mais recentemente 35, portanto, mantenho a última.

Eram 17:30 horas da tarde de uma segunda-feira, quase um mês após o nosso desentendimento, quando a campainha da minha casa toca. Para a minha surpresa, o Rafael estava em pé em frente ao portão com os seus dois filhos que não paravam de correr de um lado ao outro. Abri o portão, e a minha indiferença se desfez quando o Rafael diz aos seus filhos que eu nunca tinha visto: “*Dá oi para o tio*”. Recebi abraços afetuosos de seus filhos (que não sabem que o pai se relaciona com outros homens) e um pedido de desculpas pela insistência de querer de mim algo a mais.

Tinham se passado mais de dois meses desde que nos conhecemos, e só a partir de termos nos conciliado, fui pela primeira vez com o Rafael ao bar considerado a única casa frequentada por pessoas que se relacionam homoeroticamente em São Carlos. Passei a caminhar no fim da tarde ou aos finais de semana nos parques junto também de seus filhos e também passei a frequentar a sua casa – localizada em um condomínio fechado perto do shopping –, conhecer os seus amigos, um pouco do seu ambiente de trabalho em uma universidade pública, seus ex-namorados, e seus ficantes e ex-ficantes¹⁶. Foi nesta relação que pude, mais do que estar atento às suas falas, compreender as suas ações. Embora eu nunca tenha entrevistado o Rafael, mas sim acompanhado o seu dia a dia, ele mostrou-se sempre interessado em contribuir com a pesquisa.

Com o passar do tempo, após cinco meses, passamos a fortalecer os laços de confiança, e pudemos por meio disso, fazer trocas intersubjetivas cada vez mais sinceras e profundas.

Encontramo-nos pessoalmente cerca de 50 vezes, mas mantivemos o contato regularmente pelo Skype, Facebook e mensagens de celular. Este fato mudou radicalmente o meu cotidiano, pois dediquei até mesmo as madrugadas para conversar com Rafael.

Gustavo

“Pedro” mudou de ideia e passou a não gostar mais do nome fictício que eu e ele tínhamos escolhido para a pesquisa, portanto, retifico as recentes publicações: o nome dele é agora Gustavo, que para ele, é um nome mais bonito, jovial e atraente. “*Japa, eu tenho que*

16 Ficar com alguém significa se relacionar / acessar a outra pessoa beijando por alguns segundos ou até mesmo se relacionar deste modo, algumas vezes durante algumas semanas. Ficar não envolve maiores compromissos afetivos pois como não chega a ser um namoro, as partes tem relativa liberdade de ficar com outras pessoas. Quando existe um envolvimento sexual, não se diz ficar, como mostra o meu campo, mas sim, usam o termo “fazer o boy”.

sair bonito na sua pesquisa. Esse negócio de Pedro não tem nada a ver comigo. É brega”. Respeito desse modo a sua decisão, a qual foi tomada a partir de uma reflexão de si mesmo, de modo a eleger um nome que considera melhor para ser exposto no texto da dissertação.

Sentado à minha mesa, derrubando as coisas importantes ao chão, pisando em meus livros com a cadeira de rodinhas, Gustavo esqueceu da minha existência quando se conectou ao bate-papo para “caçar” enquanto eu me arrumava para ir à piscina do SESC¹⁷ com ele – onde ele se comprometeu a apresentar os lugares em que frequenta na cidade. Já eram quase quatro horas da tarde, quando eu disse: *“vai ficar aí o dia todo? O sol vai se por daqui a pouco!”* e o “Leke23” – apelido que usava no bate-papo – se desconectou do chat e retrucou: *“calma japa, é melhor quando o sol ficar mais fraco, só posso ficar um pouco mesmo, então dá tempo para a gente curtir a piscina. Não posso ficar muito se não eu fico queimadinha (risos)”*.

Gustavo tem atualmente 23 anos de idade, mora com seus pais e com mais três irmãos em um bairro de classe média/classe média baixa localizado geograficamente na área periférica da cidade. O conheci em uma das minhas interações no bate-papo algumas semanas depois de quando eu já interagira com o Rafael. Gustavo usava o apelido “Leke22” quando resolvi abordá-lo, e após nos apresentarmos, segundo os códigos de praxe, me identifiquei como pesquisador, mas tive a sensação de que essa informação não o incomodou¹⁸.

O encontrei no bar Empório onde só o cumprimentei brevemente, pois eu estava conversando com o Rafael, e apenas o observei de longe, acompanhando as suas ações e a sua corporalidade. Após alguns meses de interação pelo Facebook passamos a conversar mais quando nos víamos e a estreitar os vínculos. Gustavo me apresentava aos seus amigos como “japonês carne nova”, referindo-se ao fato de que eu tinha vindo à São Carlos de outra cidade. Desta forma, fui sexualizado, especialmente por consequência de minha racialidade e por representar uma pessoa fora dos seus círculos de sociabilidade e, portanto, não ser uma pessoa com quem, possivelmente, seus conhecidos teriam se relacionado.

Ser “carne nova” desperta de certa forma curiosidades – em uma cidade como São Carlos que dependendo do circuito de relações, todos se conhecem –, ainda mais quando essa “carne” é exotizada como “japonês”. Alguns amigos de Gustavo, e até ele próprio chegavam a

17 O SESC (Serviço Social de Comércio) é uma entidade voltada prioritariamente para o bem-estar social dos seus empregados e familiares, mas aberto ao público em geral. Atua nas áreas da educação, saúde, lazer, cultura e assistência médica. (www.sescsp.org.br)

18 Acredito que pelo fato dele não ter entendido direito o que eu estava propondo. Lembro-me de que depois de 5 meses de interação, quando me ligou querendo desabafar as suas frustrações amorosas, Gustavo me perguntou: “mas o que é esse negócio de mestrado? É universidade?”

me perguntar curiosamente, e em tom de deboche, “*como é ser um japonês?*” e diziam que tinham a vontade de “ficar” com um para ver como é. Achei estranhas as atitudes de Gustavo, pois me parecia uma pessoa bastante “comportada” quando interagi online com ele. Mas só depois de longas observações, vi que ele tinha atitudes diferenciadas na frente de seus amigos, como uma forma de ser reconhecido como uma pessoa divertida.

Gustavo trabalhava em uma empresa de serviços licitada pelo governo, ganhava um salário mínimo e gastava todo o seu dinheiro em contas de seu smartphone, bebidas e baladas. Quase todas as sextas feiras o Gustavo aparecia no bar, já tarde da noite, estilizado de Leke, ou seja, de boné aba reta, camiseta com estampas e, quase todas as vezes, com um short que ele mesmo pintou com a bandeira dos Estados Unidos. Ficava em pé, conversando de mesa em mesa, esperando que alguém oferecesse carona a ele para ir ao Paradise, uma boate localizada na cidade vizinha (Araraquara). Em São Carlos o único espaço comercial para as sociabilidades homoeróticas existente era o bar Empório, o qual Gustavo frequentava todas as semanas.

Normalmente eu ficava possesso quando ia ao bar a convite de Gustavo, já que ele me “abandonava” rapidamente para ir à Araraquara, o que me fez perguntar o que se passava nessa outra cidade. Em um convite, feito pelo Gustavo por educação, aceitei ir à Araraquara, e depois de muitas negociações ele conseguiu uma vaga em um carro que estava partindo imediatamente.

Araraquara é uma cidade média, distante cerca de 35 km de São Carlos, com pouco mais de 200 mil habitantes, conhecida por ser pacata e menos aberta à vida estudantil. Ao lado de um cemitério e funerárias funciona uma boate chamada Paradise. Era quase uma hora da madrugada quando entramos. Gustavo e seus amigos constataram que a metade das pessoas da boate eram residentes de São Carlos, fato que também percebi quando reconheci algumas pessoas que eu já tinha visto em outros lugares. Às três horas da madrugada eu já não aguentava de sono, e, tomando energéticos, via o Gustavo e os seus amigos fazerem “chamadas” para cheirar cocaína no banheiro, de onde voltavam animados e dançavam durante toda a noite com bastante disposição, mantendo um capital performático para seduzir potenciais parceiros, assim como para prolongar a noite. Eram seis horas da manhã quando resolvi ir embora por conta própria, pois a boate já havia fechado as portas e a festa continuaria na casa de um desconhecido. Acabei não indo embora, pois o Gustavo não parecia bem e, às 10 da manhã, sob a sonolência do motorista, retornamos para São Carlos. Acredito que o fato de termos ido e voltado juntos de Araraquara possibilitou que fosse criada em nossa relação, laços de confiança.

Deste dia em diante, recebi mensagens em meu celular quase todas as semanas, não apenas convites para sair com ele, mas recados que enviava a uma lista de amigos desejando uma boa semana, acompanhado, de trechos bíblicos ou de histórias de superação como: *“Uma boa semana para vocês. Que Deus esteja presente na sua vida, e ter vocês na minha me ilumina”*.

Gustavo passou a ligar para mim para contar de seus problemas pessoais com as pessoas com quem andava se desentendendo. Como o meu número era de outra operadora, ficou claro, para mim, como se endividava com a sua operadora, fazendo longas ligações para desabafar com seus amigos. Fui considerado por ele como seu amigo, e, passamos a nos falar mais sobre uma infinidade de coisas, entre elas, passou a me contar de suas intimidades e sobre as suas buscas amorosas e sexuais. Passei a compreender melhor o seu modo de se vestir, escrever, falar e se relacionar, suas múltiplas formas de se agenciar e como a sua subjetividade encontra-se marcada por conta das experiências negativas de preconceito racial e sexual.

Atualmente Gustavo trabalha em uma loja de roupas, participa de um consórcio de uma motocicleta – embora não tenha carteira de motorista –, e afirma gastar todo o restante do seu dinheiro para pagar a conta do seu celular e o conserto do aparelho, que comprou parcelado e que quebrou recentemente, e também para comprar roupas e acessórios.

Juliano

Juliano se considera “negro”, tem 21 anos e mora com a sua família em um bairro próximo ao hotel onde trabalha. Dia sim, dia não, se arruma e vai trabalhar no período noturno, onde, ao fim de seu expediente, vai sob o sol da manhã direto à academia de ginástica. Esta rotina se repete desde que largou o seu curso universitário em uma universidade particular. Atualmente faz uma poupança para conquistar a independência financeira e se emancipar do controle familiar, que exerce uma relativa vigilância acerca de sua sexualidade.

Quase todos os dias eu via o Juliano sob o apelido NegroHxHc/localAfim nas salas de bate-papo, o que me despertou bastante curiosidade em saber quem seria essa pessoa, usuário assíduo das salas do chat. Era um jovem que estava procurando relacionamentos amorosos ou sexuais, portanto, desenrolar um contato imediatamente seria inoportuno, já que eu atrapalharia a sua busca, assim como correria risco de ser sexualizado. Apenas conversamos brevemente e trocamos os contatos do Skype, indicando a possibilidade de que,

se ele concordasse, a pesquisa poderia contar com a sua colaboração. Optei por esperar quase um mês, até que, no segundo contato, eu pudesse me tornar uma pessoa não tão interessante, mas ainda me parecia que os interesses de Juliano comigo eram mais do que apenas colaborar com a pesquisa.

Na terceira tentativa, acredito eu, passei de uma pessoa não tão interessante, para uma pessoa chata, que dava o indicativo de que eu passaria a pesquisar, mas demorava para abordá-lo. Tinham se passado dois meses até que não era mais possível adiar o início das interações mais densas. Pelo Skype, pedi a permissão para encontrá-lo em seu ambiente de trabalho, que era para ele o tempo mais conveniente para conversar comigo. Eram 10 horas da noite quando entrei no hotel para encontrá-lo.

Na recepção estava o Juliano, vestido com uma camiseta estampada, corrente prateada em seu pescoço, e calça jeans com detalhes de remendo, sentado em frente a dois computadores, um pelo qual monitorava em tempo real todo o hotel, e outro pelo qual tinha o seu Facebook e Skype conectados. Sorridente e educado, Juliano puxou uma cadeira e me fez sentar-me à sua frente dentro da recepção ambientada por computadores e mesas, e se desculpou pelo fato inesperado do hotel estar cheio de hóspedes. Fizemos cerca de 15 pausas em meio a nossa intensa conversa que durou cerca de 6 horas, para que o Juliano pudesse atender a demandas dos hóspedes, já que trabalhava sozinho no período noturno.

Juliano conta que sempre foi uma pessoa esforçada e preza muito o respeito para com a sua família. Seu pai e sua irmã desconfiam de que ele deseja se relacionar com outros homens devido a alguns incidentes, como ter deixado o Skype aberto e sua irmã ter visto o histórico de suas conversas. Perdeu desta forma uma relativa liberdade e paira em sua casa o clima de desconfiança, mas não pretende contar à sua família sobre os seus desejos para não perder radicalmente a liberdade de sair sem ser interpelado. Fatos como esse me fizeram perceber que a busca de relações em segredo não pode ser confundida com a existência de vidas completamente “no armário” em São Carlos, mas um processo de negociação sobre o que se torna público e o que é mantido privado em relação às experiências homossexuais. O silêncio da família e os olhares de desconfiança são suportáveis e mantidos pela “discrição” de Juliano. Talvez a homossexualidade seja inaceitável apenas se trazida ao discurso ou visibilizada sem a negociação prévia com o entorno familiar. Trata-se de uma situação complexa e tensa, mas que não equivale a de uma simples recusa ou proibição.

Nos fins de semana costuma sair com seus amigos – desde a sua infância – em ambientes que ele considera como “hétero” e afirma não gostar de “gays” escrachados e frescos, portanto não frequenta muito os ambientes que tenham essas pessoas, mas diz que

gostou de ter ido à boate que esteve aberta durante apenas sete meses, a *Friends* em São Carlos, e ter se sentido “gostoso”, já que foi cobiçado, segundo ele, com luxúria. Percebeu que algumas pessoas só queriam sexo com ele, enquanto outras evitavam chegar perto por conta de sua racialidade. Foi uma experiência bastante positiva para o Juliano, que conseguiu “ficar” com um menino, não dentro da festa, mas fora da boate quando foi abordado em meio a uma praça quando já estava indo embora.

Aos 14 anos, Juliano já se relacionava com outros homens em banheiros públicos, mas conheceu o bate-papo em seu curso de informática aos 15 anos, quando por motivos de segurança – violência e ser “descoberto” por conhecidos – passou a frequentar menos os espaços físicos onde eram feitas trocas sexuais e passou a usar mais os bate-papos, onde poderia se relacionar sem correr risco de retaliações. Já se relacionou com muitos homens, a maioria a partir do bate-papo, e atualmente procura um relacionamento amoroso sério, mas que nunca encontra.

As minhas interações com o Juliano não podem ser reduzidas a “entrevistas” mais ou menos rígidas, mas antes, se trataram de interações de convivência, conversas e observação, onde, fazê-lo saber sobre a minha própria experiência e história de vida foram de certo modo, chaves de confiança para que ele pudesse “se abrir”, me contando algumas de suas perspectivas sobre si mesmo. Mantenho com o Juliano, desde então, contatos regulares pelos quais, sempre que pode conversar, revisa o meu texto de dissertação e me conta um pouco mais de sua vida pessoal.

Miguel

Algumas horas antes da partida para a sua casa no estado do Paraná, Miguel, de 24 anos, entrou na sala de bate-papo para conversar. “Japahxh” dizia que estava no chat procurando um lugar onde morar em São Carlos para iniciar, efetivamente, o seu curso de pós-graduação na área das exatas, depois de idas e vindas do Paraná para a cidade de São Carlos para fazer uma disciplina do seu provável orientador como aluno especial. Apresentamo-nos brevemente e nos adicionamos no Skype, já que ele teria que se desconectar do bate-papo para arrumar as suas malas e retornar ao seu estado.

Passamos imediatamente a conversar pelo Skype. Ele se surpreendeu comigo por reconhecer pela minha foto que sou “japa”. Conversamos mais de 30 minutos sobre os nossos cursos universitários até que falei sobre a minha pesquisa, quando fui questionado se ele estaria fazendo parte. Miguel concordou em participar por ter se identificado comigo porque

eu também, segundo ele, era *nihondin*¹⁹. Fui questionado sobre os termos éticos de pesquisa, e como de praxe para um estudante de ciências mais exatas, me questionou como eu comprovaria, em minha pesquisa, se ele estaria falando a verdade ou não. Por se tratar de um estudo sobre as relações sociais e não sobre os comportamentos, tranquilizei-o para que futuramente ele se sentisse a vontade de falar comigo como quisesse, pois como pesquisador, meu papel não seria o de julgar, mas o de compreender os seus discursos.

Passei após a sua partida, a conversar com Miguel pelo Skype por uma longa data, pelo menos duas vezes por semana durante cinco meses. Senti que não existia uma “distância social” que impusesse fronteiras simbólicas no relacionamento entre Miguel e eu, e essa identificação, em especial a racial e de nossa trajetória de vida – por termos crescido na zona rural, e tentado viver longe do controle familiar –, nos aproximou, e, ao mesmo tempo, não me tornou sexualizado: “de japa, já basta eu”, dizia o Miguel.

Miguel nunca procurou outros homens off-line por conta de que, segundo ele, “quase ninguém sabe” que deseja se relacionar com outros homens, inclusive a sua família. Ele nunca namorou, e sempre buscou se relacionar com outros homens por meio das mídias digitais, em especial nos bate-papos. Usa também outras plataformas de relacionamento como Facebook, Orkut e os sites de busca de parceiros como Par Perfeito. Miguel sempre demonstrou ser “romântico”, e busca, na maioria das vezes, um relacionamento sério, segundo ele, diferente “dos caras que só pensam em putaria”. Nos meses em que estive interagindo com ele, percebi que ele busca pessoas com atributos corporais, cursos universitários e profissões valorizadas socialmente. Sempre se relacionou com pessoas de fora da cidade, por que em São Carlos, as pessoas com quem interagiu não fazem o seu “tipo”, ou seja, não o agradam.

Embora Miguel ache que na universidade²⁰ onde cursa o mestrado os homens são bonitos, por conta dos atributos, que envolvem em especial a branquitude, evita ao máximo se relacionar com os estudantes dessa instituição, para que ele não se torne alvo de “fofocas”. Ao buscar se relacionar com a população homoerótica em geral, inclusive com aqueles que são de outra universidade, se decepciona por serem, nas palavras dele, “feios e diferentes”.

19 O termo “nihondin”, mais do que ser traduzida apenas como “japonês”, dá ênfase às “características culturais”. Dizer que o outro é “nihondinrashii”, significa afirmar que a pessoa carrega o “espírito” japonês, e se comporta segundo os costumes e tradição.

20 Se trata de uma universidade pública que concentra vários cursos na área de exatas. A universidade é famosa entre todos os meus colaboradores por concentrarem “boys bonitos”. Percebi em campo, que a beleza é referida não só pela estética, mas por conta de que os estudantes são de classe média alta, masculinos e “brancos”. O imaginário de que os cursos de exatas concentram em sua maioria homens que buscam se formar e exercer profissões altamente valorizadas socialmente, contribui para que estes estudantes sejam desejados como um ideal de parceiro amoroso/sexual.

Encontrei o Miguel pessoalmente uma única vez, em um café, já que os outros ambientes não o atraíam. É uma pessoa extremamente tímida, de estatura baixa e sorridente. Relacionamo-nos melhor pelo Skype, onde se mostra menos desinibido e à vontade para conversarmos. Este fato é compreensível quando vejo que ele costuma conversar com seus amigos majoritariamente pela internet, e que nunca criou relacionamentos a partir de contextos off-line.

Foi criado por uma família residente em uma zona rural, próximo a uma cidade de 3.000 habitantes, e, para ele, teve um círculo social limitado. Somado a experiências negativas de racialização e sexualização, encontrou nos estudos uma oportunidade e legitimidade para afastar-se de relações sociais limitantes, embora isto o restrinja subjetivamente em suas relações cotidianas. Atualmente mora em São Carlos sozinho, não gosta de sair muito, e tenta terminar o seu mestrado em apenas dois semestres.

Ricardo

Nunca me encontrei pessoalmente com o Ricardo, que tem 21 anos de idade e é universitário. Em uma das minhas imersões semanais constatei que existiam dois apelidos que se pareciam muito, mas que se intercalava nas quatro salas de bate-papo: o “boymama” e o “brancamama”. Era o Ricardo, que continuou usando esses apelidos pelo menos durante dois meses (período em que o acompanhei na pesquisa). O primeiro apelido mostra que é um “boy” que busca “mamar”, ou seja, fazer sexo oral no outro, o segundo como um “branco” que busca fazer sexo oral.

O “boymama” anunciou várias vezes: “Alguém afim de uma mamada? Tenho local”, e mesmo sabendo da inconveniência da minha interação naquele momento em que ele buscava relacionamentos sexuais, resolvi interagir sob o risco da interação ser mal sucedida caso eu não conseguisse dessexualizar a relação.

Após cumprimenta-lo, fui inquirido com diversas perguntas, a partir das quais tive a oportunidade de interagir. Estava quase desistindo de tentar dialogar ao perceber que seria quase impossível me livrar das fortes intenções sexuais dele:

Ricardo: Mas como você é? Você não falou se é branco, negro, amarelo, índio, ...

Diego: Acho que para você eu seria amarelo.

Ricardo: Não curto japa cara. Mas boa sorte aí.

Diego: Mas eu não estou procurando me relacionar com outros homens.

Ricardo: Mesmo assim tou fora.

Diego: Por que não gosta de japas?
Ricardo: Estuda na federal?
Diego: Sim.
Ricardo: Tou fora mesmo. Falo cara.

Passado algumas horas, percebi que ele continuava conectado no bate-papo e resolvi interagir, questionando – para “puxar papo” - se já tinha encontrado alguém para se relacionar, e nessa oportunidade expliquei sobre a minha pesquisa. Pela minha insistência, Ricardo começou a me responder de minutos em minutos, e dizendo que iria se desconectar, me passou o seu contato do Skype.

No dia seguinte interagi com o Ricardo pelo Skype, que intercalava em sua foto ou o seu olho claro, ou a sua boca insinuando alguém que gostaria fazer sexo oral. Acredito que para ele, eu era desinteressante por ser um “japa” e pesquisador. Ricardo respondia apenas de madrugada, quando quase não havia mais pessoas para conversar. “Eae japa, pergunta as suas coisas aí” era a “deixa” dele para que eu passasse a conversar, e sempre desconfiado de minhas intenções de pesquisa, Ricardo me testava fazendo perguntas pontuais sobre a pesquisa “quais são seus métodos?”, e também se eu era realmente estudante da UFSCar: “onde fica a lanchonete PQ?”.

Somente mostrando o meu Facebook, assim como o meu nome na página da internet do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Ricardo passou a acreditar que eu estava realmente pesquisando. A nossa interação não foi tão aprofundada como a de outros colaboradores de pesquisa. A minha percepção é a de que o tema da pesquisa não deixava o colaborador confortável. Todas as vezes que eu tentava abordar o tema, Ricardo acabava se irritando, dando respostas um pouco grosseiras.

Ricardo morava com a sua família até se mudar para São Carlos recentemente, e atualmente mora sozinho perto da universidade onde estuda. Considera ter poucos amigos e sai com eles raramente. Já instalado em São Carlos, aprendeu a se relacionar com outros homens por meio dos bate-papos, e para ele é uma experiência positiva. Em suas palavras: “Cara, eu sempre tinha vontade, mas não podia porque morava com meus pais. Agora que moro sozinho estou viciado. É só entrar que é certeza que vem um monte de gente querendo transar. Só temos que separar o joio do trigo, saca? Ativo do passivo, pobre do rico, feio do bonito...”.

Passado dois meses desde que começamos a interagir pelo bate-papo e Skype propus um encontro para conversarmos melhor, mas Ricardo se recusou, e para a minha surpresa, as suas últimas palavras foram a de que “Não curto japas”. Após cerca de algumas horas

constatei que ele tinha me bloqueado no Skype, o que impossibilitou que a interação continuasse.

Jorge

“Sou gente fina e versátil e procuro alguém gente boa igual eu para curtir. Sou branco, universitário, 30 anos, 185 de altura, 75kg, malhado. Não perde o seu tempo se você não tiver cérebro”, anunciou o “Jorge” no bate-papo. Ao começar a interagir com ele, fui questionado sobre as minhas características corporais, e ao responder, fui totalmente ignorado. Achando interessante contar com a colaboração dele para a pesquisa insisti dizendo “cara, não estou querendo relacionar, estou pesquisando. Rola?”, o que acabou despertando o interesse de Jorge.

Após eu ter explicado a minha pesquisa, Jorge considerou o estudo uma perda de tempo, pois segundo ele, não faz sentido existir uma pesquisa que investiga a negociação das diferenças se todos são iguais. Apesar disso, pedi para que ele colaborasse com a pesquisa, pois me pareceu interessante tentar compreender o contraste de seus discursos igualitaristas com a sua foto do Skype, que mostrava apenas os seus cabelos castanho-claro caídos sobre seus olhos verdes.

Jorge é estudante de graduação na área de exatas, gosta de sair com seus amigos nos bares e volta para a sua cidade de carro todos os finais de semana para ajudar nos negócios da família, exceto quando tem compromissos com a faculdade. Sai para se relacionar com outros homens raramente, pois ele precisa ter a certeza de que o encontro será sigiloso. Conta que fica algumas semanas “investigando” o outro, e assim que tem a certeza de que não representa riscos à sua imagem social, concorda em se encontrar. “Das quatro paredes Diego, não pode vazar nada. Tudo é motivo para as pessoas ficarem falando. Ou que sai com uma bixa afetada, diferente e talz. Por isso eu não saio com nenhum cara por aí para não ficar dando pinta, eles é que venham em casa.”

Incluído nessa mesma lógica, para me encontrar com Jorge para uma interação face-a-face, tive que ir para a casa dele. As condições do colaborador foi a de que eu deveria ir sozinho, não tirar fotos e nem divulgar o seu nome, e complementou no dia em que seria o encontro: “só papo rápido beleza?”.

Tendo aceitado esses termos, me encontrei com ele em sua casa, onde mora só. Conversamos por pouco tempo, já que o Jorge afirmou que estava de saída. Acredito que a

nossa conversa não foi muito além do que já tínhamos conversado pelo Skype, mas foi produtivo na medida em que pude observar a sua casa e a sua corporalidade.

Os retratos da família encontram-se espalhados pela sala, e no único retrato da cozinha - ao lado de seu suplemento de proteína, que Jorge toma para treinar na academia - um terço católico encontra-se pendurado. Embora afirme que não seja religioso, tem a vontade de um dia se casar e ter filhos, mas no momento diz estar, segundo as suas palavras, “curtindo a vida”.

Depois desse encontro, que aconteceu dois meses e meio depois que nos conhecemos no bate-papo, Jorge me disse claramente pelo Skype que conversamos o “suficiente”, e me desejou sorte, e desde então, nunca mais o encontrei on-line.

Guilherme

De óculos escuro, sentado em seu carro preto, Guilherme me esperava. Tínhamos combinado de nos encontrar na lanchonete perto do departamento onde estuda e faz pesquisa. Não o reconheci logo de início quando fui encontra-lo, pois só tinha visto duas fotos de Guilherme até o momento em seu Skype: uma de seu peitoral e outra do corpo todo, mas que era invisualizável, pois a foto era muito pequena. Após receber uma mensagem no meu celular “metido!”, consegui localiza-lo, pois seria aquele que estaria rindo.

Guilherme é alto e relativamente musculoso, tem cabelos pretos cacheados e faz pós-graduação na área de exatas. Veio de Bahia, onde já morava em casa separada de seus pais para estudar. Não quis morar com a sua família desde que começou a cursar a sua graduação, pois isso dificultaria segundo ele, a se relacionar com outros homens. Em São Carlos também mora sozinho em um apartamento em um bairro de classe média relativamente distante da universidade onde estuda. Pratica natação, é simpático e gosta muito de falar sobre o seu curso.

Perceptivelmente Guilherme veio de uma família que tem uma renda alta. Ganhou recentemente um carro relativamente caro, mora sozinho, usa roupas sem estampas, mas de marcas valorizadas e tem muitos acessórios eletrônicos caros, que seria impossível ser comprado com a bolsa de pesquisa que recebe na sua pós-graduação.

Guilherme diz que não se considera como “branco”, mas se descreve como tal nos bate-papos. Nas palavras dele “Isso cola. Os caras verificam e me consideram branco apesar de eu ser baiano. Só tenho que disfarçar um pouco o sotaque [risos]”.

Encontrei o Guilherme uma única vez logo na segunda semana depois que nos conhecemos no bate-papo, e continuamos conversamos pelo Skype regularmente durante dois meses, a maioria das vezes quando ele está no laboratório da sua faculdade.

4 O QUE REGE A BUSCA: A LÓGICA DO USO DOS BATE-PAPOS?

As buscas de parceiros em relações homoeróticas não se dá sem critérios, mas são as diferenças sociais constituídas historicamente que fundamentam as buscas desejanter. Nesse sentido, o desejo sexual, afetivo e de busca não pode ser resumido como instintivo, mas antes, o regime erótico é forjado cultural e historicamente.

Miskolci (2013) sugere pensarmos os regimes eróticos como históricos, culturalmente variados e fundamentados (principalmente) também em interesses coletivos. Nesse sentido, o sociólogo afirma que os regimes “não devem ser pensados como uma tábula rasa de sujeitos autônomos que buscam constituir relações” (p.58), já que existem um conjunto de classificações hierárquicas que são históricas e contextuais.

Mas afinal, o que estaria regendo a busca de parceiros homoeróticos no contexto sancarlense? Delimitar o regime erótico nesta pesquisa é uma tarefa difícil, já que conta com a colaboração de sujeitos de pesquisa posicionados de formas variadas, em suas atividades de trabalho, estudos e família. Tento, portanto, esboçar neste capítulo alguns critérios de seleção comuns a todos os colaboradores.

A primeira questão que busco discutir é se existe ou não um mercado amoroso na busca de parceiros a partir dos bate-papos voltados ao público sancarlense. Os mercados amorosos – não no sentido estritamente econômico e tradicional – foram detectados por Illouz (2010) e Miskolci (2013) em suas pesquisas feitas no contexto de grandes centros metropolitanos, nos quais as mídias dão a sensação de individualidade, de estar selecionando e de estar em competição com outras pessoas, já que é possível visualizar quem também está buscando. Concordo plenamente que em um grande centro metropolitano a individualização e a competição por parceiros encontram-se acirradas, já que as plataformas analisadas contam com um grande fluxo numérico de pessoas. As mídias são forjadas comercialmente, e é impossível afirmar que os relacionamentos não tenha característica mercadológica. O que quero refletir é, em que medida esse caráter mercadológico está sendo “culturalizado” nas relações homoeróticas em São Carlos.

No contexto sancarlense, se existe um mercado, não se parece com o mercado pensado pel@s sociólog@s em seus contextos de estudos. Como vimos de modo preliminar, as interações criadas pelos bate-papos sancarlenses seguem a lógica escassez. Constatei em meu campo que, tanto no contexto online quanto off-line, encontramos, segundo a percepção dos meus colaboradores de pesquisa, “amigas”, ou seja, há a sensação de que todo mundo conhece todo mundo, e que essas “amigas” são muitas vezes pessoas indesejáveis por serem –

além da noção puramente estética – “feias” socialmente, por conta das desigualdades sociais como a escolaridade, renda, racialidade e etc. É impreciso, portanto, afirmar que em São Carlos exista um mercado amoroso/sexual, onde a busca se dá sob uma aparente competição de muitas pessoas conhecidas pelas poucas pessoas que são desconhecidas, ou seja, não podemos generalizar essas relações afirmando que as buscas nesse contexto se dão em uma lógica de mercado.

Juliano entra quase todos os dias no bate-papo, e afirma que geralmente, dos 30 participantes da sala, consegue reconhecer 25 pessoas, que são aquelas que entram periodicamente nos bate-papos para buscar parceiros homoeróticos. O mesmo é constatado também pelo Gustavo, que listou para mim o nome, bairro, idade e local de trabalho ou estudo da maioria dos participantes da sala. Já Rafael, comprou recentemente um smartphone para ver se consegue expandir as possibilidades de conhecer pessoas além daquelas conhecidas nos bate-papos, e frustrado, reconhece que são sempre as mesmas pessoas assim como nos bate-papos. Esses colaboradores de pesquisa parecem conhecer bem a dinâmica e as pessoas que frequentam os bate-papos, tão bem que apontam as variações dos apelidos que uma determinada pessoa usa para interagir com os outros usuários.

“Como você é?”, além de ser uma pergunta para julgar o outro segundo os seus critérios, é também para conferir se o usuário é uma pessoa conhecida – das suas interações bem sucedidas ou frustradas. As mídias digitais, nesse sentido, não são usadas como esperado – e embora tenham sido criadas com fins comerciais –, as apropriações contextuais mostram que os seus usos são variados e ambientados em contextos sociais localizados, como o do interior paulista, e essa noção de mercado amoroso culturalizado pode até mesmo não fazer muito sentido nessas relações.

Se é impreciso afirmar que a lógica não é a mercadológica, o que, então, rege a busca? Qual seria o regime erótico no contexto sancarlense? Para compreendermos um contexto social onde a desigualdade é a marca das diferenças sociais, se faz necessário designar alguns eixos para que, a partir dos colaboradores de pesquisa, possamos compreender os imprecisos contornos de um regime erótico que controla os códigos pelos quais se dão os relacionamentos amorosos/sexuais.

Miguel tem 24 anos de idade, é engenheiro e mora em um bairro próximo à Universidade de São Paulo (USP- São Carlos), onde faz pós-graduação. Veio para São Carlos de uma cidade pequena do Paraná onde morava sozinho por motivos de estudo e trabalho. Embora estivesse morando sozinho sempre se encontrou com a sua família que é composta pelo seu pai e cinco irmãos, que trabalham como produtores rurais.

Por ser muito raro que alguém “japa” entre no bate-papo não hesitei em interagir com ele. Depois de trocarmos as informações gerais básicas exigidas nas interações, informei-lhe que sou pesquisador e perguntei sobre o seu interesse de colaborar com a pesquisa. Prontamente se dispôs a ajudar no que fosse preciso. Afirmou que por eu ser também um “japa” assim como ele, não poderia deixar de contribuir com a pesquisa. O fato de eu ser considerado um “japa” neste caso, ajudou para que a nossa interação pudesse ter sido firmada.

Em uma interação que tive com outro rapaz que se considerava “japa”, não pude contar com a mesma sorte. Por ele ser uma pessoa que frequenta espaços sociais da “comunidade japonesa” da cidade de São Carlos, a desconfiança de que eu poderia conhecer outros “japas” não lhe agradou – já que as pessoas do seu círculo social não sabem que ele se relaciona sexualmente com outros homens – e afirmou acreditar que eu poderia prejudicá-lo caso conhecesse alguém que também o conhecesse, mesmo eu lhe informando que a pesquisa seria sigilosa.

Diferente do Miguel, que chegou a São Carlos recentemente (no ano de 2013), para quem este “risco” temido pelo outro rapaz é menor, já que ele não faz parte do círculo social de outros nipodescendentes locais. Os seus temores, porém, são de outras ordens como a de que as informações a seu respeito chegassem aos ouvidos de quem faz parte do seu círculo social universitário.

As minhas interações com Miguel, criadas a partir do bate-papo, se intensificaram ao conversarmos frequentemente pelo Skype, o que permitiu que pudéssemos sair juntos a um café, para conversarmos melhor sobre diversas questões, inclusive sobre a sua percepção sobre a sexualidade, família, amigos e etc., o que nos ajuda a compreender o que rege a busca de parceiros no contexto sancarlense.

Em uma das conversas o colaborador conta:

Minha família não tem conhecimento da minha sexualidade, embora eu acredito que eles sempre souberam que eu sou homossexual, devido ao meu diferente comportamento em relação aos meus irmãos. Quanto a ser uma família japonesa, eu acredito sim que seja diferente, aliás, acredito que em todas as famílias essa questão do homossexualismo é diferente. Minha família nunca falou sobre sexo ou relações afetivas com pessoas do gênero feminino ou do gênero masculino, meus pais, principalmente, nunca tocaram neste tipo de assunto comigo, uma vez que os pais deles nunca tocaram neste assunto com eles. Então, a minha família é muito fechada neste sentido. [...]Por eles serem tímidos, isso já leva a outra questão: eles são bem preconceituosos em relação a homossexuais. Meu pai uma vez me falou que iria ter vergonha de ter um filho ladrão ou de ter um filho que causasse algum escândalo para ele. Eu tenho certeza que a minha sexualidade seria um escândalo para ele. Meu pai é uma pessoa muito quieta, paciente, doce, respeitoso e discreto, por esses motivos eu não tenho coragem de falar com

ele sobre eu ser homossexual. Eu já tive muito mais contato com meus irmãos quando eu era criança/adolescente, naquela época eles discriminavam muito os homossexuais, com palavras ofensivas mesmo do tipo “viadinho”, “bichona”, “bibinha”, “boiola”, enfim, estes atributos que a população costuma denominar os homossexuais. [...] O restante da minha família (tios, primos, sobrinhos, cunhadas), são bem preconceituosos também nesta questão de sexualidade. Minha família é muito tradicional, por isso, para eles tudo tem de ser muito igual, homem casar com mulher e depois filhos, netos, bisnetos e morte. Eu tenho primos que todas as vezes que me encontram sempre perguntam: E as namoradinhas? Tá comendo quantas? Pegou alguma aluna sua? Tem que honrar o nome da família Miguel... Acredito que todos eles são assim justamente por estarem em círculos sociais onde o homossexualismo não é comum ou frequente. Todos eles são agricultores, o contato com pessoas desse círculo social é sempre muito tradicional, tanto que as conversas sempre são as mesmas: Quantas terras vai comprar, como vai colher, quando vai colher, negócios da agricultura, enfim, não há contexto para assuntos como relações afetivas e sexualidade.

Miguel teme decepcionar a sua família por conta de sua sexualidade, não atendendo as expectativas de que tenha filhos, assim como de uma esperada coerência de gênero. Percebe que a sua família é preconceituosa por conta das interpelações que o atingiram e ainda atingem, forçando-o a vivenciar a sua sexualidade na vergonha, medo e segredo. Este é um dos motivos pelos quais Miguel visualiza que viver longe da família é mais fácil. Foi apoiado pela sua família para seguir a carreira universitária no curso na área de Engenharia, mas fica em dúvidas se terá o mesmo apoio quanto a sua sexualidade. Por estes motivos Miguel prefere viver a sua sexualidade longe de sua casa. Para ele *“esta questão de morar sozinho em São Carlos foi mais por motivos de que eu prefiro mesmo morar sozinho, e de que eu não conheço ninguém na cidade”*.

Nas cidades pequenas, como onde Miguel morava (3.000 habitantes), o controle social regula – e até impede – de forma mais efetiva a vivência da homossexualidade. São Carlos tem mais de 200 mil habitantes, portanto é bem maior, e é um local onde há menores possibilidades de ser conhecido por “todos” (amigos e família), o que torna mais fácil negociar interações sexuais em sigilo. A densidade de pessoas e as formas de comunicação em seu maior grau podem afrouxar as formas de controle tradicional e vínculos afetivos familiares e de amizade, possibilitando uma manipulação pessoal dos códigos do armário segundo seus interesses pessoais. Em São Carlos, Miguel é anônimo. Seu caso ajuda a perceber que existem diferenças entre cidades de tamanhos diferentes.

Miguel nunca teve relações afetivas/sexuais com alguém que conheceu fora da internet (bares, praças, baladas, festas, etc.). Conta que em sua pequena cidade, ninguém que era homossexual flertava com outro num ambiente de interação social, em suas palavras, *“devido ao alto preconceito e rejeição à diversidade sexual”*. A generalização do receio de

Miguel, de que todas as pessoas da cidade onde morou são preconceituosas, se torna compreensível quando ele conta que o que mais tem receio, é de que seus amigos e familiares fiquem sabendo. Trata-se, portanto, apenas de uma sensação de Miguel, o que não quer dizer que São Carlos seja menos homofóbica, mas antes, uma cidade afastada de seus vínculos sociais importantes, como a sua família e amigos.

Na perspectiva de Miguel, a internet sempre o ajudou a se relacionar com outros homens, afastando-o, segundo ele, de um “*ambiente homofóbico*”, pois, para ele, é muito mais fácil se relacionar com as pessoas pela internet, visto que se tem mais tempo de pensar em respostas por não estar pessoalmente com a pessoa e, assim, sente-se mais à vontade e livre para dizer o que quer, justamente pelo fato da timidez atrapalhar nos encontros off-line. A internet, nesse sentido, ajuda Miguel se relacionar com outras pessoas sem que a sua corporalidade, envolvida nas interações face-a-face, prejudique suas relações. Como já mostrei anteriormente, Illouz (2011) afirma que na interação face-a-face a visão holística que se tem do outro prepondera, ao contrário de quando uma pessoa se fragmenta em textos na internet. Neste sentido, Miguel pode borrar partes de sua corporalidade que o prejudiquem, por exemplo, evitar tornar evidente ao outro que as suas mãos tremem por ser tímido.

Miguel afirma que costuma usar os bate-papos por ser a forma mais rápida de encontrar o que realmente procura. Segundo ele:

Você conhece a pessoa, marca o dia, local e hora para sexo ou adiciona a pessoa em alguma rede social para manter amizade. Costumo utilizar também alguns sites de relacionamento como o Facebook, o quase extinto Orkut, sites como o “par perfeito” também. Em questão desses sites de relacionamentos eu acho até melhor, pois você já consegue ter noção de como a pessoa é, devido às fotos, os gostos pessoais, o porte físico e outros recursos que os sites disponibilizam. Nos bate-papos busco sexo, amizade ou informações que necessito com maior urgência.

O colaborador evidencia que usa diversas plataformas com intenções diferentes, algumas para relacionamentos amorosos, e outras sexuais. Para Miguel, sites como Facebook, Orkut e Par Perfeito disponibilizam ferramentas para postar e visualizar fotos, vídeos, e outras referências, o que permite que as pessoas tornem as suas imagens pessoais mais nítidas e autênticas, dando a sensação de seriedade que permite a ele buscar relacionamentos amorosos. Penso que, o que dá essa sensação de “seriedade” não são apenas as ferramentas que estas plataformas de buscas e relacionamentos oferecem para tornar as pessoas mais “verdadeiras”, mas, principalmente, porque a nitidez da imagem do outro diz respeito àqueles inseridos na esfera pública, que é historicamente reservada à “heterossexualidade”. Neste raciocínio, as pessoas que desejam outras pessoas do mesmo

sexo abertamente em um ambiente presumidamente heterossexual, não estão em paranoia constante calculando os riscos já que, para estes, o “armário” não rege de forma profícua as formas como podem se relacionar, o que abre outras possibilidades de relacionamento como o amoroso. Deste modo, Miguel consegue achar nessas plataformas outros homens para se relacionar, possivelmente de forma amorosa e não apenas sexual, como acontece na maioria das vezes nos bate-papos.

Não faz sentido perguntar para um homem que se relaciona abertamente com outros homens se alguém sabe da sua sexualidade. O contrário se passa nos bate-papos, que são usados como uma das melhores plataformas para se relacionar em segredo. Na maioria das vezes, quem usa os bate-papos não quer um relacionamento amoroso e duradouro, não porque só se interessem pelo sexo, mas porque não têm condições para vivenciem publicamente relações homossexuais. De que outra forma, homens que tentam viver “heterossexualmente”, poderiam se relacionar com outros homens com o máximo de discrição? Não é criando relacionamentos amorosos e duradouros, mas antes, priorizando encontros sexuais sem compromisso.

Pudemos compreender a partir de Miguel que na cidade de São Carlos é possível se relacionar homoeroticamente com outros homens de uma forma mais anônima e sigilosa em relação às cidades de menor porte. O fato de Miguel ter vindo de outra cidade, permite a ele se relacionar com outros homens sem criar situações desagradáveis com a sua família e amigos próximos. O colaborador aponta para uma maior praticidade que as mídias digitais oferecem para se relacionar homoeroticamente, mas devo pontuar que ele não se encontra casualmente com outros homens por ter critérios de seleção rígidos, tais como raciais, escolaridade e “gostos”. Pelas minhas observações, ele passa horas a fio, até mesmo meses até encontrar alguém “relacionável”, ou seja, alguém como similaridades sociais, ou até mesmo, mais valorizadas socialmente.

Desta forma podemos compreender que, embora possa existir uma aparente praticidade, se faz necessário um grande empreendimento nas buscas de parceiros. O que compõe a lógica do uso dos bate-papos no contexto sancarlense, portanto, não é a praticidade nem a abundância. O uso dessa mídia se mostra socialmente ineficiente, e a escassez de parceiros é a consequência do excesso de critérios de seleção. Já os relacionamentos que são feitos em segredo não são, muitas vezes, consumados pessoalmente, já que isso pode implicar altos custos psíquicos e sociais, por estarem ambientados fora da proteção das mídias digitais.

Geralmente as pessoas respondem em um intervalo de tempo curto, pois, com o volume de conversas geradas pelos participantes, a abordagem feita por outrem – visto que

entram e saem participantes a todo o momento das salas – se “perde” em meio às conversas de outras pessoas, impossibilitando a resposta quando a pessoa já se encontra desconectada. O estranho é que “Negro21HxHAfim” me respondeu somente quase uma hora depois que o abordei. Na nossa interação inicial, compreendi que Juliano estava conectado ao bate-papo em seu local de trabalho e que às vezes, dependendo da intensidade do serviço, poderia demorar para responder.

Fiquei surpreendido com os métodos de negociação de Juliano, que são pontualmente calculados e otimizados para ter maior sucesso em suas interações nos bate-papos. De forma meramente esquemática, tento ilustrar no quadro que segue, os apelidos que o Juliano sempre usa nos bate-papos (Negro21aHxH, Negro21aHxHc/local, Negro21aHxHc/localAfim):

APELIDO/NICKNAME:	Negro	21a	HxH	c/local	Afim
QUANDO USA:	Sempre	Sempre	Sempre	Quando está em serviço, pois tem possibilidade de fazer sexo sigilosamente no seu ambiente de trabalho	Quando o sexo é urgente
QUEM VEM INTERAGIR:	Aqueles que gostam de “negros” por imaginarem que são másculos, safados, com “pegada” e pênis grande	Aqueles que gostam de jovens	Homens que desejam se relacionar com outros homens	Aquelas pessoas que procuram alguém com um local sigiloso para fazer sexo	Aqueles que também querem sexo imediatamente
QUEM NÃO VEM INTERAGIR:	Pessoas que não gostam de “negros”	Aqueles que curtem apenas pessoas mais velhas	Heterossexuais e mulheres	Pessoas com insegurança ou sem condições de se deslocar	Pessoas que estão apenas conversando no bate-papo ou buscando relacionamentos estáveis

QUADRO 1 - EXPLICAÇÃO DE JULIANO SOBRE SEU O APELIDO QUE USA NO BATE-PAPO.

FONTE: O autor (2013).

Juliano não aborda ninguém, mas ao contrário espera que as pessoas venham conversar com ele. Calcula ele que isto aumenta 50% as chances de que a relação se desenvolva para algo que ele queira. Explica que se ele faz a abordagem, corre riscos de que a pessoa não responda ou diga que não gosta das características descritas em seu apelido, mas se os rapazes vêm abordá-lo é porque algo os atraiu, portanto aumenta as suas chances de

desenvolver alguma relação com estas pessoas. A descrição de seu apelido, portanto, serve como um filtro para pessoas com quem se relaciona, o que aumenta a possibilidade de que algumas destas relações se desenvolvam para os encontros pessoais.

O colaborador diz ser ciente que muitas pessoas não gostam de “negros”, e explicitar isto em seu apelido é a forma pela qual ele filtra aqueles que gostam daqueles que não gostam de sua racialidade. Juliano conta que às vezes, o fato dele ser “negro” e explicitar isso em seu apelido, se torna um obstáculo quando ele apenas procura conversar e fazer amigos. Na maioria das vezes, por visualizarem que ele é “negro”, o abordam imaginando uma pessoa hipersexualizada. Não é incomum perguntarem a ele, antes mesmo de cumprimenta-lo, quantos centímetros tem o seu pênis, se é malhado, se tem pegada, e etc. Juliano afirma não ter muito dessas características, mas muitas vezes quando ele quer sexo consegue facilmente, por conta de sua racialidade que desperta curiosidades e fetiches. Mas afinal, se às vezes o atrapalha, por que não troca de apelido quando isso acontece?

Para Juliano, trocar o apelido traria mais consequências negativas do que positivas. Segundo o seu raciocínio a maioria das pessoas que entram nos bate-papos o fazem com os mesmos apelidos com pouquíssimas variações. O colaborador afirma que já esteve em uma sala de bate-papo onde conseguiu identificar 25 dos 30 participantes. Isto é um aspecto positivo para ele, pois identificando estas pessoas, evita que ele perca o seu tempo falando com aqueles com quem já conversou e não gostou. Juliano utiliza o mesmo apelido não por ter compaixão com os outros usuários que tentam evitá-lo, mas antes, para que algumas pessoas consigam encontrá-lo. Muitas pessoas, geralmente aquelas comprometidas com a imagem “heterossexual”, evitam deixar vestígios de suas interações, ou seja, sempre entram nos bate-papos escondidos da família e dos amigos e não trocam contatos como número de celular, Skype ou Facebook, como uma forma de impossibilitar que alguém com quem já se relacionou homoeroticamente venha prejudicar a sua “heterossexualidade”. Para entrar no bate-papo, é apenas necessário que a pessoa coloque um apelido e faça as suas interações, ou seja, é mais prático e sigiloso. Ao usar o mesmo apelido, Juliano possibilita que as pessoas que evitam trocar contatos, para não deixar seus rastros, possam voltar a encontrar o “Negro21aHxHc/localAfim” depois de alguns dias, ou até semanas, para continuar as conversas não acabadas. Isto cria, até mesmo, a possibilidade de reencontros amorosos e sexuais, caso a pessoa tenha gostado e venha abordá-lo novamente. Em suma, é Juliano quem deixa rastros para facilitar estes reencontros.

Dependendo de como os seus desejos se direcionam, Juliano afirma que ou sente vontade de ser “ativo”, aquele que penetra, ou de ser “passivo” aquele que é penetrado. As

peessoas que o abordam no bate-papo expressam preferências de posições sexuais variadas e Juliano explica aos rapazes que é versátil, mas que procura se relacionar, naquele momento, em uma posição sexual determinada. Ao invés de selecionar somente aquelas pessoas que ele deseja naquele momento, troca contato com todos, independentemente das posições sexuais. Esta é a forma que Juliano encontrou para compor um banco de contatos “reserva” em seu Skype, para que quando estiver desejando outras formas de relações sexuais, possa selecionar em seu “menu”, os rapazes com quem quer interagir.

Juliano usa as plataformas de internet para criar, em sua maioria, contatos reais, de forma que o on/off-line “se dão dentro de uma dinâmica articulada e interdependente” (MISKOLCI, 2012a, p.3). Segundo Miskolci, a internet é uma ferramenta que permite a formação seletiva de redes relacionais, de forma que o que se passa online não pode ser facilmente subsumido às formas de sociabilidade off-line habituais, como cafés e bares, nos quais temos contato limitado e “obrigatório” com as pessoas próximas a nós. Na internet se criam redes de sociabilidade baseadas na escolha das pessoas com quem queremos interagir. Ainda segundo o autor, a internet possibilita, por exemplo, a possibilidade de paqueras múltiplas ao mesmo tempo. Beleli (2012, p.59) complementa esta reflexão nos mostrando que na internet se tornou possível interagir na paquera com uma ou várias pessoas ao mesmo tempo livre das condenações morais que aconteceriam em espaços cotidianos off-line.

As mídias digitais trouxeram “algumas novidades na esfera amorosa como a possibilidade de visualizar, pela primeira vez, o universo de parceiros em potencial, ampliá-los numericamente e, sobretudo, essas mídias acenam [...] com a possibilidade de escolher” (MISKOLCI, 2012a, p.5). O autor aponta ainda que nas mídias digitais preponderam as demandas por descrições e padrões modelares em critérios como “idade, altura, peso, cor da pele, cabelos, olhos, grau de pilosidade e, nos sites para um público apenas masculino, até o tamanho do órgão genital” (p.5).

Segundo Illouz (2011), a tecnologia da internet funde as lógicas culturais da psicologia e do consumismo. As plataformas de interação on-line solicitam que as pessoas sejam reflexivas de modo a pensar como tornar o “eu” (*self*) público por meio de uma textualização da subjetividade. Este modelo de textualização de si faz com que o conhecimento que se tem das pessoas preceda a atração, ou seja, sob a égide da ideologia liberal da escolha as pessoas racionalmente se textualizam e escolhem com quem querem se relacionar. Esta lógica coloca as pessoas nestas plataformas em competição umas com as outras. Segundo Illouz (2011), nestas plataformas, o “eu”, é orientado para um público anônimo, o que exige uma padronização das descrições de si. Paradoxalmente, a autora nos

mostra que são aquelas pessoas que têm uma originalidade linguística as que têm sucesso. Diante do volume das interações, assim como para maximizar opções custo-benefício, emerge uma roteirização das perguntas e até das descrições de si mesmo/a. Em outras palavras, segundo a socióloga marroquina, a internet acaba por racionalizar a escolha de parceiros, já que o vocabulário dos afetos nela é marcado pelo mercado.

No entanto, o que faz com que Juliano use o mesmo apelido, ao contrário do que diz Illouz, embora pareça seguir a lógica mercadológica, não o é. O colaborador usa o mesmo apelido para que as pessoas o reencontrem, assim como, também, para driblar preconceitos raciais. A princípio Juliano não escolhe, mas espera ser escolhido entre muitos outros participantes. Não é possível afirmar que Juliano faça isso por conta da lógica mercadológica, mas motivado pelo contexto social homofóbico e racista em que está inserido. Illouz parece falar de um contexto onde todas as pessoas são iguais e todos podem escolher, o que não acontece no meu campo.

Já o meu colaborador de pesquisa Ricardo, que faz o uso frequente dos bate-papos, faz uma criteriosa seleção de parceiros. Para ele, assim como a idade e o peso, a racialidade é um critério de seleção. Pedi para ele fazer a distinção daqueles que ele se relacionaria e não se relacionaria, e mostrou sistematicamente que: “Olha japa, anota aí. Não curto japa desculpa, moreno, moreninho, gordo, velho, muito novo, afeminado, cabeludo, barbudo, índio, magro de mais e pessoas burras. Eu curto pegar uns caras como eu, bonito”. Ao mesmo tempo em que o Ricardo gosta da idéia de que tenha bastante que o deseje nos bate-papo, se queixa do trabalho de selecionar: “po, quando eu acho que finalmente consegui alguém, é feio, vizinho, afeminado. E olha que eu me esforço eim!”. Pelas minhas observações o Ricardo entrava nos bate-papos geralmente às 8 horas da noite e saía somente de madrugada selecionando alguém para se relacionar. Somente quando se esgotava a possibilidades de seleção, já tarde da noite Ricardo passava a falar comigo, sempre atribuindo o insucesso ao outro.

Podemos concluir a partir das experiências de Miguel e de Juliano que o segredo é o principal atrativo do uso dos bate-papos, pelos quais os critérios de seleção de parceiros se dão sob o regimento de padrões valorizados socialmente, tais como a branquitude. O que rege a busca não é, portanto, a praticidade - como vimos também no caso de Ricardo. Em uma sociedade com menos desigualdade social talvez faça algum sentido, mas em São Carlos a lógica do uso se dá a partir do segredo e das negociações das diferenças ordenadas hierarquicamente.

5 A DESFRAGMENTAÇÃO DE SI EM TEXTO E AGÊNCIA

Rafael tem 35 anos de idade, é técnico administrativo de uma universidade pública, solteiro, tem dois filhos que foram adotados recentemente, se relaciona com outros homens, se considera pardo e se descreve como moreno. Mora em um bairro valorizado, localizado relativamente distante do centro da cidade. Conheci Rafael no bate-papo, ocasião em que usava como apelido um nome que não é o seu. Eu usava como apelido “Diego”, que é o meu próprio nome, quando fui abordado pelo Rafael, que se demonstrava inicialmente interessado por mim como um potencial parceiro afetivo/sexual. Nesta interação inicial quem fez a “entrevista” foi Rafael, que perguntou sobre a minha idade, corporalidade e preferências sexuais. Não pude evitar responder as perguntas, já que para criar interação nos bate-papos são exigidas trocas intersubjetivas entre o pesquisador e os potenciais colaboradores de pesquisa. No entanto evitei ao máximo me sexualizar desviando de questionamentos como a posição sexual preferida, tamanho do órgão genital, entre outros. Não tenho controle de tudo o que é interpretado, mas pude evitar ser questionado por perguntas estritamente sexualizantes ao me identificar como pesquisador e explicitar que a possível relação que poderíamos criar (caso ele quisesse) seria apenas a de conversar.

Rafael sempre esteve interessado em contribuir com a minha pesquisa, e sempre me falava sobre os pontos da cidade que frequentava para paquerar. Quando eu demonstrava não conhecer estes locais, ele fazia questão de me apresentar estes pontos de sociabilização homoerótica que frequenta, como os parques do Kartódromo e a Pista da Saúde. Estes espaços não são frequentados exclusivamente por pessoas que buscam pessoas do mesmo sexo. Eles são espaços de lazer e para atividades físicas, frequentados majoritariamente por um público heterossexual, mas que à noite ou de madrugada passam a ser considerados como pontos de “pegação”²¹, para onde as pessoas se deslocam fisicamente para encontrarem parceiros sexuais do mesmo sexo em segredo.

Rafael demonstrou conhecer muitas pessoas quando o acompanhei em uma de suas caminhadas no Kartódromo, em um dos horários familiares marcados pela utilização “presumidamente” heterossexual desses lugares. Ele me contou que a maioria de suas relações amorosas e sexuais foram criadas on-line, mais precisamente nos bate-papos, e não nos espaços de sociabilidade homoerótica ou em locais onde paquera. De qualquer maneira,

21 Definição usada para encontros sexuais sem afinidades e compromissos amorosos em locais pré-estabelecidos.

Rafael afirma que gosta de paquerar em espaços físicos, pois para ele “*se vê os rapazes, sente o cheiro, troca o olhar... Aí, se você faz o boy²², não precisa ter medo porque foi você quem escolheu. Rola uma coisa gostosa*”. Afirma que é diferente conhecer os parceiros no bate-papo, pois “*só de vez em quando a gente consegue alguém bonitinho. Se você tiver preconceito, não vai rolar nada porque quando a gente vê pessoalmente são horrorosas*”.

Percebe-se como a interação nos bate-papos é priorizada pelo sigilo e pela praticidade, mas ela não substitui realmente, tampouco satisfaz tanto quanto, a possibilidade de paquerar face a face, um desejo e um prazer que Rafael valoriza muito. Illouz (2011) mostra que a decepção com relação às interações online na busca de parceiros amorosos ou sexuais, diferente de ser causada pelo excesso da apresentação pessoal e da expectativa, tende a ser criada pela imaginação e pela fantasia do usuário. São elas formas culturais ou de estilo, que no contexto da tecnologia, transformam as pessoas em fatos psicológicos assim como textualizam a subjetividade.

Nesse sentido, a expectativa que se tem de uma pessoa é idealizada pela imaginação e fantasiada pautada em textos e não em experiências reais. Como já dito anteriormente, os usuários imaginam e fantasiam relações online a partir das referências que tem no mundo off-line, as quais tendem a ser mais estereotipadas com relação às pessoas marcadas racialmente, como Rafael, um mulato, portanto, imaginado online como não branco e/ou com atributos da negritude. A imaginação dos usuários que interagem com ele segue as descobertas de sua forma particular de expressão de sua condição de mestiço, sua performance no face a face. Em suma, elementos que podem gerar, em um potencial parceiro online, um desapontamento no off-line. O contrário não é o mais provável já que o imaginário acionado só levará ao encontro face a face se for positivo para Rafael. Se o usuário que interessa a ele não gostar de negros ou mulatos, muito em função de como os imagina, a interação tende a não vingar ou ser relegada apenas ao bate papo sem se materializar frente a frente no cotidiano.

Acredito que frequentar pontos físicos de paquera seja uma característica geracional de Rafael, que mostrou dominar bem os códigos de paquera, como os olhares para distinguir aqueles que gostam de se relacionar com outros homens, os modos de abordar a pessoa, entre outras formas de se relacionar. Reconheço a diferença geracional de Rafael quando percebo que as pessoas que atingiram a adolescência quando a internet já estava difundida – nos fins da década de 1990 –, aprenderam a sentir, paquerar e marcar encontros por meio das mídias

22 Fazer o boy significa realizar o parceiro sexualmente.

digitais. As gerações mais recentes, inclusive a minha (20-29 anos) aprenderam a criar relações homoeróticas mediadas digitalmente e mostram não dominar, de modo profícuo, os códigos de sociabilidade off-line. Esse contraste geracional, inclusive, pode gerar mal-estar quando um homem mais velho aciona os códigos da paquera do passado para interagir face a face com jovens que já se habituaram a começar a checagem do interesse primeiro por meios digitais, não apenas nos bate-papos, mas até mesmo por aplicativos geolocalizados que rodam em *smartphones*²³.

Rafael frequenta os espaços para caminhar e paquerar apenas nos finais de semana e nos dias de semana usa os bate-papos para procurar parceiros amorosos e sexuais. Afirma que a internet facilitou a sua vida, pois quando está com vontade de fazer sexo, a qualquer hora, é só entrar nos bate-papos para arranjar parceiros sexuais²⁴. O meu colaborador acessa os bate-papos no seu local de trabalho, antes do intervalo de almoço ou fim do expediente, para marcar encontros pessoais antes de ir embora para a sua casa, portanto preserva suas relações longe dos olhos de seus filhos. Quando acessa essas plataformas já em sua casa, o faz escondido também de seus filhos e, já tarde da noite, sai para consumir os seus encontros combinados pela internet.

A maioria de seus parceiros são estudantes universitários que moram sozinhos, mas quando os seus parceiros moram com a família ou amigos, o sexo é feito no seu carro. Rafael se considera moreno, mas não utiliza apelidos racializados nos bate-papos. Afirma que somente se descreve como moreno quando é interrogado por outros rapazes em suas interações. Ao questionar o motivo, Rafael diz usar nomes de pessoas como Eduardo e César, e não usa os marcadores raciais para buscar parceiros pois, diferente do que dizem, afirma que não crê no “poder da cor” como critério de vantagem. Ele explica:

Por exemplo... pessoalmente é a impressão do outro que conta sobre nós... aí sabe-se lá o que perpassa nessa impressão, se é beleza física, fetiche (de cor inclusive), pretensão quanto a desempenho sexual, enfim... No chat é o imediatismo que conta, talvez um papo objetivo direto ao ponto... E talvez a descrição física, no meu caso, vá ao encontro das pretensões fetichistas, que eu, particularmente odeio, pois não gosto nem um pouco de ser visto como

23 Estas novas plataformas não são meu foco principal na pesquisa, mas é importante mencioná-las, pois já estão ganhando popularidade no interior do Estado de São Paulo. Dentre os aplicativos geolocalizados que permitem paquerar pelo celular “vendo” os perfis de usuários próximos destacam-se o Grindr e o Scruff, sendo o segundo o mais popular por rodar em celulares mais baratos enquanto o primeiro exige um iphone, muito mais caro, para rodar.

24 Rafael afirma ser fácil encontrar parceiros sexuais por conta de que tem um carro, no entanto, ele se queixa dizendo que prefere ficar sozinho, pois as pessoas que encontra no bate-papo são, segundo ele, “bixas horrorosas”.

objeto sexual, embora saiba que o seja em alguns encontros que dão certo... Tenta entrar como negão tripé pra você ver, acho até que funciona saca? Mas eu não faço uso disso não, até porque não seria verdade no meu caso.

É interessante apresentar neste momento uma reflexão feita por Illouz (2011) para nos ajudar a compreender a fala de Rafael. Segundo a socióloga, “o eu é solicitado a passar por um vasto processo de auto-observação reflexiva, introspecção, auto-rotulação e articulação de gostos e opiniões” (p.111). É solicitado nas plataformas de busca de parceiros que a pessoa se descreva de forma objetiva, textualizando desta forma sua subjetividade e, claro, também seu corpo. Isto acarreta em algumas consequências: o indivíduo se concentra em si mesmo, na percepção que tem do seu eu e no ideal do outro, que dá o sentido de singularidade e o conhecimento que se tem de uma pessoa precede a atração. Estes aspectos apontam para um subjetivismo intenso e a objetivação do encontro.

Em contraste ao que Illouz descreve, o uso das mídias digitais no contexto sancarlense não se dá a partir do volume das interações, da economia da abundância de parceiros, da lógica de seleção, custo-benefício e eficiência. Acredito que no contexto da minha pesquisa ele se dá de outra forma, como descrevi no capítulo anterior.

Néstor Perlongher (2011) observou na paquera homossexual paulistana, que transcorria nas ruas da cidade na década de 1980, que os parceiros eram escassos. Embora o uso das mídias digitais, no contexto paulistano, tenha sido feito a partir dos critérios de custo-benefício e eficiência nas interações, em São Carlos não há a mínima sensação de que os parceiros sejam infinitos.

A atração física nos encontros pessoais off-line funciona segundo Illouz (2011), acionando os mecanismos de semelhança e experiência social. Os gestos corporais insignificantes podem gerar fantasias ou sentimentos românticos, no processo de idealização e valorização da pessoa como único, e não abundante. O que atrai em uma pessoa depende muito de como o corpo é usado, consciente ou inconscientemente, já que a corporalidade não pode ser inteiramente transformada em palavras.

Segundo a autora, no face-a-face se tem uma visão holística de uma pessoa, já que vemos a interligação de vários atributos dela. Entre as pessoas existem coisas que fazemos melhor sem as palavras e muitos dos atributos são imaginados intuitivamente. Trata-se de algo bem distinto da leitura prospectiva que se faz de uma pessoa na internet, obstaculizada pelo obscurecimento verbal, ou seja, a prevalência da linguagem interfere nos processos de reconhecimento visual e corporal. A imaginação romântica tradicional mescla a realidade e a imaginação, ambas baseadas no corpo e em experiências. A internet as separa, fazendo com

que a imaginação aconteça em pontos diferentes da experiência, tendo que acionar imagens prévias, estereótipos e ideais correntes sobre características pessoais e atributos corporais.

Nessa leitura, faz sentido a percepção que Rafael tem das diferenças entre a atração criada no face-a-face – que é instigada intuitivamente, segundo as experiências de quem observa o outro holisticamente, inclusive aspectos que não são passíveis de verbalização – das interações mediadas digitalmente, onde primeiramente o conhecimento que se tem da pessoa instiga a imaginação prospectiva, antes do reconhecimento da corporalidade segundo as experiências de quem interage.

Se Rafael se racializa no bate-papo, o conhecimento que terão sobre ele, projetará um imaginário sobre um ideal de “moreno”, ignorando desta forma as suas experiências reais. Rafael não gosta de se racializar, pois não acredita no “poder da cor” visto que, se ele agencia-se como “moreno”, acaba se transformando em uma entidade psicológica racializada. Rafael busca se afastar da identificação “moreno” pois, ciente das adjetivações estereotipadas coladas à categoria “moreno”, não quer ser hipersexualizado, fetichizado e reduzido a um objeto sexual. Vale pensar também que ele se pensa como “moreno” interpretando negritude como cor da pele, mas afastando-se da representação de negritude/africanidade. De alguma forma, é possível dizer que seu perfil de homem de classe-média e com formação universitária o afasta, ou torna menos interessante, da racialização nas buscas de contato sexual, mesmo que não voltadas para a constituição de uma relação.

Moutinho (2008), mostra em seu estudo sobre raça, homossexualidade e desigualdade no contexto do Rio de Janeiro, que algumas diferenças como a de cor, funcionam como tensores libidinais, e o conjunto de características permite uma maior chance de vivenciar e acumular novas e diversas experiências, abrindo a possibilidade de atuação dos indivíduos. Ressalto que a autora mostra que existem possibilidades para grupos sociais, como o de homossexuais negros no contexto carioca, que comumente consideramos imobilizados pela hierarquização social. Moutinho se afasta de visões sistêmicas e moralistas ao desconstruir tais noções vitimizadoras, evidenciando como estereótipos foram historicamente “colados” em categorias sociais, e como estes ordenam os desejos instigados pelas diferenças, que funcionam como tensores libidinais. Não se trata de uma afirmação que desconsidere a existência de desvantagens e ciladas destas identificações, mas a pretensão de evidenciar que existe erotização racializada e que isto abre, também, possibilidades de atuação dos indivíduos.

Existe, como mostra Moutinho (2004), uma hipersexualização do negro, rodeada por adjetivações, dentre elas relacionadas com temperatura, desempenho sexual e o tamanho

do órgão genital acima da média. Rafael demonstra não gostar de ser reduzido a um objeto sexual e se afasta de sua identificação racializada, evitando desta forma a sua descontextualização de suas experiências reais. Trata-se de uma forma de agenciamento de seu corpo que busca “desracializá-lo”, como se percebe no uso do termo “moreno” e na hesitação de trazer ao discurso elementos que o aproximariam da negritude ou africanidade, o que precisa, também, ser associado ao contexto sancarlense, ou seja, de uma cidade do interior de São Paulo com quase 80% da população de brancos e na qual as classes altas são massivamente brancas, e até se orgulham de sua origem europeia, em especial italiana. De certa forma, nesse contexto, aproximar-se da negritude pode (mas é incerto) trazer ganhos eróticos de curto prazo, mas é mais provável a depreciação. Ser, no máximo, “moreno” permite interagir com a maioria dos internautas, que nas salas de bate-papo sancarlenses são brancos, ampliando suas possibilidades eróticas.

Laura Moutinho, em seu livro *“Razão, ‘cor’ e desejo”* (2004), mostra como as formas como os autores clássicos da Historiografia, Literatura e da Sociologia compreenderam nossa gramática erótica contrastam com as estatísticas atuais e o seu campo de pesquisa na sociedade carioca contemporânea. Moutinho afirma que desde a segunda metade do século XIX a questão da miscigenação era tratada, com raras exceções, na chave da degenerescência e também com um “mito de origem”, ou pressuposto de um casal homem branco/mulher negra, mas os dados quantitativos analisados por Elza Berquó (1988) e Nelson do Valle Silva (1987, 1991) mostram que existem no Brasil mais relacionamentos formados por homens negros e mulheres brancas. Moutinho, para melhor desvendar esta contradição, realiza um campo sobre a “cor” do desejo no mercado afetivo-sexual carioca, assim como uma análise comparativa Brasil-África do Sul. Embora seu estudo seja uma reflexão sobre casais heterossexuais inter-raciais, podemos usar alguns pontos de reflexão do livro para esta proposta de pesquisa focada em homens que procuram relações com pessoas do mesmo sexo.

Moutinho (2004) explica que “cor/raça” é um dos (muitos) símbolos de classificação e hierarquização social, “[...] que visam alocar os indivíduos e classes em determinadas posições” (p. 342), considerando que o “interdito não apenas ordena positivamente as trocas, mas erotiza o próprio objeto de proibição” (p.342). A “cor negra” “funciona como um forte elemento de atração, dado os conteúdos eróticos (entre outros) que lhe são atribuídos. Falas que concedem, por si, um lugar de ‘prestígio’ ao homem ‘negro’ na disputa do mercado erótico-afetivo”. (p.341).

As reflexões de Moutinho mostram que os homens “negros”, em uma inflexão de gênero, ganham um papel positivo no mercado erótico, ou seja, a posição de homem ativo e

viril. Os homens “brancos” são vistos como pressuposto ou norma social, o que os deserotiza de forma que é o homem “negro” que ganha adjetivações positivas no mercado erótico brasileiro contemporâneo, no qual são considerados mais “quentes”. Assim, percebe-se como os relacionamentos “inter-raciais”, ou heterocrômicos nos termos de Moutinho, estão permeados pelos desejos engendrados na forma como nossa cultura hierarquiza marcas da diferença, em particular as de raça e gênero.

Avtar Brah (2006) em sua reflexão sobre as interseccionalidades de diferenças, elucida logo no começo de seu artigo que o conceito “raça” mesmo que essencialista, “atua como um marcador aparentemente inerradicável de diferença social.” (p.331). Para a socióloga, as interconexões entre o racismo, classe, gênero, sexualidade e outros marcadores de diferença, “deve levar em conta a posição de diferentes racismos entre si” (p.331). Os processos de racialização variam e para a autora

são historicamente específicos, e diferentes grupos foram racializados de maneiras diferentes em circunstâncias variadas, e na base de diferentes significantes de “diferença”. Cada racismo tem uma história particular. Surgiu no contexto de um conjunto específico de circunstâncias econômicas, políticas e culturais, foi produzido e reproduzido através de mecanismos específicos e assumiu diferentes formas em diferentes situações. O racismo antinegro, o racismo antiirlandês, o racismo antisemita, o racismo antiárabe, diferentes variedades de orientalismos: todos têm suas características distintivas. (BRAH, 2006, p.344).

É importante ressaltar que um grupo não é todo homogêneo, e diversas experiências sociais fazem parte da vida das pessoas. Negros e brancos também experimentam sua sexualidade e outras diferenças através da “raça”. Segundo a autora “A racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque ‘branco’ é um significado de dominância” (p.345), e isto não torna a racialização menos importante. As diferenças, segundo Brah, não são variáveis independentes e nem sempre são marcadores de hierarquia e opressão, podendo ser também ambivalentes.

Adriana Piscitelli (2008) chama a atenção, em sua análise sobre as interseccionalidades, para a questão da agência. A antropóloga afirma que certas abordagens teóricas sobre a diferença não dão margem para se pensar na agência, como a abordagem sistêmica, que pensa no poder como sendo opressor. Já na abordagem construcionista (onde se situa Avtar Brah) não se pensa mais em termos de um poder soberano. Os marcadores de identidade, segundo Piscitelli, “não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação.” (p.268). A autora, em sua análise sobre as migrantes brasileiras, deixa claro que estas

negociam sua brasilidade de forma estrategicamente performada. Conclui o artigo refletindo que “estas negociações só podem ter lugar se consideramos, à maneira de Brah, que as formas de categorização podem limitar, mas também abrem possibilidades para a agência.” (p.272).

Diferente de Rafael, Miguel se agencia de outra forma. Em suas interações nos bate-papos, Miguel usa o nickname “japa”, pois para ele é a forma mais fácil de encontrar pessoas que têm afinidades com nipônicos. O fato interessante é que, assim como o colaborador de pesquisa Juliano, Miguel também não aborda o outro usuário para a conversa, mas prefere esperar: “*você não precisa chamar algum usuário, este usuário vai até você, então é mais cômodo, já descreve que eu sou japonês e com certeza, a pessoa que vai me abordar curte japoneses.*” Miguel costuma usar outros apelidos como João, Pedro, Jorge, mas quando apenas quer “*jogar papo fora*”. Isto mostra o colaborador é ciente das vantagens e desvantagens do uso de sua racialidade, preferindo usá-la quando o intuito é criar relacionamentos reais, tornando as pessoas cientes de sua racialidade logo no início, o que evita futuras frustrações.

Miguel tem a impressão de que São Carlos é uma cidade de muita diversidade devido aos universitários, então acredita que a procura por japoneses é maior. Sempre que se agencia com o apelido “japa” espera que as pessoas pensem “*huuum japinha, vou teclar com ele para saber o que ele quer, se ele quer o que eu quero.*” Para ele é uma questão de esperar pessoas que tenham desejos ou afinidades com “orientais” virem abordá-lo. Ao questioná-lo sobre o que ele imagina que as pessoas pensam quando ele se diz “japa”, afirma que:

com certeza, 90% delas imaginam um rapaz de olhos puxados, gordinho, de estatura média, que possui um pênis pequeno e que é passivo na relação sexual. Isso quando se trata de sexo. Para amizades, eu acredito que seja mais pelo fato da fama do japonês ser inteligente e pela cultura japonesa ser tão admirada pelas outras culturas.

Diz ter a impressão de que as pessoas acham um japonês muito metido, que não dá atenção, e não atraente fisicamente. Mas pelo contrário visualiza que algumas pessoas admiram os “japoneses”. Explica:

acredito que pela cultura dos japoneses, pela história que eles passaram, pelo menos é essa conclusão que eu tenho dos anos de bate-papo que eu vivenciei. As pessoas gostam da cultura japonesa, da forma como eles priorizam a educação. Outras pessoas querem tirar a curiosidade sobre como é transar com um japonês, outras pessoas simplesmente perguntam sobre aspectos físicos. Mas a maioria que já conversou comigo sentem atração física, porém nunca conseguiram ficar com um japonês na vida real.

Talvez Fabio Ricardo Ribeira (2011), em seu artigo “O estranho enjaulado e o exótico domesticado: reflexões sobre exotismo e abjeção entre nipodescendentes”, ajude a visualizarmos melhor as falas de Miguel. O autor mostra que os (sujeitos homo-orientandos) “nipodescendentes acabam transitando em dois polos extremos: um marcado pelo não reconhecimento (zona de abjeção), e o outro pelas imagens estereotipadas e essencializadas (zona de exotização).” (p.101). Ribeira nos mostra que “as imagens estereotipadas do nipodescendente masculino, como produto do processo de exotização, mostram um indivíduo dotado de uma sexualidade pouco desenvolvida, pouco potente e feminizada, colocando-o numa posição passiva” (p.109). Ribeira constatou em sua pesquisa de campo, feita pela internet em uma rede social, o Orkut, que os seus colaboradores nipodescendentes se queixavam dos estereótipos, do esquema “sushi-mangá-pokémon” de submisso, passivo e com pênis pequeno.

Ribeira mostra ainda que essa gama de estereótipos acaba sendo absorvida e ressignificada pelos nipodescendentes, os quais, por meio de sua exotização, se afirmam como pessoas fiéis, com habilidades sexuais marcadas pela delicadeza, docilidade e respeito para com o outro. Para Ribeira (2011), estes estereótipos são usados como, uma “imagem que consegue reverter o indesejado no foco do desejo, e que pode ser vista como um produto de uma dimensão sexuada do processo de exotização, caracterizando o que temos chamado de japesidade gay” (p.104).

“Japa” se descreve no bate papo como alguém de “1,68, 60kg, branco, cabelos pretos lisos, olhos castanhos escuros, bonito, flex mais passivo, e que procura um papo bom e o que rolar a mais é lucro”. Conta que, não bastando a sua descrição, é na conversa e pela sua imagem de câmera que conquista parceiros. “Outras coisas é o papo que eu tenho com o outro usuário, as pessoas se encantam com o tipo de diálogo que eu tenho e depois se sentem mais atraídas quando me veem pela webcam”.

Miguel usa os seus diálogos criativos e a ferramenta de vídeo on-line, disponibilizada pelo bate-papo, para se livrar de algumas exotizações, provando na sua fala que é uma pessoa legal, e pela imagem que não é um “gordinho, de estatura média, que possui um pênis pequeno”. É usando a conversa criativa e os recursos multimídia que Miguel consegue “descolar-se” dos estereótipos, pois assim a realidade substitui de certa forma o imaginário do que seria um “japa”:

Gosto de pessoas que tenham um estilo comum ao meu, que gostam de animais, principalmente cães, que leia livros, vivam no ambiente universitário, no ambiente de pesquisas, que me entenda, que goste de

assistir séries, filmes, de ir a barzinhos, reunião de amigos, não daquelas pessoas que curtem baladas, raves, cervejadas, enfim. Sou bem tranquilo neste sentido, e procuro uma pessoa tranquila também, como eu. Um namorado ideal combinaria todas essas características.

Miguel, no entanto, afirma que “*com japoneses eu sempre opto por amizade, pois diferentemente de outras raças, com japoneses eu já consigo prever como seria a relação, então, realmente não daria certo*”. Se relacionar com pessoas com similaridades sociais e de gostos o satisfaz, o que mostra que o colaborador de pesquisa deseja da forma como se é esperado socialmente, ou seja, com pessoas que tenham experiências similares, e, neste caso, Miguel demonstra querer se relacionar com uma pessoa “certinha”, que cursa pós-graduação e que seja “caseiro”.

O colaborador expressa não querer se relacionar amorosamente com outros “homens japoneses”. Miguel diz prever como seria uma relação com outro “japa”, o que, para ele, não daria certo. Isto torna evidente que os estereótipos, subjetividades e corporalidades forjadas nos sujeitos “japoneses” pelo processo de sexo-racialização não o agradam. A ideia de que ele e o seu possível parceiro seriam hierarquizados negativamente na mesma “identidade” faz Miguel concluir que “*De japa, já basta eu!*”.

6 PERFORMATIVIDADES E A BUSCA PELO RECONHECIMENTO

Em contraste com Rafael, observo a corporalidade de outro de meus colaboradores, Gustavo, que tem 22 anos de idade, também se considera moreno e tenta sempre que pode materializar em seu corpo o estilo “Leke”. O conheci no bate-papo quando usava como apelido “Leke22”, e descreve que este seria como se fosse um “mano” sofisticado, ou seja, com roupas da moda (camisa ou camiseta colada ao corpo com a gola “V”), com luzes no cabelo se for pardo e de boné caso for moreno ou negro, e não “moleque” como a palavra ao pé da letra parece significar. Para ele, o “Leke” não pode ser reduzido ao estilo skatista, o “Leke”, diz ele, é um tipo ele próprio que, ao ser estilizado desse modo, parece mais “macho”, ou seja, “torna o gay mais discreto”, o que permite a ele, usando os acessórios como boné de aba reta, se passar por heterossexual em seu bairro e parecer “chavoso” – segundo Gustavo é um termo usado para dizer “charmoso” por lekes. Gustavo se preocupa com a sua imagem “heterossexual” frente aos seus familiares, amigos e vizinhos, de modo que o faz falar: *“eu já sou preto e vou ficar andando por aí toda pintosa? As pessoas vão ficar dizendo: olha a pretinha desfilando! Não dá né Japa!”*.

Ao andar em seu bairro e ver que alguns meninos pareceriam Lekes, me equivoquei “etnocentricamente” ao deduzir que o estilo de Gustavo tem o recorte geográfico. Pelo contrário ele mostra que não tem nenhum vínculo social com as pessoas que moram em torno de sua casa. O estilo, conta ele, vem de uma identificação com cantores americanos e nacionais negros, ou seja, Gustavo não é Leke por conta das influências das vivências de seu bairro, mas antes, por meio de uma identificação com pessoas que se agenciam e ganham visibilidade nas mídias.

Gustavo percebe que a maioria das pessoas que se estilizam como Leke são negros e morenos, mas afirma que qualquer um também pode ser. Para ele uma pessoa “pobre” pode até ser, mas será um “Leke pelego”, pois estes usam acessórios “réplicas”. Já pessoas “ricas” ficam mais estilosas por usarem roupas de marca, óculos espelhados da Oakley, roupas/tênis da Nike, correntes de ouro e bonés que não são réplicas. Não à toa, vejo que assim como Gustavo, muitos Lekes não tiram o gigantesco selo/etiqueta que fica na parte de cima do boné para mostrar que é “original”. O que importa, segundo o colaborador, é a ostentação, contexto peoa qual cantou para mim a música do Mc Daleste: *“Ostentação fora do normal/ Quem tem motor faz amor/ Quem não tem passa mal”*.

Embora Gustavo perceba que algumas pessoas se desviam do seu caminho ao estar andando na calçada, ele empreende esse estilo como uma forma de adquirir os valores criados

como “estiloso” e másculo pelas mídias. Gustavo trabalha no comércio, e gasta todo o seu dinheiro comprando roupas de marca, e brincando com a sua própria situação financeira dizendo: “*Não é ostentação meu bem! É condição!*”.

Gustavo se apresenta como Leke nos bate-papos, e também tenta se comportar como tal no off-line. Muito mais do que uma simples interpretação de estilo, devemos refletir sobre isso como um “tipo” acionado para se definir textualmente online, exige conhecer ou, ao menos, imaginar uma determinada forma de performatividade.

Judith Butler (2010, 2002), apresenta o conceito de performatividade, e ajuda a refletir sobre atos corporais que são impulsionados pelas subjetivações das forças sociais. Para a filósofa não existe um performer antes da performance, ou seja, não existe um sujeito anterior que interpreta papéis impostos socialmente, mas antes, são estas forças sociais que falam pelos sujeitos. Para a autora, “onde existe um ‘eu’ que enuncia ou fala produzindo assim um efeito do discurso, existe de antemão um discurso que precede e possibilita esse ‘eu’” (BUTLER, 2002 p.57). Não podemos pensar a performatividade como atos voluntaristas, já que para Butler (2002) não existe um “eu” que expresse uma escolha ou exerça a vontade mediante o discurso. Este “eu”, começa a existir somente “a partir do momento em que se chama, se nomeia e se interpela [...] e essa construção discursiva tem lugar com anterioridade do ‘eu’” que ativa o seu lugar no discurso.

Os atos performativos são modalidades dos discursos que são repetidas e que, ao se afirmar e anunciar, “encarnam uma ação e exercem o poder vinculante” (p.56). Para a autora, estes atos estão envoltos por uma rede de autorizações e proibições, que não só levam a cabo uma ação, mas também outorgam o poder vinculante. A performatividade, longe de ser voluntarista, é efeito de um regime que regula as diferenças, as quais, muitas das vezes, são categorizadas e hierarquizadas de forma coercitiva. A liberdade e a capacidade de atuação são estabelecidas dentro de uma matriz de relações de poder, e a performatividade não é o modo que elegemos ser, mas antes é um reiterar e repetir as normas mediante as quais nos constituímos. Por fim, a autora aponta que estas normas configuram, animam e delimitam o sujeito, mas que também são fontes de resistência, subversão e deslocamento.

Gustavo tem apenas o ensino médio, vem de uma família de classe média e mora em um bairro periférico em relação ao centro da cidade. Sua identificação com cantores como “Mc Federados e os Lelekes”, ajuda a entender como ele se percebe. “Mc Federados e os Lelekes” é um grupo de funk que cantam uma música que ainda é bastante tocada em muitos ambientes da periferia. Todos usam o boné de aba reta, são morenos, usam óculos grandes e quadrados, idênticos ao estilo de Gustavo. Assim, seus acessórios prediletos funcionam como

próteses de gênero (BENTO, 2006), além de revelarem as referências culturais de Gustavo. Em outras palavras, significa dizer que existe algum grau de identificação construída por meio da materialização de suas referências culturais nos acessórios que usa, como o boné aba reta, mas que também só se revelam funcionais porque dizem respeito ao que ele denomina de estilo e que aqui compreendemos também como performatividade.

De qualquer maneira, essa junção entre origem social, marca racial e identificação cultural (vestida e corporificada em estilo e performance) tem traços culturais, mas também individuais. O que quero dizer é que nem todos podem ser “Lekes”, pois isso depende de como os sujeitos estão marcados socialmente, e nesse caso, ser marcado pela racialidade, classe e masculinidade, que dão contornos e possibilidades, como demonstra Gustavo, de poder habitar sua vida, ou se agenciar a partir do seu contexto, ou seja, a partir da sua racialidade, renda e masculinidade não tão valorizadas socialmente.

Nas interações on-line, Gustavo afirma se masculinizar em suas interações no bate-papo, performando deste modo o “Leke” que anuncia ser. Ele edita sua linguagem nos bate-papos de modo que pareça ser uma pessoa bastante masculinizada. Ele me explicou que fica bastante atento para, ao invés de dizer “oi” – que é feminizado, dizer “*e ae fiote*”, pois, caso contrário, ninguém acreditaria que ele seja um “Leke” ou “Mano”. Isso parece não funcionar em suas interações que não são mediadas pelas mídias digitais, onde a sua performance parece falhar corporalmente, em contraste ao que subjetivamente espera conseguir ao se masculinizar. A subjetividade, e nem todos os aspectos da corporalidade de Gustavo são textualizados nos bate-papos, pois nem tudo é possível de ser verbalizado, ou seja, a textualização não engloba totalmente a corporalidade. A masculinidade de Gustavo em articulação com as suas referências culturais, racialidade, e classe, se performatiza de forma profícua, segundo a sua idealização de si, apenas on-line.

A internet neste sentido, abre possibilidades para que Gustavo possa ser “Leke” sem depender dos seus atos corporais. Claro que isso é limitado, mas ele interpreta sua agência online como bem-sucedida e sua “leitura” da experiência precisa ser levada em consideração. Ao manter longo contato com ele em espaços off-line de socialização e paquera, pude verificar que ele é menos bem-sucedido em performatizar seu estilo Leke na visão dos outros envolvidos na interação. Provavelmente, o que se passa tende a forçá-lo a renegociar os termos de sua performance com o passar do tempo, ainda que – por enquanto – continue a buscar seguir uma linha de continuidade entre sua performance online e off-line.

Enquanto Rafael busca se “desracializar” e transformar atributos corporais que poderiam denotar alguma negritude ou africanidade no mais palatável “moreno” (para a

branquitude predominante em São Carlos), Gustavo tende a estilizar essa mesma negritude, acionando elementos que a transformariam de uma marca racial desqualificadora em uma performatividade de gênero virilizante altamente valorizada na cidade. Assim, as percepções que têm Rafael, assim como Gustavo, de suas marcas racializadas, os fazem performatizar segundo suas experiências, ora se afastando, ora se aproximando de identificações racializantes. Ambos são forjados pelas forças sociais que os cercam, mas as suas trajetórias peculiares do dia-a-dia, dão contornos de como usam as mídias digitais, assim como falam à respeito da forma como agenciam as suas marcas racializadas, segundo as possibilidades de vida abertas pela intensidade como são atingidos pelo poder.

Enquanto o Gustavo se agencia como “Leke” para ser reconhecido socialmente em sua racialidade, classe e masculinidade por meio de suas vestimentas, Juliano, de forma similar se agencia pelo modo de se vestir, não para ser um “Leke”, mas antes, como uma forma de borrar a sua racialidade.

Considerando que a sexualidade não é fruto apenas dela mesma, mas que outras diferenças sociais estão imbricadas nela, muitos estudos vêm tomando formas promissoras. Em análise feita sobre “cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo” por Simões, França e Macedo (2010) torna-se compreensível como se articulam as diferenças sociais com a sexualidade. Simões *et. al.* começam elucidando que as diferenças são marcadores de sistemas classificatórios. Estas categorias “definem-se umas em relação às outras, além de atravessarem e circularem por diferentes relações” (p.40) tornando-se sujeitos e atores sociais. A interseccionalidade torna-se, portanto, uma linguagem que expressa hierarquias e desigualdades.

Há uma constatação interessante em relação aos rapazes negros deste estudo que pode nortear significativamente esta pesquisa: marcadores como cor/raça combinam-se a outros marcadores, como a masculinidade. Simões, França e Macedo (2010), constatam que a combinação entre estilo de vestimentas como boné, camiseta regata justa, bermudão e jeans, mais um tipo físico alto e musculoso, com performance de gênero masculina hegemônica e a cor da pele escura produz a figura do “negão”, que normalmente gera expectativas relacionadas a “tamanho de pênis, potência e desempenho sexual acima da média” (p.53). Caso a negritude seja associada a uma performance de gênero oposta à do “negão”, ela passa a sugerir o uso de classificações como as de “bicha-preta”, ou “bicha close”, que são desvalorizadas no eroticamente. De forma preliminar, é possível reconhecer que existem formas peculiares de normatização no nosso país que são reforçadas pelos múltiplos dispositivos sexo/raciais.

Juliano afirma que se identificar com “negro”, o ajuda a arranjar parceiros homoeróticos. Conta que não é tão difícil encontrar parceiros sexuais por conta disso, mas, quase sempre, é requisitado a desempenhar um papel dominador e penetrador em suas relações. Por outro lado, se sente frustrado por conta desse estereótipo de “negão” quando quer ser penetrado ou arranjar parceiros amorosos. Ser reduzido a um “ser sexual”, nem sempre é vantajoso para Juliano.

É preciso tomar cuidado para não associar a performatividade de Juliano com a figura do “negão”. O colaborador se veste com camiseta colada ao corpo, calça jeans, tênis, às vezes usa uma corrente metálica no pescoço e faz academia. Muito pelo contrário, Juliano não se compreende como se fosse um “negão” por conta da forma como se estiliza. Para ele tem a ver com a questão, unicamente, de classe, e não por conta de sua racialidade. Juliano afirma que, se ele se veste mal, as pessoas ficam olhando “torto”, e que poderiam confundi-lo com um mendigo, maloqueiro ou bandido. Para se desvencilhar dessa associação usa roupas caras, de forma que tenha “livre acesso” para frequentar qualquer lugar e ser respeitado.

Embora ele afirme que a forma como se veste não tenha nada a ver com a sua racialidade, acredito que a forma como Juliano se performatiza tenha a ver com “classe” em articulação com suas experiências sociais racializantes que foram subjetivadas e interpretadas por ele como uma violência de classe. Ao contrário da forma como ele se agencia nos bate-papos, se essencializando como negro, no contexto off-line Juliano tenta borrar suas marcas de classe, coladas histórica e socialmente à sua racialidade, se estilizando de forma com que a sua “cor” se apague.

Embora sejam considerados como pressupostos, os meus colaboradores “brancos” descrevem a sua cor na interação, e mais raramente, se descrevem serem brancos logo nos apelidos. Mas se são pressupostos, por que descrevem a sua cor? Pelas minhas observações, ser “negro” ou “moreno” pode até trazer ganhos eróticos, mas é improvável que estes sempre sejam os corpos idealizados como desejável no contexto sancarlense. Onde o pressuposto é ser “branco”, uma pessoa pode até desejar um “não-branco”, mas é mais provável que os desejos estejam de acordo com o que é socialmente desejável.

Guilherme, um de meus colaboradores de pesquisa não se considera “branco”, mas se descreve como tal para buscar parceiros nos bate-papos: “Olha, eu acho que não sou branco. Na verdade não sei o que sou. Mas se eu falo que sou branco, as pessoas não questionam e curtem na boa”. O Guilherme se agencia como “branco”, e ele tem a consciência do que é preciso para ser considerado como tal. O colaborador elucida em sua fala: “Diz aí, você acha que se eu andasse de bicicleta e tivesse uma cor um pouco mais

escura eu ia poder dizer que sou branco? Eu ia ser só baiano pelo meu sotaque. [...] Para ser fita²⁵ a gente tem que se esforçar. A gente é várias coisas ao mesmo tempo, para não parecer o pior a gente tem que ser o melhor”. Instigado com a sua fala, o provoquei: “mas tá, então é só ir para a academia, comprar um carro e ter grana? Se é assim tá fácil para qualquer um”. A resposta de Guilherme vai ao encontro das reflexões sobre a performatividade de Butler (2002, 2010).

Para o Guilherme, não se trata de apenas ter músculos, carro e dinheiro, pois estas coisas em si, não constituem um “branco”: “o que você fala não tem nada a ver po. Não basta ir para a academia e não saber se mostrar depois. Não adianta ter grana e fazer coisa de pobre. Não adianta ter carro e não saber andar nele mascando o chiclete igual um playboy”. Neste sentido nem todos podem ser “brancos” de uma hora para outra, já que se trata de uma performatividade no sentido pensado pela Butler, que mostrei anteriormente.

Se “branco” não é apenas a cor da pele, mas antes conta com outras características coadunadas no corpo. Em suma, não é possível localizar a branquitude em um “branco”, mas ela paira sobre os corpos como um desejo.

Miskolci (2012b), em seu estudo sobre a masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX mostra que a branquitude “é um ideal criado pelas elites brasileiras entre o final do XIX e o início do século XX, o qual adquire mais importância no regime republicano” (p.51). A branquitude, portanto, era um “ideal presente em vários discursos, dos políticos aos médicos e literários, os quais encontravam nela um denominador comum do desejo da nação, valor fundamental que guiava as demandas elitistas de branqueamento de nosso povo” (p.51). Branquear não era, continua o autor,

Apenas ou exatamente um projeto de transformação demográfica, mas também – e principalmente – de moralização da coletividade. A despeito de seu foco em toda a população, tratava-se de um desejo das elites dirigentes, esmagadoramente formada por homens, e que interpretavam a branquitude como um valor próprio que a caracterizava e distinguia do povo. (MISKOLCI, 2012b, p.51).

A branquitude, no entanto, não se refere à questão da cor da pele unicamente, ela diz respeito aos poucos homens brancos de elite que dirigiam a nação. Neste sentido, “ser branco e pobre era um oximoro, por isso as classes populares eram vistas como ignorantes imorais e até ‘selvagens’.” (p.51). As teorias e as práticas higienizadoras não visavam, segundo

²⁵ Uma pessoa fita é aquele que tem gostos sociais de classe média alta.

Miskolci, melhorar a vida das classes populares, mas antes, a “constituição de um cordão sanitário entre elas e as classes altas”. (p.51)

O importante da reflexão suscitada por Miskolci (2012b), é considerarmos que a branquitude não é somente a cor da pele, mas um conjunto de atributos sociais e morais. A branquitude não pode ser naturalizada como uma característica de uma pessoa que tem a cor da pele branca, pois como vimos, a pobreza, por exemplo, pode até mesmo “enegrecer” os sujeitos.

O branco é no caso dos meus colaboradores de pesquisa, um ponto de identificação, a qual melhora a sua imagem socialmente. Reitero novamente que não estou de modo algum pensando em uma identidade coletiva, mas antes um ponto de identificação – a branquitude – e isto nos ajuda a compreender as enunciações discursivas e performatividades que partem dali.

Não entendo as identidades e identificações de modo essencialista ou sistêmico. Para uma melhor compreensão, lanço a mão das reflexões de Stuart Hall (2008), que sugere que o conceito de identidade é estratégico e posicional. De forma totalmente contrária ao que o termo pareça significar, a concepção de identidade “não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história” (p.108), e ela tampouco “se refere, se pensamos agora na questão da identidade cultural, àquele [...] eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma “unidade” imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças” (p.108). Essa concepção aceita que as identidades são “fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (p.108).

As identidades são, portanto, construídas “dentro e não fora do discurso”, elas “emergem no interior do jogo de modalidades especificados do poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão” (p.109).

Como sugeriu Hall (2008), utilizo o termo identidade para

significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2008, p.111-112).

As identidades são representações que são “construídas ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser

ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos” (p.112). Nesse sentido

se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja convocado, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma *articulação* e não como um processo unilateral. Isso, por sua vez, coloca, com toda a força, a *identificação*, se não as identidades, na pauta teórica (HALL, 2008, p.112).

Hall entende a identificação como “um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ – [...] mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (p.108).

Compreender que a identidade é fluida, e que as posições dos sujeitos – e os próprios sujeitos - são criados por meio de articulações, discursos, interpelações e investimentos subjetivos torna claro o modo como alguns de meus colaboradores se compreendem como sujeitos e negociam as suas corporalidades. Como vimos anteriormente, o Gustavo se racializa como “Leke” para se masculinizar e ser reconhecido socialmente, o Juliano se posiciona como “Negro” nos bate-papos e ao mesmo tempo tenta borrar a sua racialidade por meio do consumo, e também há colaboradores como o Guilherme que tenta se posicionar como “branco” para ser melhor desejado.

Como vimos, a branquitude não se refere apenas à cor. Muitos outros componentes sociais são igualmente importantes para a constituição da branquitude, ou melhor, ela só é possível por meio de negociações e articulações das diferenças.

7 A NEGOCIAÇÃO DAS DIFERENÇAS

De repente me conscientizei da contradição da cultura colonial, de como a gente sobrevive à experiência da dependência colonial, de classe e cor e de como isso pode destruir você, subjetivamente. (HALL, 2011, p.390).

Em sua infância, Gustavo se esfregava violentamente com uma bucha para ver se ficava mais claro; ele tinha vergonha de si mesmo por ser considerado “moreninho”. Compreende hoje que isso não adiantava, mas toma precauções para não tomar muito sol e escurecer a cor de sua pele. Tenta se estilizar como Leke para se parecer mais masculino, para que seja respeitado pela sua família e vizinhos, assim como para lhe trazer retornos eróticos.

Juliano era vendedor em um de seus primeiros empregos, certo dia entra na loja uma senhora olhando as mercadorias e não quis ser atendida pelo rapaz por ele ser negro, exigindo outro atendente. Por meio de experiências como essa aprendeu a perceber os olhares: quem o olha e como olha. Hoje se veste impecavelmente, para ser visto com o mínimo de “respeito”, segundo ele, para não ser confundido com “bandido”, “pobre” e “maloqueiro”, e tenta manter uma imagem heterossexual frente à sua família e no trabalho.

Rafael foi aprovado em um concurso público pela instituição onde trabalha atualmente, mas encontrou dificuldades. A despeito do edital do concurso foi dispensado sem tomar posse sob o argumento de que não era “adequado” para a vaga. Foi aberto um novo concurso para que essa vaga fosse preenchida e ele passou como primeiro colocado. Nos seus 12 primeiros meses sofreu assédios, afrontas e menosprezos, cujo fim era fazê-lo desistir do trabalho. Denunciou os agressores, que foram punidos, embora sinta que as atitudes de algumas pessoas disfarçam o preconceito racial. Tenta hoje se ajustar ao modelo familiar e busca educar os seus filhos para que sejam heterossexuais para não sofrerem preconceitos.

Miguel foi xingado de “japa do saco roxo”, olhos rasgados, pinto pequeno e gueixa em sua escola. Aprendeu desde cedo, segundo ele, a ficar calado e sorrir, pois era impossível brigar com todos. Sentiu-se humilhado pelos colegas e afirma ter adquirido um comportamento antissocial. Busca se relacionar com outros homens nas mídias digitais pois se considera tímido demais para criar relações off-line, e isso o ajuda a manter uma presumida heterossexualidade frente aos seus familiares e colegas da faculdade.

O que tentei mostrar até o momento neste capítulo foram algumas experiências de racismo que são um dos constituintes das subjetividades dos meus colaboradores que foram racializados socialmente. No entanto, não podemos criar discursos vitimizadores, como se esses corpos fossem apenas o fim, o alvo do racismo. Os corpos são antes de qualquer coisa fins e meios, um lugar sem lugar em que os poderes são reproduzidos.

Não estou fazendo apologia ao racismo, nem tampouco estou querendo tirar o peso destrutivo dos racismos. O que quero mostrar é que os sujeitos não são apenas vítimas, mas também atores/reprodutores sociais.

Como vimos nos capítulos anteriores, os meus colaboradores buscam o reconhecimento social até mesmo de forma subjetiva, que é quando os sujeitos performatizam. O fato de que os meus colaboradores “brancos” afirmem que não tiveram nenhuma experiência de racismo não significa que são neutros. Como vimos, a branquitude não se trata exclusivamente da cor da pele, mas é a coadunação de outros atributos sociais valorizados socialmente, que devem ser por sua vez performativizados pelos sujeitos.

O Jorge acredita que não existe racismo, e que as formas como se dão os relacionamentos são igualitárias. *“Para mim não tem dessa, eu fíco com qualquer um desde que seja bem macho, pois acho que seres humanos são todos iguais”*, afirma o Jorge que tem em sua foto de apresentação do Skype, a imagem focada em um seus olhos verdes, na qual percebemos também que seus cabelos são da cor castanho-claro. Vemos aqui que o poder racializante perpassa pelo Jorge sem nem mesmo ele perceber quando seleciona as suas fotos para buscar parceiros.

Gustavo, Miguel e Juliano não buscam escolher parceiros, mas esperam ser escolhidos para evitar a frustração de serem rejeitados. Se essencializam em posições sociais racializadas mesmo que desvalorizadas socialmente, para que sejam “cortados” e considerados como abjetos antes de qualquer investimento emocional que possam fazer em suas buscas desejantes, já que o corte posterior poderia trazer-lhes mais constrangimentos. Nesse sentido, os meus colaboradores que são racializados socialmente, “não podem” escolher e nem buscar parceiros em relações homoeróticas no contexto sancarlense. Pelo contrário, quem pode escolher e ser correspondido sem maiores problemas é quem tem a branquitude, que por estar em uma posição privilegiada, tem a foice para separar o que é desejável ou indesejável.

É claro que meus colaboradores não estão presos na hierarquia do poder, como vimos, eles se agenciam: são eles Rafael, Leke, Negro, Japa, que até mesmo tentam se “embranquecer” buscando se relacionar com aqueles que são reconhecíveis como “brancos”, seja por meio da escolaridade ou até mesmo pelo modo de se vestir. Esse é o paradoxo do poder, pois ele não é somente repressivo, é também produtivo: produz corporalidades, subjetividades e formas de agência. Mas o que não podemos ignorar é que o que se produz, a partir da experiência de racialização, é a resposta (objetiva ou subjetiva) contra as formas de opressão. Não quero reduzir os agenciamentos de “brancos” – eles são igualmente agências –,

mas esses agenciamentos os colocam em uma posição privilegiada nas relações de poder, enquanto que outros agenciamentos, a partir da experiência de racialização, tentam, sob um alto custo subjetivo, se colocar em uma posição minimamente reconhecível e desejável.

Nem sempre um “branco” anda em seu carro importado, tem músculos trabalhados na academia, dinheiro, peso desejável, altura modelar ou a beleza valorizada socialmente. Existem brancos de cor sem a branquitude. Estes também agenciam os seus atributos corporais, como no caso de um sujeito com quem interagi no bate-papo uma única vez, que me contou que, por ser demasiadamente magro e “sem grana”, nos termos dele, apenas “bate uma punheta” na webcam. Embora ele use como atrativo em sua busca a sua cor e o tamanho de seu pênis, ele conclui que *“nunca vou poder ser os gostosinhos da USP, tá ligado?”*

Nesse sentido o Brad Pitt – renomado ator americano –, pode estar em desvantagem por conta de sua idade nos bate-papos, já que, como vimos, o conhecimento que se tem de uma pessoa precede a atração, por conta de que a pessoa está transformada em texto. Mas o Brad Pitt, embora esteja em desvantagem por conta do atributo etário, tem como negociar uma de suas diferenças que é expressivamente difundida e reconhecida socialmente: a sua branquitude²⁶.

Todos os meus colaboradores de pesquisa precisam negociar as suas diferenças, sejam elas de renda, geracional, escolaridade e corporal, mas elas estarão inevitavelmente articuladas à sua racialidade, que pode ser valorizada ou desvalorizada socialmente. O racismo, neste sentido, é um dos eixos de desigualdade que mais promovem a hierarquização dos desejos.

Muitas vezes ilhados em seus desejos, as suas subjetividades podem ser até mesmo destruídas. Gustavo está “na bad”, ou seja, depressivo quase toda semana, e afirma não estar feliz com ele mesmo. Deseja se relacionar com Leles, o que lhe dá “tesão”, mas busca encontrar parceiros “ricos”, “brancos”, “másculos” e “bonitos” para poder mostrar às “recalcadas” – invejosas –, para que elas digam: *“Olha lá o Gustavo com aquele cara!”*. Gustavo busca por reconhecimento social tentando se relacionar com pessoas mais bem colocadas socialmente. Em uma de nossas interações em um bar, pedi para ele apontar o dedo para a pessoa que seria o seu “par perfeito”. Ele apontou para dois rapazes brancos,

26 Como mostrou Miskolci (2012, p.121), a branquitude não pode ser imaginada apenas em termos cromáticos. Nos Estados Unidos, o Brad Pitt é visto como quem tem traços indígenas, mas no contexto Brasileiro, o Brad Pitt pode ser visto como um branco, um ideal a ser alcançado – pelo menos é o que mostrou Gustavo.

universitários, aparentemente “bem vestidos”, másculos e com a corporalidade modelar de academia.

Torna-se visível que o Gustavo, cuja vida fora marcada pela vivência cotidiana de preconceitos contra negros e homossexuais, busca – compreensivelmente – se afastar das marcas reconhecíveis da homossexualidade, tentando se relacionar com homens brancos e “m másculos” para “apagar” as marcas da diferença.

Pela insistência de Gustavo, fomos para uma festa de república realizada em um bairro universitário. Embora Gustavo diga que gosta de se relacionar com “branquinhos”, ele se ofendeu, acredito eu, pela enorme distância social que existia entre ele e os universitários no quesito racialidade, escolaridade, gostos musicais e renda. Fomos embora rapidamente, depois que ele anunciou: “*Vamo bora, não tou me sentindo bem aqui*”.

Ser “Leke” nos bate-papos, pode até trazer ganhos eróticos, mas criar a partir daí relacionamentos duradouros se torna um desafio muito grande para Gustavo. Os desejos sexuais construídos socialmente, assim como a sua busca pelo reconhecimento, são “cortados” pela foice da branquitude e das diferenças sociais, que hierarquizam e, até mesmo, impedem que os relacionamentos tenham sequer a possibilidade de um início.

Os meus colaboradores de pesquisa estão sempre sozinhos, buscando alguém que nunca encontram, e que, quando encontram, são pessoas “desinteressantes” ou que “não fazem o tipo”, segundo eles. Somente o Gustavo encontrou recentemente um rapaz com quem mantém um relacionamento sério, mas que é muito “estranho”, segundo seus amigos, que afirmam que ele poderia ter procurado “alguém melhor”.

A busca online é, portanto, uma “prisão” a ideais que parecem nunca se concretizarem para além de poucas relações sexuais fortuitas. A fixação pela busca e nunca encontrar alguém não pode ser atribuída apenas a injustiças nos recortes de raça. Os meus colaboradores, como vimos, buscam brancos, com sinais de boa inserção social. As buscas que nunca terminam têm suas razões: a primeira delas é a de que as pessoas com os atributos que tanto são desejados são escassas e quase inacessíveis àqueles que não estejam no foco do desejo, ou melhor, as pessoas buscam se relacionar com pessoas que tenham minimamente similaridades sociais, como mostra o Ricardo que só se relaciona com “brancos”. Ao questioná-lo o motivo ele dispara: “não curto japas [...] rosto, olhos puxados, cabelos pretos. [...] não curto indígenas também por parecer japa. [...] não curto morenos, moreninhos também. Prefiro branquinho, lisinho, limpinho.”; a segunda razão, que atrapalha a primeira, tem a ver com o contexto da cidade, com poucos espaços de sociabilidade homoerótica, o que inviabiliza os relacionamentos que tenham similaridades sociais, já que usualmente

compartilham dos mesmos espaços, como mostra Miguel – que não sai muito – ao não se relacionar com aqueles que estudam na mesma universidade que a sua. A terceira razão é a de que são restringidos a se relacionar por conta da falta de recursos financeiros, controle familiar, faculdade, trabalho e etc., que impedem, mesmo que subjetivamente, a concretização dos relacionamentos. Esta última razão fica clara quando vemos que Gustavo e Juliano moram com seus pais e Rafael com seus filhos, mantendo uma presumida heterossexualidade. A frustração na busca e/ou escolha não é compreensível apenas pelo regime erótico local em torno dos homens brancos de elite, mas na própria incapacidade dos meus colaboradores de negociarem seus desejos com os constrangimentos sociais que vivem.

Percebi que existe algo, que parece estar naturalizado, que faz com que as pessoas racializadas geralmente esperem ser escolhidas, enquanto aqueles que são considerados “brancos” escolhem os seus parceiros em relações mediadas digitalmente. O que rege a busca nesse caso é a branquitude, que parece pairar sobre as relações como um ideal ou como um desejo.

Ao pensar sobre a branquitude, não poderíamos esquecer, no entanto, do Outro excluído, mas que é constituinte de branquitude. Hall (2008), mostra que “como todas as praticas de significação, ela esta sujeita ao ‘jogo’ da *différance*.” (p.106). Neste sentido o autor conclui o argumento dizendo que

uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2008, p.106).

Mas como pensar então a branquitude no contexto sancarlense? Este atributo naturalizado como um ideal a ser buscado ou mantido é constituído pelo Outro, que é excluído, mas que a constitui. Este Outro, no caso desta pesquisa, é um espectro, um fantasma que assombra e constitui a branquitude como uma diferença.

Segundo Alvin (2000), o desconstrucionista Jacques Derrida define os fantasmas ou os espectros como “formas sem forma, que ainda assim, consegue tomar uma forma, podendo sempre se fazer presente de forma imprevisível. [...] É algo que não está nem presente, nem ausente [...] mas com o que devemos aprender a conviver” (p. 141).

Miskolci (2011) em “Frankenstein e o espectro do desejo” mostra que, segundo a socióloga norte-americana Avery F. Gordon,

a literatura que lida com espectros constitui fonte quase inexplorada, mas cuja análise permitiria uma melhor compreensão da relação entre história, subjetividade e vida social. Para explorar essa interseção seria necessário romper criticamente com uma epistemologia que considera o empírico como apenas o material, o evidente e o real desenvolvendo uma sociologia mais atenta ao afetivo, ao cultural e à experiência. (MISKOLCI, 2011, p.314).

O fantasma é, segundo Miskolci (2011), uma figura social de violência e dano, os quais “assombram os vivos com a demanda de reconhecimento das injustiças que lhes foram infligidas” (p. 314) e o caráter múltiplo deste um constituído de muitos

lembra a ideia inicial de Freud sobre o inconsciente como um lugar onde todos os Outros vivem de nós mesmos. Outros sociais, portanto, todos os condenados, marginais, excluídos ou reprimidos, os que cruzaram a linha da transgressão-subversão da ordem, dos valores ou da moral vigentes. (MISKOLCI, 2011, p.316).

O fantasma da negritude, e de suas articulações, assombra os meus colaboradores de pesquisa e os faz buscar reconhecimento de diversos modos. Como vimos, o Juliano tenta se “embranquecer” por meio da forma como se veste, Gustavo e Miguel buscam relacionamentos amorosos/sexuais com “brancos” bem alocados socialmente, Rafael evita se relacionar com pessoas, segundo ele, “horrorosas”, e o Jorge seleciona aqueles com similaridades sociais.

É interessante notar que o Jorge evita ao máximo se relacionar com pessoas racializadas, e quando o faz, pede a discrição, que não diz respeito somente ao sigilo por conta do risco de tornar público os seus desejos homoeróticos, mas também para não ser associado, entre os seus amigos e conhecidos, como aquele se relaciona com pessoas diferentes: “*se descobrirem ou ser visto por aí com alguém que não é muito ‘bacana’, você sabe do que estou falando, não pega bem né*”.

Gustavo, Juliano e Miguel afirmam que são sistematicamente rejeitados por conta de suas racialidades e reconhecem um grau de racismo que impede a concretização do relacionamento. O Jorge diz que “*não tem dessa*” e que todo mundo é igual, mas ao questioná-lo se relacionar-se-ia com um “negro” ou um “japa”, a resposta foi a de dizer que é “*questão de gosto*”, e que nas palavras dele: “*não curto japas, negros e derivados*”.

A minha intenção aqui não é a de contrapor “negros e japas” *versus* “brancos”, mas antes, mostrar que, no contexto sancarlense, onde todos parecem ser assombrados pelo fantasma da negritude e da homossexualidade, os sujeitos se agenciam se masculinizando, e buscando se “embranquecer” por meio do consumo, relacionamentos amorosos/sexuais, ou, até mesmo, tentando manter a sua posição por meio de cortes, separando aqueles que são

relacionáveis, daqueles que devem ser evitados a qualquer custo para não acabar se “enegrecendo”.

Não é possível afirmar que no contexto interiorano exista mais homofobia ou o racismo do que nas grandes cidades. Antes, precisamos compreender que são consequências de dispositivos contextuais, ou seja, o fato de que os critérios de seleção sejam elevados no contexto sancarlense, diz respeito aos fantasmas que assombram radicalmente os corpos que buscam ser reconhecidos em ideais valorizados socialmente em um circuito pequeno, onde o risco de ser descoberto em sua sexualidade, ou de ser visto com alguém com diferenças constituídas negativamente, pode trazer consequências reais, afetando o grau de reconhecimento social que é almejado pelos meus colaboradores. O Gustavo é um bom exemplo: ele busca se “embranquecer” – não no sentido cromático – pela “ostentação” e tenta, por meio dela e de suas outras referências culturais, se masculinizar já que, para ele, se tornar “pretinha” seria um pesadelo.

Fazendo um paradoxo, Hannah Arendt (2000) mostrou que os movimentos totalitários tinham que fazer um empreendimento muito grande, e caro à vida das pessoas, para que continuassem a se identificar com o totalitarismo, já que para a autora, não à toa eram “movimentos”, e não simples modos de governo estabilizado. Tinham que estar sempre em movimento, fazendo propagandas, destruindo subjetividades e vidas para que as pessoas não deixassem de se identificar com o movimento que prometia o mundo, mas teriam que estar ou dentro ou fora do trem da “superioridade”. O que acontece atualmente não difere tanto, basta observarmos os modelos, filmes e novelas onde galãs são “brancos” representados socialmente como desejáveis. Embora seja superficial fazer estes apontamentos sem antes buscarmos, genealogicamente, a construção histórica em um jogo de poder contextualizado, apenas indico que as formas pelas quais os mecanismos do desejo atuam não se resumem nem às ideologias nem às instituições, mas antes, juntas como uma força devastadora, que moldam, conseqüentemente, o modo como os corpos estão sendo negociados a partir dos bate-papos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo evidencia que os bate-papos voltados para o público da cidade de São Carlos estão sendo usados majoritariamente por homens que desejam se relacionar com outros homens amorosa-sexualmente, e o uso de cor/raça/etnia na seleção de parceiros homoeróticos compõe alguns, entre diversos outros, mecanismos de classificação social que ordenam inteligibilidade e distribuem hierarquias. Tentei evidenciar, no contexto de uma cidade média do interior paulista, como estas negociações estão se dando.

Foi possível, por meio de uma longa etnografia que articula as esferas on e off-line, refletir sobre como os corpos e os prazeres estão sendo forjados. Acompanhei sete colaboradores de pesquisa, que, por meio de suas percepções, me permitiram visualizar os contornos de uma gramática erótica articulada aos processos de racialização na produção de corpos (in)desejáveis.

Apresentei nessa pesquisa a forma como estas negociações estão se dando, especificamente no meu campo, que é um contexto localizado. O “armário” em São Carlos, por exemplo, certamente não é o mesmo de outros contextos sociais. Tomei as teorias sociais e outros estudos similares apenas como um “pano de fundo”, que ajuda a entender o que se passa no meu campo, e tento não tomá-las como universais. As diferenças são contrastadas pelo campo, que as evidencia em suas características próprias, que não devem ser “achataadas” por uma tentativa de dedução irrefletida.

Cada categoria como “Negros”, “Branços”, “Morenos” e “Japas” é forjada historicamente, e certamente atinge os sujeitos por meio da racialização, que, em articulação à sexualização, cria corporalidades e estereótipos, o que conseqüentemente molda a gramática erótica. Nos bate-papos, essas corporalidades são agenciadas nas buscas desejantes, e as formas como elas são negociadas variam de contexto para contexto, e este estudo pretende ter evidenciado como elas se dão em São Carlos.

Preliminarmente posso afirmar que os homens que desejam homoeroticamente outros homens usam os bate-papos por serem constrangidos socialmente, e isto remodela as formas como os corpos são negociados. As masculinidades se articulam a vários outros “entes” subjetivos, entre eles às racialidades. Diferente de estarem sem força de ação por estarem classificados e ordenados hierarquicamente, os sujeitos usam as suas marcas racializadas (ou não) para negociar seus copos. Esta forma inovadora de negociar, por meio da textualização de si permitida pela internet, borra e permite que as corporalidades sejam facilmente manipuladas e propositalmente descontextualizadas.

As formas como isto se dá dependem de como, em um contexto específico, os corpos são agenciados. Vimos casos interessantes como o de Rafael, que busca se “desracializar”, Gustavo que “estiliza” a sua “racialidade” e Juliano que usa o mesmo apelido racializado, não pela lógica mercadológica, como afirma Illouz (2011), mas antes para ser localizado pelas pessoas que usam os bate-papos e não desejam trocar contatos para continuar a relação, mesmo que tenham gostado.

Este último fato, me levou a confirmar uma questão que já desconfiava há algum tempo: não todos, mas a maioria das pessoas parecem buscar sexo nos bate-papos, justamente por serem plataformas que permitem, caso queiram, não deixar rastros. O sexo é para estas pessoas – que vivem em um contexto social como o sancarlense – uma das únicas formas de acessar o outro sem que tenham compromissos de levar uma relação amorosa ou duradoura, já que não podem expressar seus afetos no dia-a-dia.

Em suma, o modo pela qual as mídias digitais estão sendo usadas em São Carlos, não é o mesma das grandes cidades estudadas por Miskolci (2012a) e Zago (2009). A lógica do uso dessas mídias, ao contrário da análise que apresenta Illouz (2011), mostra que o que rege o contexto de uma cidade como São Carlos, é mais a escassez de parceiros do que a sua grande oferta. A escassez não se refere apenas à quantidade de homens que buscam se relacionar com outros homens nos bate-papos, mas ao fato de que as pessoas buscam outras pessoas com similaridades sociais, ou até mesmo de nível educacional, faixa de renda, racialidades e masculinidades mais valorizadas hierarquicamente.

Embora as buscas desejantes nos bate-papos se voltem majoritariamente para a concretização de relacionamentos sexuais, não podemos naturalizar estas buscas como apenas sexuais. Os bate-papos são, antes, usados como uma “válvula de escape” em uma cidade em que ser conhecido como homossexual ainda é algo extremamente negativo, gerando insegurança subjetiva e riscos reais de retaliações morais e/ou agressões físicas. O fato dos meus colaboradores estarem frustrados amorosamente, e buscando basicamente sexo, demonstra que não é esperado socialmente que se envolvam em relacionamentos duradouros. Se manter solteiro, ou em uma “eterna” busca de parceiros sexuais, é uma estratégia de sobrevivência em que a incerteza sobre sua real sexualidade provê segurança, em alguns casos uma “presumida heterossexualidade”, ou seja, o desejo de se relacionar amorosamente com outros homens de forma duradoura também existe, mas se encontra imobilizado por conta da depreciação das sexualidades homoeróticas em um ambiente presumidamente “heterossexual”. Viver como heterossexual, não é uma simples interpretação teatral, mas antes “‘passar por’ não é uma opção, antes uma estratégia de sobrevivência em um contexto

social hostil, no caso, heterossexista. “Passar por” é uma performance contínua, reflexiva e que demanda um alto grau de autocontrole subjetivo e corporal dos sujeitos.” (MISKOLCI, 2014, p.18).

Talvez a sexualização seja o que melhor define esse contexto heterossexista do interior, pois ele tende a fazê-los se compreenderem a partir da própria (homo)sexualidade, como se tudo o que são e fazem fosse produto do desejo por pessoas do mesmo sexo. Diferente dos relacionamentos heterossexuais, os quais não tem tanta centralidade no sexo, o que parece marcar os relacionamentos homoeróticos é uma forte sexualização.

Os meus colaboradores parecem viver em torno da sexualização como o próprio cerne de suas relações, mas isso não é natural, e sim socialmente engendrado. Antes de serem homossexuais eles são homens, e foram criados em uma cultura machista que associa o ser homem à eterna busca por sexo como, por exemplo, o Miguel, que mostra que em sua casa, onde morava com seu pai, os seus irmãos e primos passavam horas falando sobre a “mulherada”, e o pai de Juliano pergunta a ele, às vezes, “*cadê a namorada?*”. Percebo que os sujeitos são, deste modo, convocados subjetivamente a reproduzir performaticamente essa busca como algo compulsório.

Para a maioria das pessoas é “normal” que tenham que viver de modo presumidamente heterossexual, mas para os homo-orientandos que não conseguem performatizar a sua masculinidade de modo que se ajuste àquela aceita socialmente, essa situação é, até mesmo, opressora. Onde quero chegar é que o “normal” não é neutro e a sociabilidade interiorana gira em torno da heterossexualidade, ela é um pressuposto em casa, no trabalho, na escola, e viver sob esse “pressuposto”, que é também compulsório, é muito difícil e até doloroso para muitas pessoas. Uma ordem social heterossexual como a sancarlense, faz com que os meus colaboradores busquem ser reconhecidos como heterossexuais. É a cumplicidade dos meus colaboradores com a tão valorizada heterossexualidade que pauta as suas forma de vestir, de se comportar e, por fim, mas não por menos, até mesmo a busca de parceiros sexuais e amorosos.

Em um contexto em que a heterossexualidade é tida como norma, as relações homossexuais tendem a ser relegadas ao segredo e à invisibilidade, mas também, por consequência disso, acabam sendo levadas a serem “sexualizadas”. Relações sexuais ocasionais e sem compromisso, portanto, não são a “escolha” dos sujeitos de pesquisa, mas sim o que a sociedade os incentiva, pois sem vínculos duradouros mantém-se sua invisibilidade e eles mantêm uma “presumida” heterossexualidade no convívio cotidiano.

Miskolci (2014) afirma, em sua leitura sobre Sedgwick, que “visibilidade ou invisibilidade estão intrinsecamente associadas a regimes de verdade, a códigos morais, a valores que fogem ao controle dos indivíduos” (p.17). Neste sentido, o autor considera que

o duo armário-assumir-se é não apenas algo cuja dinâmica é circunscrita predominantemente à experiência norte-americana das classes superiores brancas, mas, principalmente, é apenas uma das formas de articulação entre visibilidade e regime de verdade, entre o que uma sociedade reconhece como existente dentro de um enquadramento moral. Há outras formas diferentes, inclusive nos Estados Unidos, de vivenciar e negociar a experiência de se engajar em relações amorosas e/ou sexuais com pessoas do mesmo sexo com as demandas familiares e sociais de heterossexualidade. (MISKOLCI, 2014, p.18).

O sociólogo sugere, enfim, que “voltássemos nosso olhar também para as pessoas que vivem suas relações em segredo buscando compreender que suas estratégias e táticas respondem a constrangimentos sociais que precisamos identificar e analisar.” (p.18).

Nos Estados Unidos, os bate-papos encontram-se “abandonados”, em contraste ao crescente uso de aplicativos de smartphones para a busca de parceiros em relações homoeróticas. Na cidade de São Paulo, os bate-papos parecem estar em decadência, mas é ainda incerto que as mais recentes tecnologias sejam viáveis em um contexto onde não existem condições estruturais, como transportes públicos e segurança eficiente, para facilitar os encontros²⁷.

Em São Carlos, embora o uso de smartphones esteja cada vez mais popularizado, o uso dos bate-papos parece não ter sido substituído expressivamente. As principais queixas entre os meus colaboradores de pesquisa é a de que usar os aplicativos com geolocalizadores não expande as possibilidades de relacionamentos, mas ela permite, segundo eles, ver “*os vizinhos que são do babado que são sempre as mesmas pessoas*”, e constitui até mesmo uma ameaça, caso esqueçam de desligar o aplicativo no ambiente de trabalho e na faculdade, o que poderia trazer problemas ao serem “descobertos”. O uso dos bate-papos em São Carlos parece ainda estar bastante popularizado, e a sua decadência ainda parece longe de começar, pois o contexto é marcado pela escassez de parceiros, que diz respeito às diferenças, motivo pelo qual são obrigados a estarem integrados nos poucos circuitos existentes na cidade, inclusive os chats.

27 Palestra intitulada “San Francisco e a nova economia do desejo” proferida pelo Prof.Dr. Richard Miskolci na Universidade Federal de São Carlos no Departamento de Sociologia em 20 de novembro de 2013.

Como já indicado anteriormente por Miskolci (2014), o “armário” não dá conta para entender o que se passa em diversos outros contextos sociais e épocas, se não a analisada por Sedgwick (2007). É produtivo, como apontou o sociólogo, pensar a (in)visibilidade como contextual, o que certamente é diferente no Brasil, em especial no interior de São Paulo. Afinal, os meus colaboradores saem, paqueram e tem/podem ter parceiros, mesmo que seus familiares até desconfiem que sejam gays. Há um novo regime de visibilidade em ação, não mais um férreo binarismo do dentro/fora.

O meu campo mostrou que nenhum dos meus colaboradores se aventurou em casar e ter filhos para agradar à família, portanto, o armário clássico para eles nem é vislumbrado. O que se passa é uma negociação da visibilidade de suas relações com outros homens, que é algo mais sutil e particular, que espero ter apresentado nesta dissertação.

Articulados com a sexualidade, outras diferenças como de “raça”, renda e escolaridade, também impõe fronteiras subjetivas que dificultam, e até mesmo impedem, a concretização de relacionamentos amorosos. Mais do que apresentar as razões individuais do uso de bate-papos, é preciso compreender que elas respondem a restrições coletivas, no caso morais. Há uma moralidade racista e heterossexual em ação em São Carlos que se reflete diretamente sobre os termos em que os corpos estão sendo negociados nos bate-papos. “*O amor que não ousa dizer o seu nome*” não mede esforços para interpelar as diferenças sociais, hierarquizando-as. A promessa de que a internet estaria democratizando os relacionamentos amorosos/sexuais não passa de um mito quando percebemos que a foice da branquitude e das diferenças estão mais afiadas, prontas para cortar da esfera do desejável, aqueles que carregam em suas corporalidades os atributos negativados. Se não há cortes, os relacionamentos pautados a partir de estereotipação e exotização são, igualmente, uma relação de violação de corpos, o que não deixa de ser racismo.

Embora esta pesquisa, delimitada ao contexto da cidade de São Carlos, tenha indicado apenas de modo preliminar as formas como as marcas raciais estão sendo agenciadas e negociadas por meio do uso das mídias digitais, em especial os bate-papos, existe, sem dúvida, a necessidade de que sejam feitas estudos como este em outros contextos interioranos brasileiros, pois estes são pouco estudados, e, em referência a outras cidades brasileiras de outros estados, São Carlos não é interiorana, mas pesquisá-la trouxe contribuições importantes para compreender os processos de sexualização e racialização no Brasil, o que apontou para uma miríade de relações que contestaram os estudos feitos em grandes centros metropolitanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Luiza Beatriz Amorim Mello. Derrida: uma reflexão sobre a herança europeia e a desconstrução do eurocentrismo. In: NASCIMENTO, Evendo e GLENADEL, Paula (orgs.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BELELI, Iara. Amores Online. In: PELÚCIO et al. **Gênero, Sexualidade e Mídia: Olhares Plurais para o Cotidiano**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, jan./jun. 2006, p. 329-376.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**, n. 03, 2009, p. 75-95
- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (org). **Sexualidades Transgressoras – uma antologia de estudos queer**. Espanha: Icaria editorial, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.. **Nas Redes do Sexo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Conectadas: uma análise de práticas de ajuda-mútua feminina na era das Mídias Digitais**. São Carlos, UFSCar, 2009. (Dissertação de mestrado).
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 1993.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org.); Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- _____. Quem precisa de identidade?. In. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.p.103-133.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: Limite e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, v. 1, n. 01, jul/dez 2007

KULICK, Don. **Travesti** – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2013.

LEWGOY, Bernardo. A invenção da (ciber)cultura. Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. **Civitas Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, Vol. 9, Núm. 2, maio-agosto, 2009, p. 185-196.

MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. **LASA**, 2012a.

_____. Comentário. **Cadernos Pagu** no.28 Campinas. Jan./June 2007, p. 55-63.

_____. Frankenstein e o espectro do desejo. **Cadernos Pagu** [online]. 2011, n.37, pp. 299-322.

_____. O armário ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. In: **Gênero**. Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, 2009. V.9, n.2, p.171-190.

_____. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Anablume, 2012b.

_____. **Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais**. Mimeo. 2014.

_____. Networks of desire: The Specter of aids and the Use of Digital Media in the Quest for Secret Same-Sex Relations in São Paulo. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, Brasília**, v. 10, n. 1. 2013. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v10n1/richard-miskolci-networks-of-desire/>>. Acesso em: dia/mês/ano.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre a “raça”, (homo)sexualidade e desigualdade no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 14(1):336. Janeiro-Abril 2006. p. 103-116.

_____. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir do espaço on-line**. UNICAMP, 2008. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social)

PEIRANO, Mariza. A favor da Etnografia. **Série Antropologia**, Brasília, n. 130, 1992. p.67-102. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>>. Acesso em: dia/mês/ano.

PELÚCIO, Larissa et al. **“A vida é curta, curta um caso” – O mercado dos afetos e as tensões entre familismo e experimentalismos nos sites de traição no Brasil**. São Paulo: RBA, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: Representações Raciais na Pornografia Gay. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), v. -, 2012, p. 159-195.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v.11, n.2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social In: **Journal of World Systems-Research**. Vol. XI, n.2, 2000.

RIBEIRA, Fabio Ricardo. O estranho enjaulado e o exótico domesticado: reflexões sobre exotismo e abjeção entre nipodescendentes. in: MACHADO, Igor José de Reno (Org). **Japonesidades multiplicadas: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 87-114.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de Mulheres: notas sobre a economia política do sexo**. *Mimeo*. s/d

SANTOS, Luís Henrique s. dos, ZAGO, Luiz Felipe. Corpo, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 12, n.2, jul./dez. 2011, p. 39-56

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. São Paulo: Enigma, 2012.

SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da Experiência In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu**. n.28, 2007. p. 19-54

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: Maria da Glória Bonelli & Martha Diaz Villegas de Landa [Orgs.]. **Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013. p. 33-60.

SIMÕES, Júlio Assis, FRANÇA, Isadora Lins e MACEDO. Jeitos de Corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**. n. 35, 2010. p.37-78.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other**. New York, Basic Books, 2011.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponível.com**: como se dizer homem gay na internet. Porto Alegre, UFRGS, 2009. (Dissertação de Mestrado em Educação).

_____. 2013. **Os Meninos** - Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7-72.

YOUNG, Robert. O Colonialismo e a Máquina Desejante In: **Desejo Colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 2005.